

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

MARIELZA MARTINS PEINADO

**JOGOS DESPORTIVOS DO TRIÂNGULO TUKANO:
O ESPORTE COMO FATOR DE INTERCULTURALIDADE**

**Manaus - AM
2025**

MARIELZA MARTINS PEINADO

**JOGOS DESPORTIVOS DO TRIÂNGULO TUKANO:
O ESPORTE COMO FATOR DE INTERCULTURALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, como requisito obrigatório para obtenção de título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1 – Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

CAAE: 86880425.8.0000.50201

Orientadora: Dra. Artemis de Araújo Soares.

Coorientador: Dr. Michel Justamand.

**Manaus – AM
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- P377j Peinado, Marielza Martins
 Jogos desportivos do Triângulo Tukano: o esporte como fator de
 interculturalidade. / Marielza Martins Peinado. - 2025.
 101 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Artemis de Araújo Soares.
 Orientador(a): Michel Justamand.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
 de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.
1. Esporte. 2. Jogos tradicionais indígenas. 3. Interculturalidade. 4.
 Brincadeiras. 5. Triângulo Tukano. I. Soares, Artemis de Araújo. II.
 Justamand, Michel. III. Universidade Federal do Amazonas. Programa de
 Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. IV. Título
-

JOGOS DESPORTIVOS DO TRIÂNGULO TUKANO: O ESPORTE COMO FATOR DE INTERCULTURALIDADE

Marielza Martins Peinado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, linha de Pesquisa, 1 – Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

Orientadora: Dra. Artemis de Araújo Soares.

Coorientador: Dr. Michel Justamand

Aprovada em 29 de abril de 2025

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Artemis de Araujo Soares/UFAM (**Presidente**)

Prof. Dr. Adan Renê Pereira da Silva/UFAM (**Membro interno**)

Prof. Dr. Jefferson Jurema da Silva/UEA (**Membro externo**)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Rafael Peinado, *in memoriam*, e a minha mãe Adalzina Martins, que juntos lutaram incansavelmente para que eu tivesse a oportunidade de estudar. Dedico ainda ao meu filho, Rafael Peinado de Macedo, por ser a minha coragem diante dos desafios diários, por me fazer sorrir quando desejo chorar, por ser a minha perseverança quando pretendo desistir, por me fazer renascer das cinzas a cada dia, por ser a minha superação a cada minuto, por ser a minha serenidade ao anoitecer, e por ser a força que me move a cada amanhecer...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Nomeio aqui a Dra. Marilene Corrêa, o Dr. Caio Solto, o Dr. Harald Sá Peixoto, a Dra. Heloísa Helena Silva, a Dra. Iraildes Caldas Torres, o Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos, o Dr. Agenor Cavalcanti, o Dr. Luiz Carlos, o Dr. Ludolf Waldmann Júnior, o Dr. Nelson Noronha, o Dr. Sidnei Peres, o Dr. Bruno Rodrigues, o Dr. Michel Justamand, a Dra. Livia Penedo Jacob, e em especial, à minha orientadora, Dra. Artemis de Araújo Soares, por conduzir esta fase com perfeição e muito profissionalismo. Agradeço, ainda, à colaboradora Ana Lúcia Cavalcante dos Santos, pelas valiosas dicas no decorrer da escrita acadêmica.

Gratidão a todos pelos ensinamentos, por compartilharem conosco seus conhecimentos, experiências pessoais, profissionais e científicas.

Agradeço, principalmente, aos articuladores desta ação: a Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres e o Prof. Dr. Sylvio Puga Ferreira, Reitor da UFAM, e aos colegas que contribuíram neste processo, Lorena Araújo e João Ubiraci Júnior.

Expresso também meu agradecimento à Dra. Marinete da Silva Vasquez, amiga e professora do período preparatório para ingresso no mestrado, e aos professores e lideranças que iniciaram e continuaram a luta para que a UFAM pudesse oferecer o curso de pós-graduação do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia, no nível de mestrado, para São Gabriel da Cachoeira.

Aos colaboradores da pesquisa, pela paciência e disponibilidade em contribuir com este estudo.

Agradeço à gestora da escola em que atuo, a Professora Jacinara Ótero de Macedo, pelo apoio durante esse período.

E, por fim, às minhas filhas, por apoiarem meus estudos durante a fase do mestrado, e ao meu bom Deus por permitir que eu chegasse até aqui. A todos, minha eterna gratidão!

RESUMO

O estudo propõe uma reflexão voltada aos jogos do Triângulo Tukano, de modo a apreender as interconexões entre o fortalecimento sociocultural, identitário e os diálogos interculturais na região. Para melhor entendimento, busca-se identificar as práticas desportivas desenvolvidas nessa região, evidenciar o histórico de criação dos jogos do Triângulo Tukano, os sujeitos sociais que idealizaram os jogos, as motivações para a realização do evento, e verificar de que forma os jogos contribuem para os diálogos interculturais. O estudo compreende as comunidades de Taracúá, Iauaretê e Pari Cachoeira, no Alto Rio Negro, região pertencente ao Triângulo Tukano ao município de São Gabriel da Cachoeira. A metodologia adotada é de natureza interdisciplinar, combinando pesquisa de campo com pesquisa bibliográfica, utilizando como base de referências dissertações, teses, artigos, revistas científicas, que tratam de questões relacionadas à temática, além da análise de documentos, tais como, histórico de criação e lei que regulamenta os jogos. Dentre outros recursos metodológicos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas sob perspectiva narrativa para ouvir os líderes indígenas e organizadores do evento, atletas e ex-atletas. Os sujeitos sociais que contribuíram com a pesquisa foram compostos por lideranças, atletas e ex-atletas indígenas naturais de Pari Cachoeira, Iauaretê e Taracúá. A pesquisa apresentou indicativos que foram relevantes para nossa reflexão, diante dos quais podemos considerar que as comunidades indígenas do Triângulo Tukano, ao se apropriarem do esporte, o transformaram num importante veículo de valorização cultural, dado que este contribui para a afirmação da identidade coletiva, possibilitando o diálogo intercultural, além de ter colaborado para a retomada de antigas práticas desportivas indígenas que haviam entrado em desuso por um longo período, em virtude do processo de colonização na região. Embora, reconhecidamente, em períodos passados o esporte nacional tenha sido um dos grandes vilões que colaboraram para suprimir os jogos tradicionais, as crenças, os costumes, os rituais e outras atividades que faziam parte do universo das vivências indígenas. Na contemporaneidade, o esporte desponta como uma ferramenta de resistência cultural, dado que permite incorporar características tradicionais dos povos do Triângulo Tukano.

Palavras-chave: Esporte; Jogos Tradicionais indígenas; Interculturalidade.

ABSTRACT

This study propose a reflexion turned to Tukano Triangle, in order to understand the interconections among the streenghtening sociociocultural, identity and intercultural dialogues in the region. For better understanding, we are looking for indentify the desportivy practice developed in this region, to evidence the historic of Tukano Triangle creation, the socials subjects that realized the play, the motivation to realize the event, and also verify witch way the play contribute to interculturals conversations. This research understand the Taracua, Iauaretêand Pari Cachoeira communities, in the Alto Rio Negro, region witch belongs to Tukano Triangle in the São Gabriel da Cachoeira town. The meteodology used was interdisciplinar, combining field research to bibliografy research, using as referencials base dissertations, theses, papers, scientific journals, that approachesquestions related to the theme, beyond the documents analisys, such as, historic of law creations witch regulates the players. Among other metodologic resources, were realized semiestructured interviews under the perspective story to listen the indigenous leaders and the event organizators, athletes and ex-athletes. The socials subject the contributed to researches were composed by leadership, athletes and ex-athletes indigenous natural of Pari Cachoeira, Iauaretê and Taracua. The researches presented indicatives witch were relevant to our reflection, before which we can consider that indigenous communities of Tukano Triangle, when they appropriate of the sport, transformed them in a important vehicle of cultural transformation, data that contribute to the coletive identity, enabling the intercultural dialogue, Beyong to colaborated to return old practices indigenous desportives that have fallen in desuse for a long period by virtue of colonization process in the region. Although admittedly in past period the national sports had been one of the big villains that colaborated to suppress the traditional plays, the belief and the costumes, the rituals and other activities that used to be part of the universe of the indigenous experience, in the contemporaneity the sport emerges as a tool of cultural resistance, data that allows incorporate a traditional characteristc of Tukano's triangle people.

Keywords: Sports; Traditional indigenous games; Interculturality.

KĀRŌ WERESÉ

Ató boese miasa añurō t̃oña naa Triângulo Tukano apesetisé añurō t̃oña nisetisé naa basi katirotiro kasé, naa t̃oñasé, naabasi añurō ukusetisé. Añurō t̃oña masikã, naa apesétisére mibuañkō tee makãri niirã, baurek̃ tee kiti na apese baureke to TrianguloTukano, na masã masirã tere apesé baurekãrã, añurō wakuséTe apesetisé werãtirã, toho werã tee apsetisé wetamurōsa masãkurari naa ukusé. Ate buesé ukurōsa mere woarã Kusã, Yaí PoeyaImisa Poeya, naa Ako ñirimã karã,Triangulo Tukano karã nirã tii makã São Gabriel da Cachoeira. Teré buese nirosa peé ukusetisé nirosa, nã masãmerã ukusé nã oakemerã ukuse, k̃onorosa na papera yaiwã oaké duturua na oaké, paka, omapuri tee buese ukusé turirí,Ñanorosa naa oaké, kiti naa baureke ukusé turi keoro nise na ukusé tee apesetise. Apeyé boese nirosa, masãmerã ukusé namera seriñasé na ukusé tuosé poterikãrã wiorã suorí nirã apesetirã apesetikarã. Naa masã wetamokarã nimã ate bueseré nisama wiorã, apesetirã, apesetikarã petrikarã newaró nikarã Imisa PoeyaYaí Poeya, Merewoarã Kusa. Até boese ñeo keoro niise up̃t̃u mari t̃oñase, temerã mari masirãsa tee poterikarã makãri do TrianguloTukano, k̃osamã te apesetiseré, tere dorepã añusé up̃t̃u nise na nisetisé ukuse, te wetamó ate boeseré na nisetiseré nikarõmerã, añurō na merã ukusetisé, nare wetamose nisa d̃porokasép̃ñisetisé miwakõséna poetrikarã apesetise nisa too yoakã na akobokukep̃nipã, pekasã na mitiké peré k̃opã teé makãri misãpã. Toho weró yoakã masinoñamaripã na nipetirã apesetisé nipã up̃t̃u naa apekuké wetamopã nã akobokã te apesé nikuké, nã eõpeosé, na nisetisé nã basasé, pehé apeyé nã wesetiké nã yé nisé ti poterikarã katiri ñm̃ko ateñm̃uri té apesetisé nissa añurō na tutuasé waku tutua nisé, te weresé nisaKeoro masikã wesa na nisetisé nã masã do Triangulo Tukano.

Ukuse-werese: apesetise; poterikarãye apesé; nisetisékurua.

KUAIRASÁ

U ũbuésá upurādu yepé māduarisá uyrewaá musaray triângulo Tukano kitiwara, mayé yákwarama aítá uriku tá kirĩbásawa sociocultural, aítá mirasá y yaākūtari yādé miraitá tetama upé. Purāga rāyakuawa, yásikary mirasá kwá aítá muyā waatá dispartivas tá muturusú waá kwá tetama upé, aítamaã arã tá historia yupirũgá yaã Triângulo Tukano, miraitá suciais yaátá māduary uaã musaray mayé tá muyārã turusú musaraysá, y yaáwé iry tá maã rã mayé musaraysá umuyã purāga aítá yukūtary payē aítá miraitá. U ũbuésá upisika Tarakuá, Iawareté y Pari Cachoeira tēdāwa ita upé, Alto Rio Negro upé, Triângulo Tukano tetama u sika tēdā wasú upé São Gabriel da Cachoeira. Yá sikay mayé yámuyã yaã interdisciplinar, mayeté yásikary campu pesquisa rupi mayeté pesquisa bibliográfica, yámũyã mayeté yābeú referências ũpinimasá rupi kwá disertação, tesis, artigos, pinimasá itá científicas, aítá kūtary waá payē manũgá resewára tá mayé tá muyārã, aíta maã waá dumentu ita kuxiímawara, tá maã ley yúpirũgáwaá mamē wykú mayé tá musaraysá arāma kuxiíma musaraysá. Yepé maã payē amũtá marupi tá puderi tá muyã, tá kūtay mira itarũ aíta umaã mayé tá myārã aítá kūtaryarã, tá sēduarã líderes ĩdijinas y muyāsara ita evētu, atleta y atleta ita kuera. Yaã mira suciais awátá mũyāgara yaã pwru liderāsa itá, atleta ita kuera y atleta ĩdijina kuera Pari Cahoeira sywara, Yawareté, Tarakuá. Kuá upinimasá umukamē manũga purāga waá yá māduaryarã, marupi yapudry yakwa kumunidade ĩdijina ita Triângulo Tukano suiwara, aítá kwawariré musaraysá suí, tá mwyereu aé yepé ĩpurtāti maã tá valorização kultural, tá ũbeú kwá supisá tá idētidadi yatipárupi, ta puderyarã tá kūtary payē mira ĩdijina ita rũ, aramēĩry tá ywkūtary aítá muyarã mayé kuxiíma tá práticas musaryasáwera ĩdijina táxary waá tá rakwé kití akayú ipukú, usika rupiara prugresu kulunização ápe yaã rigião. Aítá ukwá riré musaraysá kariwa tá kitiwara ti purāga umuyã atá supé, tá kwá te ũbawa musaraysá ta kitiwara, aítá krēsa, aítá kustumy, aítá rytuais y amũtá tá kitiwaraitá tá muyã parti tá ára ĩdijina swí, kwá ára swiwara kwá ispurti usika mayé ypé ferramenta kirĩbasá kuturau, mayaé upermitiry tãburisesé mayé kuxiímarameré mirasá ita swí Triângulo Tukano.

Palavra-chave: Musaray; musaraysá ĩdijina kuxiímawara, payēmiraítá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Crianças brincando de canoa e pulando de galho da árvore para o rio	14
Figura 2 – A configuração geográfica do Triângulo Tukano representado no mapa	31
Figura 3 – Comunidade de Iauaretê	32
Figura 4 – Missão Salesiana de Iauaretê, imagens dos anos 60/70	33
Figura 5 – Comunidade de Pari-Cachoeira	34
Figura 6 – Comunidade de Taracuá	35
Figura 7 – Prática do arco e flecha em Iauaretê	42
Figura 8 – Prática da Zarabatana em Iauaretê	43
Figura 9 – Aturá (Waturá), utilizado em corridas esportivas indígenas no Alto Rio Negro	44
Figura 10 – Imagens de práticas de esportes – Campo da Escola Salesiana	46
Figura 11 – Linha do tempo: "Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano"	57
Figura 12 – Futebol e prova de canoagem	73
Figura 13 – Participação Feminina no Esporte	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipos de práticas esportivas tradicionais do evento Triângulo Tukano	41
Gráfico 2 – Tipos de práticas esportivas do evento Triângulo Tukano	47
Gráfico 3 – Desafios enfrentados no evento Triângulo Tukano	88

LISTA DE SIGLAS

ACIRU – Associação das Comunidades Indígenas de Bela Vista
APMC – Associação de Pais, Mestres e Comunitários
ATRIART – Associação das Tribos Indígenas do Alto Tiquié
CETAM – Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
CIPAC – Coordenação Indígena de Pari-Cachoeira
CNS – Curso Normal Superior
COIDI – Coordenadoria das Organizações Indígenas do Distrito de Iauaretê
DSEI/ARN – Distrito Sanitário Especial Indígena - Alto Rio Negro
EAD – Ensino a Distância
EECITT – Evento Esportivo Cultural Indígena do Triângulo Tukano
EMFLOR – Encontro de Estudo sobre Mulheres da Floresta
EPPPAC – Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe
FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
FUNAI – Fundação Nacional do Índio (ou Fundação Nacional dos Povos Indígenas, a partir de 2023)
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA – Instituto Socioambiental
JEAS – Jogos Escolares do Amazonas
JEB's – Jogos Escolares Brasileiro
LEP – Liga Esportiva Pariense
OIBV – Organização Indígena de Bela Vista
PGTA – Plano de Gestão Territorial Ambiental
PNGATI – Programa Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas
PPGSCA – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia
PROFORMAR – Programa de Formação e Valorização de Profissionais da Educação
SEDUC – Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar
SIASI – Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
TI – Terra Indígena
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UNB – Universidade de Brasília

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O OLHAR DE UMA ORIGINÁRIA SOBRE JOGOS ESPORTIVOS DO TRIÂNGULO TUKANO	14
2.1 Experiências de uma mulher originária do território do Rio Negro	14
2.2 O <i>Espaço vivendi</i> : caracterização social e política da Região	30
2.3 A rotina cultural esportiva do Triângulo Tukano	39
3 A GÊNESE DOS JOGOS DO TRIÂNGULO TUKANO	49
3.1 A origem dos jogos do Triângulo Tukano e a criação da FOIRN	49
3.2 Os jogos tradicionais indígenas e o esporte na contemporaneidade: a ressignificação	68
3.3 O processo de preparação tradicional dos Jogos do Triângulo Tukano.....	74
4 O FENÔMENO ESPORTIVO NO TRIÂNGULO TUKANO	80
4.1 As vivências da ludicidade no Triângulo Tukano.....	80
4.2 O diálogo intercultural e a diplomacia no espaço fronteiriço: Brasil e Colômbia.....	84
4.3 A visão de lideranças indígenas sobre os jogos esportivos do Triângulo Tucano: reflexões e desafios	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma discussão sobre a manifestação sociocultural indígena vivenciada no Triângulo Tukano, um espaço multicultural habitado por diferentes etnias. As práticas culturais tradicionais e esportivas nessa região exercem um papel fundamental para a valorização e salvaguarda do patrimônio material e imaterial. Assim, tecer este cenário interétnico implica buscar aprofundar e compreender que o Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano se configura como um dos principais elos de conexão, interação e diálogo intercultural entre os povos dessa região.

Este evento representa uma forma de manifestação cultural e resistência dos povos originários do Alto Rio Negro. Para tanto, esta pesquisa traz à luz da discussão o tema "Jogos desportivos do Triângulo Tukano: o esporte como fator de interculturalidade". Este estudo possui grande relevância social, pois evidencia a luta dos povos indígenas e o processo de resistência cultural ao discutir os jogos como mediador e facilitador do diálogo intercultural.

A pesquisa apresenta como proposta principal compreender como os Jogos do Triângulo Tukano, em suas práticas desportivas, agenciam as interconexões e os diálogos interculturais entre as diferentes etnias da região do Alto Rio Negro no contexto sociopolítico e cultural. O local de abrangência do estudo compreende as comunidades de Taracuá, Iauaretê e Pari Cachoeira, que compõem o Triângulo Tukano, no Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira.

A metodologia adotada é de natureza interdisciplinar, combinando pesquisa de campo com pesquisa bibliográfica, dentro de uma abordagem qualitativa, por melhor se adequar à proposta do estudo. Como recursos metodológicos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas sob perspectiva narrativa para ouvir as lideranças indígenas, idealizadores do evento, atletas e ex-atletas. O grupo de interlocutores desta pesquisa foi composto por 10 sujeitos sociais, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 70 anos, e originários do Triângulo Tukano. Estes foram selecionados por possuírem vasto conhecimento sobre o tema em questão e por já terem participado ativamente, seja como atleta, idealizador ou liderança, em alguma edição dos jogos.

Seguindo o panorama proposto a partir dos recursos metodológicos desenvolvidos, esta dissertação está estruturada e composta por três capítulos, os quais se apresentam da seguinte forma: Capítulo "O olhar de uma originária sobre os jogos

esportivos do Triângulo Tukano”; Capítulo “A gênese dos jogos do Triângulo Tukano”; e Capítulo “O fenômeno desportivo no Triângulo Tukano”.

No “O olhar de uma originária sobre os jogos esportivos do Triângulo Tukano”, optou-se por iniciar o texto dissertativo a partir das próprias experiências da autora, um recorte de sua trajetória de vida, as vivências da infância, a carreira profissional no campo da educação e, atualmente, como acadêmica do curso de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desenvolvido no município de São Gabriel da Cachoeira. O capítulo apresenta, ainda, a caracterização social e política do Triângulo Tukano, envolvendo as comunidades de Iauaretê, Pari Cachoeira e Taracuí, bem como a abordagem das modalidades desportivas praticadas nos três distritos.

O Capítulo que trata da “Gênese dos jogos do Triângulo Tukano” tem a proposta de visibilizar os atos iniciais e as ações das jovens lideranças que resultaram em um ponto primordial de um movimento esportivo para a criação de uma das maiores manifestações culturais, que recebeu o nome de "Evento Desportivo Cultural Indígena Jogos Triângulo Tukano". Serão abordados os atores envolvidos nesse processo e as motivações que levaram à idealização do evento cultural, o qual incentivou as mobilizações em favor da criação da FOIRN e demais associações. Neste capítulo, também será tratada a ressignificação dos jogos tradicionais indígenas na contemporaneidade, seus significados e a preparação tradicional para o evento.

O último capítulo está voltado à análise do “Fenômeno desportivo no Triângulo Tukano”. Neste capítulo, são contextualizadas as contribuições dos jogos indígenas e não indígenas para os diálogos interculturais na região do Triângulo Tukano, as vivências lúdicas que ocorrem no cotidiano e durante os jogos, e de que forma esses jogos favorecem a diplomacia e o diálogo nessa região de fronteira Brasil/Colômbia. O capítulo também traz uma abordagem acerca da visão das lideranças sobre a celebração, suas reflexões sobre os desafios enfrentados ao longo das edições e a continuidade do evento. Este capítulo apresenta, ainda, as considerações finais a respeito do que foi discutido nesta pesquisa, tendo como base as análises das falas dos colaboradores e dos teóricos que deram sustentação ao estudo.

2 O OLHAR DE UMA ORIGINÁRIA SOBRE JOGOS ESPORTIVOS DO TRIÂNGULO TUKANO

Como dinâmica deste capítulo, optou-se por iniciar o texto a partir das próprias experiências da autora, a qual se propôs a narrar brevemente um recorte de sua trajetória de vida. A professora Eni Orlandi (2020, p. 76), pesquisadora da Linguagem e escrita científica, denomina essa escolha de “assunção da autoria” (1988), que "implica a inserção do sujeito na cultura, a posição dele no contexto histórico-social".

Portanto, o enredo aqui contado compõe a memória de uma filha legítima do Rio Negro: as vivências da infância ao lado da família, a carreira profissional no campo da educação e a jornada como acadêmica do curso de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desenvolvido no município de São Gabriel da Cachoeira.

O capítulo trata, ainda, da caracterização social e política do Triângulo Tukano, envolvendo os distritos de Iauaretê, Pari Cachoeira e Taracuá, bem como a abordagem das modalidades tradicionais e esportivas desenvolvidas nas três comunidades mencionadas.

Figura 1 – Crianças brincando de canoa e pulando de galho da árvore para o rio.



Fonte: Belezas Amazônicas Tur (2025).

2.1 Experiências de uma mulher originária do território do Rio Negro

Eu sou Marielza Martins Peinado, tenho 58 anos e pertenço a uma família Baré originária do território pertencente ao município de Santa Isabel do Rio Negro. Sou a

quinta dos sete filhos de Rafael Peinado e Adalzina Martins, nascida em 1966, no sítio denominado Três Barracas, no Rio Malalahá, afluente do Rio Preto, um dos principais tributários do Rio Negro. Fui criada sob a cultura Baré, mesclada com valores espirituais católicos por influência da colonização.

Meu pai estudou até a 3ª série primária, como era chamada na época. Minha mãe não teve oportunidade de ser alfabetizada na idade certa, mas, apesar disso, ambos tinham plena consciência da importância de frequentar uma escola e, juntos, sonhavam em ver os filhos tendo outras possibilidades na vida para que pudessem se destacar socialmente e, assim, contribuir para a continuidade do grupo. Então, para que meus irmãos e eu pudessemos estudar, meus pais faziam duas viagens por ano, remando exaustivamente durante 16 dias para chegar ao município de Santa Isabel do Rio Negro e mais 15 para retornar ao local onde morávamos.

Nesses períodos passados de idas e vindas pelos rios e igarapés, meus pais enfrentaram diversos desafios durante viagens sem qualquer proteção na embarcação familiar, propensos a sofrer em demasia com as ações do clima amazônico, onde o sol e a chuva fortes, ventos e águas agitadas se misturavam ao cansaço e à distância entre o meio rural e o urbano.

Contudo, mesmo correndo riscos nas longas, cansativas e, muitas vezes, perigosas viagens para deixar e buscar os filhos que estudavam na cidade, meus pais jamais pensaram em desistir de nos oferecer uma formação educacional, cuja única possibilidade naquela região era o meio urbano de Santa Isabel do Rio Negro. Sempre em comum acordo, decidiram que deveriam enfrentar todos os desafios em prol da educação de seus filhos. Ele e sua fiel companheira, minha mãe, travaram incansáveis lutas diárias, enfrentando a floresta amazônica e seus ecossistemas com jornadas extremas de trabalho nas roças, no extrativismo vegetal (piaçava) e na criação de animais, que eram preponderantes para nós, não só pensando em nossos estudos, mas também em nossa sobrevivência e alimentação.

As dinâmicas das viagens duraram alguns anos com idas e vindas, mas, como era de se esperar, a migração familiar para o município de Santa Isabel do Rio Negro tornou-se inevitável, porque as viagens se tornaram muito cansativas para meus pais. No entanto, mesmo fixando moradia no município, nos períodos de férias do ano escolar, meus pais, que não possuíam emprego fixo, ainda precisavam trabalhar nas roças e praticar extrativismo nos seringais dos comerciantes locais para sustentar a família.

E assim, o nosso sítio Três Barracas ficou no passado, mas permanece efetivo em minha memória, como um período de extrema importância para o ser no qual me tornei hoje. Daquela época ficaram os conhecimentos herdados, a cultura, os costumes, as tradições, principalmente o acervo de brincadeiras e jogos, práticas que influenciaram mais tarde a escolha da área de atuação como educadora física escolar, e que posteriormente influenciaram a escolha do tema da pesquisa de mestrado.

Foi em Três Barracas que tive a oportunidade de desfrutar dos banhos de rio, dos mergulhos, passeios de canoa, de alagar-se de canoa, pulos do barranco e de galhos de árvores, corridas na praia e nas campinas, cantigas de roda, jogo de pião, arranca melancia¹, passa o anel², batalhão³, berlinda⁴, urubu tim-tim⁵, pata cega⁶, boca de forno⁷, totoroco⁸ (esconde-esconde), dentre outras brincadeiras, a simples alegria de viver e de se divertir, quase sempre ensinadas pela minha mãe.

Entre as brincadeiras e os afazeres domésticos do meu pequeno mundo infantil, pude acompanhar meus pais e irmãos mais velhos por diversas vezes nas pescarias, nas caçadas, na roça, nas práticas extrativas para cortar piaçava e coletar leite da seringueira. Isso é o que podemos chamar de saber intergeracional, em que os conhecimentos tradicionais são transmitidos dos mais velhos aos mais novos.

Eu tinha a convicta percepção de que estas atividades de produção e reprodução de saberes eram como se fosse um jogo, uma brincadeira de caminhar nas trilhas mata adentro. Por exemplo, o desafio entre os irmãos era apostar quem pegava mais peixe, quem coletava maior quantidade de leite de seringueira, quem conseguia reunir maior

¹ “**Arranca Melancia**” é uma brincadeira tradicional indígena, onde uma equipe de crianças ou jovens representam as melancias e um voluntário vai tentar arrancá-la a força. A brincadeira também é conhecida como Arranca mandioca e pode sofrer variações dependendo do grupo e contexto social.

² **A brincadeira popular** "Passa Anel" consiste em passar um anel entre as mãos de vários participantes que se encontram sentados em círculo, sem que ninguém perceba onde ele vai ficar. Um voluntário que está ausente do grupo vai tentar adivinhar quem está com o anel.

³ "**Batalhão**", também conhecida como "Passa o Batalhão", é uma brincadeira praticada por criança e adolescentes, que envolve música cantada, a ideia é prender o último que passar. Existem outras variações.

⁴ "**A berlinda**" é uma brincadeira tradicional em que um participante é isolado e os outros fazem comentários sobre ele, sem que ele saiba quem fez cada comentário. Ao voltar, o participante na berlinda precisa adivinhar quem fez o comentário que mais gostou ou, em outra variante, adivinhar quem fez cada comentário.

⁵ "**Urubu tim tim**" é uma brincadeira popular no Brasil, consiste em beliscar as costas das mãos para segurar uma embaixo da outra enquanto se movem ao ritmo de uma música, canto ou parlenda (urubu tim-tim, urubu tim-tim).

⁶ A brincadeira "**pata cega**" (também conhecida como "cabra-cega", "cobra-cega" ou "galinha-cega") é um jogo de perseguição onde um jogador, de olhos vendados, tenta pegar os outros jogadores. A pessoa que está com os olhos vendados deve utilizar a audição e o tato para se orientar e encontrar os outros jogadores.

⁷ A brincadeira "**Boca de Forno**" é uma atividade tradicional que consiste em um líder dar ordens para que os outros participantes executem, como buscar objetos ou fazer gestos. Se a ordem não for cumprida, o participante pode ser punido com "bolos" na mão. A brincadeira também é conhecida como "Seu mestre mandou".

⁸ "**Totoroto**" é uma espécie de esconde-esconde e consiste em um voluntário ficar com a cabeça baixa por algum tempo conforme combinado, enquanto o restante do grupo se esconde. Após esse período, alguém do grupo grita: Totoroto, sinalizando que já pode começar a procurar e encontrar um por um do grupo.

quantidade de piaçava cortada durante o mês e quem raspava maior quantidade de mandioca.

Sim, era um jogo: o jogo da vida real, aprendendo na prática o trabalho dos adultos, fazendo jus à famosa frase que diz: “aprender a fazer, fazendo”. Um estilo de educação informal utilizado principalmente por famílias de origem indígena para repassar seus conhecimentos e saberes ancestrais para seus membros familiares por meio da oralidade e prática das atividades domésticas, dentre outras.

Fiz um pouco de tudo; meu repertório de brincadeiras, jogos e ofícios domésticos é bastante variado. No entanto, é importante ressaltar que parte das experiências com brincadeiras e jogos veio por meio da aproximação com crianças que pertenciam às famílias de diferentes etnias que moravam em comunidades próximas, às margens do Rio Malalahá e Rio Preto. O Rio Preto tem sua desembocadura no Rio Negro, entre o município de Santa Isabel e Barcelos, e é um dos principais afluentes do Rio Negro. O contato com essas crianças se intensificou em virtude de meu pai trabalhar no extrativismo vegetal e ainda prestar assessoria nas finanças e ficar responsável pelos extrativistas que prestavam serviços para meu tio.

A convivência com outros grupos étnicos era bastante amistosa; eles demonstravam grande admiração e respeito pelos meus pais e sempre nos ajudaram oferecendo alimentos à base de peixe e caça, como também seus saberes tradicionais, como os benzimentos e plantas curativas, quando algum membro de nossa família se encontrava doente. Isso se dava pelo fato de pertencerem a culturas diferentes do povo Baré e por dominarem outras práticas medicinais e rituais específicos de cura, habituais de seus grupos, ocorrendo assim uma troca intercultural.

Dessa convivência, lembro-me principalmente das brincadeiras, dos ajuris⁹, dos rituais de dabucuri¹⁰ nas comunidades vizinhas de nome Purgatório, e das festas de Santo, manifestação cultural introduzida durante o período da colonização e que se tornou tradição na comunidade do Lago, na Campina, onde meu pai era convidado para rezar a Ladainha católica, ação também incorporada pela etnia Baré em contato com os não indígenas na época da colonização do Rio Negro e seus afluentes com o Rio Preto.

⁹ **Ajuri** é um termo usado pelos nativos da área do Rio Negro que significa Reunião ou ajuntamento de pessoas com um determinado fim cooperativista. "Ajuri" é a prática tradicional dos povos da Amazônia, na qual grupos e pessoas se unem numa solidariedade rotativa, participando coletivamente dos trabalhos de uma comunidade ou família de cada vez para, por exemplo, limpar um terreno ou prepará-lo para a roça.

¹⁰ **Dabucuri** é um ritual milenar dos povos do alto Rio Negro que envolve trocas de saberes, conhecimentos, cantos, músicas, danças, bebidas, alimentos, histórias, ornamentos, ritos de passagens, momentos de aliança política social, colheita e arranjos matrimoniais.

O festejo de Santo Alberto era uma manifestação de grande proporção, envolvendo a população inteira das cabeceiras do Rio Preto, Rio Malalahá, entre outros. E para celebrar esses momentos de religiosidade e fé, meu pai era convidado especificamente para realizar o principal rito da celebração, que era a ladainha. Os ritos da ladainha envolviam reza do Pai-Nosso, Salve-Rainha e Ave-Maria, entoadas em forma de cânticos, e eram ritos maravilhosos de ver e ouvir.

Por desempenhar esse papel, a ele eram oferecidos os melhores locais para alojamento, as melhores comidas, dentre outros benefícios, afinal, ele era o convidado de honra. Os benefícios eram ofertados em virtude de meu pai ser o único entre toda a população daquela região que dominava a reza da ladainha com maestria, prática comum entre o povo Baré, única etnia dos povos do Rio Negro que domina essa prática. Mas nem tudo era só reza: em meio à festividade, mais precisamente após a realização da ladainha, eram praticadas algumas brincadeiras.

Entre as brincadeiras dessas ocasiões, tinha uma bem divertida, chamada de "Carauwataí", uma espécie de brincadeira tradicional das festas de santo¹¹ do local. A brincadeira consistia em jogar todos na água gelada do lago – criança, jovem, adulto, com a roupa que estava durante a ladainha. Isso rendia boas risadas dos participantes, que se divertiam com esse momento. Ainda lembro o sorriso sereno no rosto de meu pai; ele e minha mãe eram os únicos a serem poupados, só ficavam apreciando a brincadeira. Meu pai era uma pessoa muito querida por todos; podemos dizer que, como rezador de ladainha, ele representava a figura do padre, do pajé e do benzedor, justamente por isso era tão respeitado.

A segunda fase da minha infância e parte da juventude foi vivida já no município de Santa Isabel do Rio Negro, cidade pequena e pacata, onde não existiam os perigos dos dias atuais e todos, praticamente, se conheciam. As amizades logo foram se formando no bairro, na rua, na escola, e a partir daí novas brincadeiras foram surgindo. Durante toda a semana, o grupo de amigos se juntava para se divertir com variadas brincadeiras como:

¹¹ **Festa de Santo** é uma espécie de celebração ritualística em homenagem e devoção a um determinado Santo católico, envolvendo santo no altar, rezas, ladainhas, procissões, danças durante a noite, levantamento do mastro, correrei (bebidas alcoólicas ou caxiri servidas no salão de festa) e brincadeira do Carauwataí.

31 Malestra¹², Geral¹³, Latinha¹⁴, jogo de bolinhas¹⁵, jogo de pedrinhas¹⁶, andar de bicicleta, escorregar na ladeira da rua. As brincadeiras eram diversas e a diversão era completa.

Além dessas brincadeiras da comunidade/bairro, aprendi a jogar Futebol, Futsal, Voleibol e dança na escola. Foi através da escola salesiana que entrei pela primeira vez em contato com o esporte e, dali em diante, no dia a dia, meus dois irmãos e eu passamos a jogar juntos. Por isso, além das modalidades esportivas citadas, tive que aprender também a jogar bolinhas, brincadeira não muito comum para as meninas da época, mas, como eu queria brincar, encarei os desafios para disputar qualquer modalidade esportiva. Algumas de minhas amigas também faziam o mesmo com os irmãos e, em virtude disso, chegamos ao ponto de jogar de “igual para igual” com os meninos.

Durante os jogos de futebol e da bolinha, os meninos geralmente tentavam nos trapacear, mas éramos bem atentas. Quando não existia possibilidade de vencer o jogo por causa das trapaças, a gente puxava uma discussão na qual fosse possível vencer no grito, onde os juízes éramos nós mesmos e quem tivesse o melhor argumento vencia. Vale enfatizar que as meninas sempre venciam a discussão.

A única brincadeira de que os meninos não gostavam era o “jogo das pedrinhas”. Outra briga era devido à quadra e ao campinho de futebol: a disputa era acirrada, mas a gente enfrentava, e os meninos acabavam cedendo e tendo que revezar com as meninas.

As brincadeiras e jogos não ficaram só na escola e na rua. No final dos anos 70 e início dos anos 80, era incomum ver as mulheres jogando Futebol e Futsal em Santa Isabel, mas, quando aderimos a essa manifestação esportiva, logo se tornou uma boa atração para a população. Contudo, para as famílias mais tradicionais da cidade, isso era

¹² **31 Malestra** é uma brincadeira popular em que uma equipe com números indeterminado de participantes corre para se esconder enquanto o voluntário ou alguém escolhido pelo grupo, com o rosto voltada para a parede e com as mãos cobrindo o rosto abre uma contagem de 1, 2, 3, ... 30, 31, (31 Malestra). Na medida em que vai visualizando os jogadores, corre para um esteio ou poste de luz e grita o nome da pessoa: Fulano! O próximo a ser jogador será o primeiro da turma a ser encontrado, mas podia ocorrer que de um dos jogadores, sem ser visto, correr para bater na mancha e gritar – salvos! Nesse caso o jogo continua com a mesma pessoa abrindo a contagem.

¹³ **Geral** é o jogo consiste entre um escolhido para ficar como pegador e os demais se esconderem, depois de alguns minutos alguém escolhido pelo grupo grita: “geral”. Então o pegador terá que encontrar e correr atrás até capturar um por um. É uma espécie de “polícia e ladrão”. Os papéis se invertem se ele conseguir pegar a todos, se não continua o mesmo. Depois de varias rodadas sem sucesso, pode ser indicado outro “pegador”.

¹⁴ **Latinha** é um Jogo semelhante a 31 Malestra. Tem um responsável em vigiar manja e encontrar um por um dos que estão escondidos, e à medida em que vão sendo encontrados a pessoa tem que bater a latinha no poste enquanto grita o nome de que foi visualizado. Se um da equipe conseguir pegar a latinha e bater no poste antes do vigia, a equipe ganha o jogo.

¹⁵ **Jogo de Bolinha** é o Jogo de bolinha de gude

¹⁶ **Jogo das Pedrinhas** é o jogo das pedrinhas e tem vários outros nomes pelo mundo, sendo também conhecido como “cinco marias”, “jogo do osso”, dentre outros. No Rio negro, é conhecido como Jogo das Pedrinhas, por ser jogado com pequenos pedaços de pedras e algumas vezes sementes. O jogo é disputado em 5 fase, ou conforme a variação existente.

um absurdo; "isso não era jogo de menina". Por causa desses tipos de pensamentos machistas e ultrapassados, sofremos preconceitos e fomos chamadas de levianas, meninas que não eram "da sociedade", ou seja, "meninas de rua". Não demos muita importância e continuamos jogando sempre que havia alguma festividade no município.

As experiências adquiridas durante a fase de criança e adolescência tornaram-se marcantes em minha vida. Ao lado de meus irmãos e meus pais, aprendi tudo o que eu precisava para enriquecer meu repertório motor e me tornar uma pessoa forte, de bom caráter, que lutasse pelos meus sonhos e tivesse a chance de escrever minha própria história. Esses foram os maiores desejos que moveram minha vida durante a infância e, principalmente, a fase da juventude, onde meu poder de discernimento em relação à vida já era mais aguçado.

Um dos sonhos que se tornou minha inspiração, apesar dos intensos momentos de brincadeiras, foi a imensa vontade de estudar. Mas, até então, eu não tinha exemplos na família de parentes que conseguiram um grau elevado nesse aspecto. Mesmo assim, ainda muito jovem, sonhava em trilhar essa carreira estudantil até onde fosse possível. Não sabia onde e como eu iria fazer, mas estava disposta a ir além de meus sonhos, simplesmente porque não suportava ver o trabalho árduo que meus pais eram obrigados a desempenhar na roça, no extrativismo de piaçava e látex para alimentar os filhos.

Em virtude desse sentimento cultivado desde menina, por diversas vezes eu disse para mim mesma: “não é esse o futuro que eu quero para mim”. Com esse pensamento, entrei na 1ª Série fora da faixa etária e, por conta disso, fui remanejada para a 2ª Série no mesmo período letivo. Mesmo assim, jamais fiquei de recuperação ou repeti alguma série. Portanto, entre 1976 e 1984, cursei em Santa Isabel o Ensino Fundamental I (1ª a 4ª Série) e o Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série).

Após concluir o Ensino Fundamental II em 1984, e não ter como dar sequência aos estudos em meu município, resolvi migrar para São Gabriel da Cachoeira no início de 1985, a convite de uma amiga. Meus pais não possuíam condições financeiras para me ajudar a seguir em frente com os estudos em outra cidade. Portanto, tive que fazer isso sozinha, aos 18 anos, pois tinha um objetivo de vida e resolvi lutar por ele.

Naquele momento, meu objetivo era frequentar o Ensino Médio com habilitação em Magistério, que havia na Escola Estadual Colégio São Gabriel. Porém, por motivos alheios à minha vontade, só consegui concluir essa etapa em 1992. Longe de casa e sem apoio dos pais, enfrentei dificuldades e tive que interromper os estudos por um período de 6 anos, mas seguia firme com a ideia de estudar e trabalhar para um dia poder ajudá-

los, mesmo decidindo permanecer em definitivo no município de São Gabriel da Cachoeira. Durante esse período, conheci colegas daqui do município e do Triângulo Tukano que dominavam muito bem as modalidades de Voleibol, Futsal e Futebol.

O ingresso no mercado de trabalho ocorreu em 1993, ano seguinte à conclusão do Ensino Médio com habilitação em Magistério, quando recebi uma proposta do diretor da Escola Estadual Dom Bosco, Pe. Nilton Cezar de Paula, para substituir uma das professoras que entraria de licença-maternidade. Recém-habilitada no magistério, logo aceitei, pois precisava trabalhar. Afinal, sempre foi meu objetivo estudar muito para conseguir um emprego e ajudar minha família; agora, além dos pais, havia duas filhas que iriam precisar de meu apoio financeiro para que elas tivessem mais oportunidades que eu.

Nessa escola, funcionava apenas o Ensino Fundamental I. Acredito que ali se iniciou minha carreira profissional e uma grande paixão por essa profissão. Creio que não escolhi a educação, a educação me escolheu, porque jamais pensei em me tornar professora, mas, para minha surpresa, é a profissão de que eu gosto, que defendo e em cujo potencial acredito para mudar a visão de uma nação, apesar de não ser uma das profissões valorizadas e de não ter remuneração compatível com o papel e o trabalho desempenhado por essa categoria. Contudo, eu estava entrando no mercado de trabalho e precisava me qualificar para melhorar minha prática profissional e o salário, é claro.

No ano de 2000, passei no vestibular para o Curso Normal Superior, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), concluído em 2004. Quando apareceu a chance de cursar uma graduação, não tive dúvidas: abracei a oportunidade com todas as minhas forças, até mesmo por ser minha única opção naquele momento. Não tive como acompanhar meus colegas de profissão que viajaram para o município de Barcelos para cursar áreas específicas oferecidas pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tais como Ciências Sociais, Matemática, Letras, dentre outras.

No entanto, mesmo com a formação em Normal Superior, minha atuação, desde que entrei no campo da educação, sempre foi na disciplina de Educação Física, por possuir uma capacitação conhecida como "4º Adicional", uma espécie de especialização que permitia trabalhar nas escolas onde não havia professor graduado na área. Porém, meu objetivo ainda era a graduação em uma área específica e, por esse motivo, em 2012, comecei a cursar a graduação no formato EAD, em minha área de atuação, pela UFAM em parceria com a UNB, mas desisti no 8º período por optar pelo modelo presencial oferecido pelo programa PARFOR (Plano Nacional de Formação dos Professores da

Educação Básica), desenvolvido pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), concluído em 2016.

Apesar do cansaço de estudar nos períodos de férias sem um dia de descanso, para mim foi uma enorme conquista, a realização de um sonho. O sacrifício valeu a pena, porque sempre busquei qualificação na área específica de Educação Física. Acredito que as brincadeiras de infância, assim como as experiências na adolescência, contribuíram para que eu fosse tão fascinada por essa disciplina escolar. Sinto-me realizada em ministrar aulas de Educação Física para crianças e adolescentes na escola onde já trabalhei e trabalho atualmente.

Quanto aos estágios supervisionados, no Curso Normal, foi reaproveitada a atuação que tínhamos na sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Já na Licenciatura em Educação Física, este requisito foi cumprido com mais rigor, das séries iniciais ao Ensino Médio, sob a supervisão do professor Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos. A experiência foi única e bastante proveitosa, apesar de já vivenciar essa prática na escola onde trabalhava. No entanto, o estágio veio a contribuir ainda mais com a minha profissão, dando-me clareza e certeza de como aplicar os conteúdos da disciplina.

Vivenciar as práticas de atividades físicas, jogos e brincadeiras durante o estágio serviu para aperfeiçoar meus conhecimentos acerca das aulas práticas em unidades escolares, para respeitar as características e os limites individuais do aluno, bem como sua experiência motora do seu cotidiano comunitário.

Durante minha trajetória de trabalho escolar, iniciada em 1993, ocupei o cargo de coordenadora do Projeto Jovem Cidadão, projeto do Governo estadual por meio da SEDUC, que tinha parceria com o CETAM. Também participei de projetos escolares, organizações de eventos socioculturais, Jogos Intercolégiais das escolas estaduais, Jogos Escolares do Amazonas (JEAS). Fiz parte da diretoria da APMC em 2005 na Escola Estadual São Gabriel como primeira tesoureira, passei por experiências de estágios no magistério e nas duas graduações e fui aprovada em dois concursos públicos da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC/Amazonas).

Todas essas experiências contribuíram para minha formação pessoal e profissional e, com certeza, influenciaram a escolha de meu tema de pesquisa de mestrado, por ter relação com jogos. Além disso, desde que aqui cheguei em 1985, eu percebia toda a movimentação em torno dos preparativos da secretaria de esporte do município e dos atletas que iriam participar dos Jogos do Triângulo Tukano. Esses jogos sempre

despertaram em mim muita curiosidade: saber como ocorriam, quais os jogos tradicionais que ainda eram praticados, entre outros questionamentos que surgiam em minha mente.

Assim, vencidas as etapas de duas graduações e de estágios, a vontade de dar continuidade aos estudos para melhorar minha formação ainda persistia. Ao recordar os conselhos e os incentivos de minha ex-coordenadora do curso Normal Superior, pensei seriamente em fazer o mestrado, mas não foi possível porque escolhi priorizar a graduação de minhas filhas e o tratamento neurológico de meu filho. No entanto, ao ficar sabendo da possível vinda do programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia para o município, percebi que era hora de tentar o tão sonhado título de mestre.

As reivindicações do curso de mestrado não são recentes, é uma antiga bandeira de luta de estudantes de graduação e da classe de professores em assembleias e reuniões da categoria aqui no município. Mas a concretização do sonho só veio graças aos esforços e parcerias realizadas pela Dra. Iraildes Caldas Torres e pelo Dr. Sylvio Puga Ferreira, Reitor da UFAM.

Finalmente, no ano de 2020, foi confirmado o curso de pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado para São Gabriel da Cachoeira pela UFAM. Mesmo sabendo que não seria fácil conciliar os estudos com minha rotina de vida, decidi que estava na hora de encarar este desafio. Afinal, nada em minha vida foi fácil. Sempre lutei bravamente por meus objetivos de vida, seguindo os exemplos de meus pais, mas agora eu sabia que a concorrência seria grande e eu precisava estar preparada para enfrentar o desafio de ser uma entre os aprovados.

Foi então que, em 2021, surgiu um curso preparatório aos sábados, organizado pela Dra. Marinete da Silva Vasques, que trazia como abordagem principal a elaboração de projetos. Ao tomar conhecimento do "cursinho", fiquei bastante interessada e decidi fazer parte da turma para que aumentasse minhas chances de ser aprovada.

O sacrifício valeu a pena; apesar dos obstáculos, fui aprovada na linha de pesquisa 1, Manifestações Socioculturais e Movimentos Simbólicos, com sucesso, sendo classificada na segunda posição. No entanto, o processo pelo qual passamos, a espera da divulgação do resultado de cada etapa, foi um verdadeiro martírio. A ansiedade e o sofrimento nos acompanharam até o dia da divulgação da lista oficial dos aprovados.

O resultado trouxe um misto de sentimentos: alegria por ter conseguido e por saber que meu pai, se estivesse vivo, se orgulharia de mim, mas também tristeza por ver colegas com grande potencial serem desclassificados. Mesmo assim, tivemos que superar tudo

isso e nos preparar para seguir em frente, porque agora era real, e o desejo pelo início das aulas era grande: o sonho estava ali, e agora era só agarrar com todas as forças.

Assim, no dia 20 de março de 2023, com direito a rituais de abertura, a tão almejada aula inaugural foi realizada na Casa do Saber (FOIRN). Contou com a presença do Reitor Dr. Sylvio Mário Puga Ferreira, da Pró-Reitora Dra. Adriana Malheiros, do coordenador do curso Dr. Nelson Noronha, da Dra. Iraildes Caldas Torres e demais autoridades do município. Foi um dia especial para uma turma mais que especial que traz consigo diferentes histórias de sua ancestralidade e origem. Começava ali uma jornada árdua, mas gratificante, porque tínhamos plena consciência dos desafios e obstáculos que poderíamos enfrentar.

Nossa formação iniciou com as disciplinas obrigatórias, todas cursadas no primeiro semestre de 2023. As teorias apreendidas durante as aulas contribuíram para que eu saísse da zona de conforto. Deparei-me com novos conceitos, informações atuais no campo da pesquisa acadêmica, vários autores, leituras. Tive que me adaptar ao propósito do mestrado, que é formar pesquisadores. Estou aprendendo a ver as coisas por ângulos diferentes, desconstruindo velhos conceitos e, a cada disciplina concluída, percebi o quanto foi importante cursar cada uma delas, que serão expostas a seguir.

A **Disciplina de Epistemologia e Metodologia das Ciências Humanas e Sociais** (60 horas) foi ministrada pela célebre Dra. Marilene Corrêa, no período de 28 de março a 08 de abril, e pelo Prof. Dr. Caio Souto, que deu continuidade entre 08 e 18 de abril, acompanhados pelo Prof. Dr. Harald Sá. Foi a primeira disciplina obrigatória do mestrado; os professores fizeram importantes reflexões acerca do saber científico. A base teórica desta disciplina foi imprescindível para a compreensão dos diferentes conceitos das metodologias de pesquisa, no que se refere aos trabalhos acadêmicos de cunho científico.

• **Seminário Temático I – Corpo e Sociedade** (45 horas) – ministrado pela Prof.^a Dr.^a Artemis Araujo Soares no período de 18/04 a 29/04/2023. A disciplina trouxe como destaque os corpos modernos e contemporâneos, as relações entre corpo, cultura e sociedade na era digital de um mundo pós-moderno e na transculturalidade. Estuda as diferenças entre Estudos de Cultura, Estudos Culturais, Transculturalismo e Transculturalidade; compõe o viés interpretativo à questão dos corpos hoje. Objetiva formar pesquisadores aptos a trabalhar de forma interdisciplinar e transdisciplinar, destacando as relações entre sociedade e cultura, tendo a temática do corpo nas sociedades digitais em confronto com questões de centro *versus* margem em cultura.

• **Seminário de Pesquisa I** (45 horas) – Esta disciplina ficou a cargo da Prof.^a Dr.^a Heloisa Helena, no período de 29/04 a 06/05/2023. A importante disciplina abordou: "A natureza da pesquisa nas ciências sociais e humanas"; "O tempo e espaço na construção do problema da pesquisa, diferentes dimensões da prática da pesquisa"; "Os elementos básicos para elaboração de projetos de pesquisa"; "O exercício interdisciplinar aglutinando todos os projetos de pesquisa"; e a "Discussão e reelaboração dos projetos de pesquisa dos mestrandos". A proposta da disciplina é ajudar a compreender a natureza da pesquisa nas ciências sociais e humanas, sobretudo enfrentando os desafios do trabalho de pesquisa, especialmente o momento de sua entrada no mestrado, tendo como foco de estudos o entendimento sobre a constituição dos elementos básicos de um projeto de pesquisa na perspectiva da adequação de proposta de pesquisa para a problemática investigada e objetivo, os procedimentos de coleta e análise de dados, bem como discutir as tensões atuais sobre a ética na pesquisa nas áreas das Ciências Humanas e Sociais aplicadas e o percurso para encaminhamento das pesquisas ao Comitê de Ética (CEP).

• **Seminário de Pesquisa II** (45 horas) – De 09 a 20 de maio, foi ministrada pela Prof.^a Dr.^a Iraildes Caldas Torres. Esta disciplina abordou as condições para a problematização dos temas e da delimitação do objeto de pesquisa dos mestrandos de forma interdisciplinar. O projeto de pesquisa: o tema de estudos, a revisão da literatura e a reformulação da proposta. O plano de pesquisa: a imaginação, a atitude crítica e o artesanato intelectual. O propósito da disciplina está relacionado ao processo para facilitar o desenvolvimento do relatório de qualificação de mestrado, dando relevo ao estilo e à forma de elaboração do texto, especificamente, conduzir diálogos, discussões e debates sobre a sistematização de conhecimentos, bem como desencadear o debate em torno do conceito, dando ênfase à elaboração das categorias analíticas para fins de construção do marco teórico e, por fim, facilitar o desenvolvimento do texto dissertativo, dando suporte ao estilo e à forma da escrita.

• **Formação do Pensamento Social na Amazônia** (Carga horária equivalente a 60 horas) – Cursada no período de 01 a 07 de julho. No primeiro momento, contou com a presença da Prof.^a Dr.^a Iraildes Caldas Torres e, no segundo momento, de 11 a 22 de julho, as aulas foram ministradas pelo professor Dr. Agenor Cavalcante. Durante as aulas, foram abordadas as identificações de autores, ideias, conceitos e no campo do pensamento social sobre a Amazônia. Indicações de relações do pensamento social da Amazônia com o movimento de formação do pensamento brasileiro. Formulação das ideias a partir da

reconstrução do pensamento social. Produção dos diferentes movimentos de interpretação dos processos socioculturais da Amazônia.

- **Tópicos Especiais III - Processo Civilizador e Práticas Socioculturais em Comunidades Amazônicas** – De 20 a 30 de maio, disciplina ministrada pelo Professor Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos. Nesta disciplina, foram abordados temas interessantes acerca do processo civilizador em Norbert Elias, processo civilizador e tecnização, a civilização como transformação do comportamento humano, conceitos sociológicos em Norbert Elias, figuração, tecnização, rede de interdependência. Teve-se, ainda, o privilégio de acompanhá-lo na aula prática na comunidade de Tapajós-Camanaus, onde demonstrou como se deve conduzir uma pesquisa de campo. No segundo semestre, para continuar contribuindo com a formação dos mestrands de São Gabriel da Cachoeira, após a conclusão das disciplinas obrigatórias, a UFAM, por meio do programa de pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, optou por enviar professores para ministrar as disciplinas optativas no formato de oficinas para auxiliar os alunos do mestrado e passar informações a respeito do primeiro capítulo a seus orientandos.

- A primeira **oficina** foi sobre **Literatura Infantil**, ministrada pela professora Dra. Livia Penedo. O enfoque foi sobre a importância das histórias contadas, mitos, lendas e outros saberes tradicionais. Incentivou-se a falar e escrever sobre essa riqueza ancestral para que, posteriormente, pudesse ser montado um e-book sob sua orientação e supervisão. Os trabalhos serão publicados pela Cia de Letras no primeiro semestre de 2025.

- A **oficina** ministrada pelo Dr. Caio Souto, trouxe como temática “**Conceitos de Saúde/Corpo/Medicina em Sociedades Indígenas**”. O referido professor utilizou como estratégia o estudo e exposição individual de artigos escritos em espanhol relacionados à nossa pesquisa, além de contribuir com o manejo de algumas plataformas de pesquisas e a atualização do currículo Lattes.

- A **oficina** seguinte teve como ministrante o professor Dr. Harald Sá, que abordou assuntos relevantes, explicando o tempo, quando e como submeter, a estrutura e as partes que compõem o dossiê para a qualificação. A oficina foi bastante proveitosa para todos os mestrands que tiveram a oportunidade de participar das aulas e tirar dúvidas a respeito dos projetos.

- Também tivemos o privilégio de ter conosco nesse período a presença dos professores doutores Bruno Rodrigues e Sidney Peres, ministrando a **oficina sobre Antropologia Clássica**. O Professor Sidney possui vastos estudos e uma grande

experiência acadêmica acerca da região do Rio Negro. O diálogo estabelecido foi importante porque se falou um pouco do projeto, e, em contrapartida, foram dadas dicas e sugestões pertinentes para o andamento da qualificação.

- Contamos ainda com a presença do professor Nelson Noronha, com a **Disciplina Tópicos Especiais II**, trazendo como temática “**Análise da Política de Gestão Ambiental em Terras Indígenas**”. As abordagens feitas por meio de diferentes textos e atividades teóricas a respeito da temática contribuíram para o nosso conhecimento sobre o assunto em questão.

- Tivemos também a colaboração do professor Dr. Tiago Jacaúna com a **oficina “Análise de Dados nas Ciências Sociais”**. Durante a oficina, além de outras informações, foram recebidas orientações sobre inteligência artificial e como utilizar a ferramenta ChatGPT para a elaboração e correção dos textos acadêmicos.

- Outra importante contribuição foi a do professor Dr. Agenor Cavalcante, com a **oficina sobre “Intelectuais Indígenas”**, na qual fez importante referência aos doutores e pesquisadores nativos. Compartilhou com os acadêmicos a criação de tabelas para identificação de ideias e autores recorrentes no campo do pensamento social: João Barbosa Rodrigues (1881), Koch Grunberg (1903-1905), Euclides da Cunha (1904-1906), Alcionílio Bruzzi (1953-1958). Apresentou a relação do pensamento social da Amazônia com dois movimentos de formação do pensamento brasileiro: Macunaíma (Mário de Andrade) e Jurupari (Viveiros de Castro). Discutiu sobre o recente movimento que tem contribuído para a reconstrução do Pensamento Social na Amazônia: os intelectuais indígenas da UFAM.

- Contamos também com a presença do professor Dr. Ludolf Waldmann Júnior, falando a respeito da “**Ciência Política e Segurança na Amazônia**”. Partindo dessa temática, o professor fez menção à construção da cidadania, direitos políticos, direitos sociais, Constituição Cidadã 1988, dentre outros assuntos relacionados com a oficina.

As abordagens feitas durante as aulas das referidas disciplinas obrigatórias, assim como das eletivas, foram importantes e necessárias para o cumprimento das etapas que compõem o mestrado, principalmente na realização da pesquisa de campo, elaboração do texto para a qualificação e dissertação. Estamos caminhando em busca de nossos objetivos, que é nos tornarmos mestres em Sociedade e Cultura na Amazônia e, nessa perspectiva, as experiências e os conhecimentos repassados pelos doutores da instituição formarão a base do nosso domínio teórico e científico.

Os créditos das disciplinas obrigatórias e das eletivas foram cumpridos integralmente, totalizando 37 (trinta e sete unidades de créditos), distribuídos em: Disciplinas Obrigatórias (18), Disciplinas Eletivas (09), Defesa Pública da Dissertação (10). Além das disciplinas obrigatórias e eletivas, cumpridas com êxito, também tivemos algumas participações em eventos, entre eles podemos citar:

- **Palestra Novas Tecnologias e Guerras**, ministrada no dia 03 de agosto pelos pesquisadores da King's College London.

- **VII EPPAC – Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe**, com o tema: "**Reflexões sobre uma episteme Amazônica e Caribenha**". Ocorreu nos dias 16 e 17 de outubro de 2023, no Polo São Gabriel da Cachoeira. O evento contou com a participação efetiva dos alunos e com a presença da professora Dr.^a Artemis Soares de Araújo, que acompanhou as atividades realizadas em São Gabriel da Cachoeira e a submissão dos trabalhos relacionados aos GTs.

- **II Seminário de Direitos Humanos, Estado e Cidadania: Formação Indígena e Desafios da/para Cidadania**, de 26 a 30 de maio de 2025, nas dependências da FOIRN, em São Gabriel da Cachoeira – AM.

- **6º SisCultura: Território, Gênero e Sustentabilidade** – ocorrido no dia 25/11/2024. Participação importante no GT 8, com tema de abordagem acerca do "**Corpo, Arte e Cultura na Amazônia**" (Presencial e Online), que teve como Coordenadora a Dra. Artemis Soares de Araújo. O **VI Seminário Internacional de Sociedade e Cultura na Amazônia – SisCultura** – concentra-se nas discussões sobre os desafios que as ciências humanas e sociais enfrentam na Amazônia, explorando alternativas que promovam relações humanas mais sustentáveis, justas e igualitárias na região. Em um contexto de crescente degradação ambiental e desigualdades sociais, o evento propõe debates interdisciplinares que visam enfrentar as complexidades da sociedade amazônica, sempre considerando as interações com o cenário global.

- **Seminário Internacional** – Promovido pela Universidade Pública de El Alto, da área de Ciências Sociales, por meio do Curso de Sociologia. O evento ocorreu em 03 de dezembro de 2024, abordou como temática o "**Contexto Histórico de La Educación Escolar Indígena en la Amazonia Brasileña**", tendo como objetivo discutir a Educação Escolar Indígena em vários contextos. Participaram como palestrantes os alunos do mestrado Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/Brasil), Viviane Alberta Gonçalves Souza e João Ubiraci Junior.

• **Emflor – 8º Encontro de Estudo sobre Mulheres da Floresta**, ocorrido de 04 a 06/12/2024. O Emflor é uma iniciativa promovida pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e realizada pelo Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder (GEPOS). O grupo é vinculado ao CNPq e aos programas de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia da UFAM. Tem como missão aprofundar e disseminar conhecimentos sobre a temática de gênero na Amazônia/Brasil. A 8ª edição do evento trouxe como tema **“Gênero, Equidade e Ecofeminismo”**, com o objetivo de destacar e discutir as pesquisas realizadas nessa área.

• **II Seminário de Direitos Humanos, Estado e Cidadania: Formação Indígena e Desafios da/para Cidadania**, de 26 a 30 de maio de 2025, das 08h30 às 20h00, nas dependências da própria FOIRN, em São Gabriel da Cachoeira/AM.

Quanto às minhas perspectivas em relação ao futuro, espero continuar contribuindo com as pesquisas sociais que sejam relevantes para a escola na qual atuo, com o local de pesquisa, no caso, o Triângulo Tukano, e com o município de São Gabriel da Cachoeira de modo geral. Espero ainda que o mestrado possa contribuir significativamente com a minha formação profissional e intelectual, além de abrir novas oportunidades de atuação em outras instituições.

De agora em diante, teremos outras lutas a serem travadas, outros campos para atuar; as fronteiras foram cruzadas, não há volta. Precisamos, através do nosso conhecimento e dos nossos saberes tradicionais, desconstruir ideias equivocadas a respeito de nossas culturas. É nosso dever reescrever de forma correta aquilo que um dia alguém expôs de maneira errônea e preconceituosa.

Acredito que a minha história, assim como a de todos os colegas, foi construída de altos e baixos, de vitórias e derrotas, de perdas e superações. Porém, ao concluir meu relato de experiências como uma originária do Rio Negro, é possível refletir que as minhas vivências infantis e juvenis com os jogos e brincadeiras estão entrelaçadas com a minha área de atuação como profissional de Educação Física e com a escolha do tema de pesquisa.

A pesquisa se alinha perfeitamente com o que vivenciei e experimentei em relação a jogos e brincadeiras durante a minha convivência com os meus familiares e com os outros povos tradicionais dos quais tive a grande oportunidade e privilégio de conhecer e, acima de tudo, conviver.

Durante essa convivência, aprendi sobre a cultura das brincadeiras e jogos tradicionais do meu povo e dos demais grupos indígenas com os quais convivi. Portanto, a partir dessa conexão com a diversidade cultural até os tempos atuais, agora no papel de pesquisadora em nível de mestrado, pude perceber a importância dos conhecimentos adquiridos no decorrer da infância, adolescência, da carreira profissional e acadêmica.

Portanto, posso afirmar categoricamente que, assim como o trabalho e os estudos, as brincadeiras e os jogos sempre fizeram parte da minha vida, estiveram presentes por toda a minha história e me acompanham no atual contexto como pesquisadora em um cenário intercultural, que é São Gabriel da Cachoeira. Reitero que essas categorias sempre estiveram presentes durante a minha trajetória de vida e na minha ancestralidade.

2.2 O *Espaço vivendi*: caracterização social e política da Região

São Gabriel da Cachoeira localiza-se no noroeste do Estado do Amazonas, no extremo norte do Brasil, em uma região de tríplice fronteira com a Colômbia e a Venezuela. O município foi declarado capital dos povos indígenas pela Lei n. 5.796/22, por abrigar grande diversidade cultural em seu território, o que o torna uma área de fundamental importância para a compreensão da diversidade sociocultural e política da Amazônia.

O município possui um espaço territorial bastante extenso, medindo 109.192,562 km², com população total estimada em 51.795 habitantes (IBGE, 2022). Esse espaço territorial é habitado há pelo menos dois mil anos por diversos grupos indígenas pertencentes a quatro famílias linguísticas: Tukano Oriental, Aruak, Nadahup (Maku) e Yanomami, congregando em sua diversidade étnica 23 etnias oficialmente comprovadas (FOIRN, 2006, p. 29).

A família Linguística do Tukano Oriental engloba as etnias: Tukano, Desano, Cúbeo, Wanana, Tuyuka, Piratapuya, Mirititapuya, Arapaso, Karapanã, Bará, Siriano, Makuna, Tatuyo, Yuruti, Barasana e Taiawano. O Aruak congrega em seu tronco linguístico as etnias: Baniwa, Kurripaco, Baré, Werekena e Tariana. Já o tronco linguístico Nadahup (Maku) é composto pelas etnias: Hupda, Yupda, Dow, Nadob, Kakwa e NukaK. O tronco linguístico Yanomami envolve os próprios Yanomami (FOIRN, 2006, p. 31).

Esta região, que compreende o alto Rio Negro e seus afluentes, concentra um grande complexo regional subdividido em regiões administrativas pelo Plano Diretor, por

meio da Lei Municipal n. 209, de 21/11/2006. A região é composta por mais de 700 comunidades indígenas de pequeno, médio e grande porte, dentre as quais se destacam Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracua, por fazerem parte do *lôcus* da pesquisa.

Figura 2 – A configuração geográfica do Triângulo Tukano representado no mapa.



Fonte: Mapa das Famílias Linguística do Alto e Médio Rio Negro/ISA, 2020. Adaptação da autora.

Este espaço geográfico, que envolve as três comunidades de Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracua, quando observado no mapa, apresenta uma aparência geométrica de um triângulo. Além da analogia à figura geométrica, o nome de Triângulo Tukano foi atribuído pelo domínio da língua tukano, sem contar que o grupo Tukano também possui um número significativo de pessoas nesse território. Contudo, é importante enfatizar que essa região é caracterizada por uma intensa diversidade linguística, com diferentes grupos étnicos compartilhando territórios, mas mantendo suas particularidades culturais, linguísticas, mitos e história de origem.

Alencar (2022), ao emitir seu parecer sobre o motivo da denominação de Triângulo Tukano, critica o nome dado, em virtude do domínio da língua dos Ye' pá Mahsã (Tukano) nos distritos de Taracua, Iauaretê e Pari-Cachoeira, caracterizando, segundo a autora, o reconhecimento apenas da língua Tukano, como se na região não existissem outros povos falantes de outras línguas. O que, de fato, se observa ao considerar a diversidade linguística existente.

As etnias que convivem nesse território formam um sistema de convivência interétnico que representa uma riqueza cultural única na Amazônia brasileira, onde

historicamente essa região tem se caracterizado por uma organização social baseada na troca e na cooperação. Esses povos praticam um complexo sistema de alianças matrimoniais entre diferentes clãs, o que reforça os laços sociais e políticos entre eles.

Além disso, os habitantes do Triângulo Tukano possuem conhecimentos tradicionais amplamente reconhecidos, especialmente em relação à gestão de recursos naturais e ao manejo sustentável da floresta. Esse conhecimento, aliado às suas práticas espirituais e culturais, garante a preservação do meio ambiente, a continuidade de suas tradições e de seus territórios, assim como também a resistência desses povos. Muito embora Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracúá enfrentem grandes desafios em função da distância geográfica para manter as relações sociais e encontros periódicos para discutir suas políticas sociais em favor da região.

Figura 3 – Comunidade de Iauaretê.



Fonte: Bira Andrade, 2022.

Iauaretê é um dos maiores centros comunitários em terras indígenas (TI) do Alto Rio Negro, localizado na confluência do Alto Rio Uaupés e seu afluente Papuri, área pertencente ao Triângulo Tukano. Agrega uma população de 2.221 habitantes (SIASI DSEI/ARN, 2023). Até a década de 1920, era um povoado composto por algumas malocas do grupo Tariano que ocupavam o território de forma delimitada e ordenada por clãs que manejavam os espaços de pesca e de agricultura, onde cada família respeitava os espaços e cachoeiras em que continham suas armadilhas para aprisionar os peixes, sempre levando em consideração o tempo de manejo e os locais sagrados.

Contudo, essas regras compartilhadas tradicionalmente foram se modificando com o passar do tempo e com a chegada dos missionários e outros grupos indígenas a essa comunidade, a ocupação passou a ocorrer de forma menos tradicional e de crescimento desordenado (ISA, 2009). Entre as etnias que coabitam em Iauaretê, podem-se citar: Tariano, Tukano, Desano, Wanano, Arapaso, Hupda, Baré, Tuyuka, Cúbeo, Mirititapuya, Carapanã, Curripaco, Baniwa e Siriano (Povoado indígenas de Iauaretê, 2017, p. 30).

Figura 4 – Missão Salesiana de Iauaretê, imagens dos anos 60/70.



Fonte: Iauaretê Mahsã, 2025.

A mudança de configuração na vivência tradicional desses povos ocorreu em virtude da colonização nessa região, principalmente com a chegada das missões salesianas e a migração de outros grupos indígenas para o então povoado. Com isso, o crescimento populacional aumentou consideravelmente, apesar de continuar sendo majoritariamente dominado pelos Tariano. Com a criação do sistema de internato implantado pela Congregação Salesiana no ano de 1930, a comunidade passou a ocupar uma maior representatividade na geopolítica regional, sendo a mais populosa em relação a Pari-Cachoeira e Taracua (ISA, 2009).

Pari-Cachoeira é a segunda maior comunidade em TI, situada à margem direita do Alto Rio Tiquié. Em termos populacionais, há dois anos, somava uma população estimada em 1.150 pessoas, conforme dados do SIASI DSEI/ARN (2023). No entanto, antes do

significativo aumento populacional, Pari-Cachoeira era apenas um pequeno povoado do clã Tukano, que tinha como chefe Yeparã Panikum, vindo do Alto Papuri, e se estabeleceu às margens do Rio Tiquié, um local estratégico, pois tal rio representava para este clã uma segurança alimentar devido aos recursos disponíveis por meio da pesca. Por esse motivo, seu fundador chamou este local de “Siripa” (cerca de pegar peixes), atualmente Pari-Cachoeira. Após a vinda do clã Tukano, em seguida vieram seus irmãos do Rio Papuri e seus parentes, os Dessana (FOIRN, 2020). Posteriormente, passou a ser ocupado por outras etnias, entre elas: Tukano, Desana, Tuyuka, Mirititapuya, Tariano, caboclo e outros (PGTA DIA WII, 2020).

Figura 5 – Comunidade de Pari-Cachoeira.



Fonte: Edmar Barreto, 2023.

Devido à ação violenta dos invasores nesse território, esses grupos procuraram refúgio em suas comunidades de origem, porém logo retornaram à região em busca de mudanças de vida. Com esse pensamento, as lideranças, ao ficarem sabendo da escola salesiana em Taracúá, propuseram-se a ir até esse local em 1938 para dialogar com os religiosos e manifestar o interesse pela implantação da missão salesiana também em Pari-Cachoeira, pois era ali que desejavam estabelecer residência definitiva. Foi dessa forma que, em 1940, o Bispo Dom Pedro Massa e sua comitiva chegaram à comunidade e mudaram o nome de Siripa para Pari-Cachoeira (FOIRN, 2020).

Taracúá é a terceira comunidade que compõe o Triângulo Tukano. Nos dados representativos da saúde indígena de 2023, apresentava um contingente populacional de

1.166 habitantes (SIASI DSEI/ARN, 2023). Com essa estimativa, a comunidade ultrapassou Pari-Cachoeira em termos populacionais, apesar de ser a menor entre as três comunidades nessa região.

Figura 6 – Comunidade de Taracúá.



Fonte: Juliana Radler/ISA.

Em épocas passadas, Taracúá também foi um pequeno povoado localizado às margens esquerda do Baixo Rio Uaupés e Rio Tiquié, que apresentava padrões tradicionais de seus povos e foi um dos primeiros a ser ocupado pelos salesianos que chegaram em 1918. Antes dessa ocupação externa, esses povos viviam em malocas, local de realização de cerimônias tradicionais, e tinham como ocupação as atividades de manejo da agricultura, pesca e caça. Essas eram as principais ocupações das famílias dentro de seus territórios. Porém, após a interação com os colonizadores, as famílias foram modificando seus costumes e seu padrão de vida. A comunidade ainda é habitada em sua maioria pela etnia Tukano, dentre outras, tais como: Dessana, Tariana, Piratapuya e Tuyuka (FOIRN, 2020).

O comando de Iauaretê, Pari-Cachoeira, Taracúá e demais comunidades, há milênios, é exercido por meio de sistemas políticos locais, geralmente baseados em autoridades tradicionais, tais como clãs, pajés e caciques, e, atualmente, pelas lideranças que articulam decisões coletivas em favor do Triângulo Tukano, envolvendo as problemáticas, políticas públicas e comunitárias de cada um dos três distritos em particular.

Historicamente, o Triângulo Tukano tem se caracterizado por uma organização social baseada na troca e na cooperação. Os povos indígenas desse território praticam um complexo sistema de alianças matrimoniais entre diferentes clãs, o que reforça os laços sociais, de compartilhamento e relações políticas entre eles.

Nessa região, a adoção da língua Tukano como língua franca reflete essa necessidade de compartilhamento, comunicação e integração, permitindo uma convivência mais harmoniosa e produtiva, uma vez que essa língua nativa facilita o diálogo entre os diversos grupos étnicos que falam línguas distintas e de difícil compreensão.

Além disso, os povos do Triângulo Tukano possuem conhecimentos tradicionais amplamente reconhecidos, especialmente em relação à gestão de recursos naturais e ao manejo sustentável da floresta. Esse conhecimento, aliado às suas práticas espirituais e culturais, garante a preservação do meio ambiente e a continuidade de suas tradições e de seus territórios. Segundo Jurema (2001, p. 29), “Os interesses políticos e sociais da região do alto rio Negro são discutidos a partir da opinião dos vários líderes que procuram defender sempre o patrimônio cultural da região”.

No Triângulo Tukano, todos esses povos com suas tradições milenares apresentam um sistema de convivência interétnica, que representa uma riqueza cultural singular na Amazônia brasileira. Entretanto, há de se compreender que, em meio à implantação das Missões Salesianas em diferentes épocas nas três comunidades, houve grandes e maléficas mudanças que causaram impactos na vida desses povoados, e com essa interação entre as duas culturas, indígena e do branco, veio o esporte entremeado à educação opressora dos salesianos.

Contudo, há de se reconhecer que, posterior a esse período de opressão, outros religiosos que aqui chegaram já possuíam outra visão em relação a essas culturas. A partir de uma nova fase, os novos religiosos contribuíram significativamente para a formação e criação de associações que defendiam os direitos indígenas. Além disso, mesmo com a educação considerada opressora antes vivida, esses povos passaram a ter conhecimentos a respeito de seus direitos de viver seus costumes e crenças e, assim, resistir aos desafios que se apresentam na contemporaneidade.

O Triângulo Tukano, como já se mencionou, abrange uma região estratégica no Alto Rio Negro, habitada por diversos grupos indígenas de diferentes etnias. A interação cultural, social e política entre essas etnias, e entre elas e a sociedade não indígena, é

mediada por diferentes fatores como os sociais, políticos e as políticas públicas implementados nesse território.

Os jogos, enquanto práticas culturais, estão intimamente conectados aos processos sociais e políticos das comunidades indígenas. Através dos jogos, os povos Tukano e outros grupos da região reforçam valores comunitários, tradicionais e espirituais, além de negociarem suas identidades culturais com o contexto mais amplo da sociedade brasileira e global. Nesse sentido, é importante refletir sobre como o processo político e social dos jogos no Triângulo Tukano se relaciona com as políticas públicas específicas dessa região, e como esses espaços de interação podem ser alinhados para fortalecer as tradições culturais, o diálogo e a autonomia dos povos indígenas.

Os jogos tradicionais entre os povos do Triângulo Tukano, como o *kawaré* (um jogo de tabuleiro tradicional), competições de habilidades físicas, danças e rituais, não são apenas uma forma de recreação ou entretenimento. Eles são, antes de tudo, meios de socialização, educação e afirmação de identidade. Essas práticas têm um significado profundo, pois envolvem a construção de laços sociais, a educação de gerações mais jovens e a transmissão de saberes ancestrais.

Do ponto de vista político, os jogos também podem ser entendidos como uma forma de resistência e valorização cultural. A preservação desses jogos é um ato de afirmação identitária frente à pressão da sociedade maior, que frequentemente desconsidera ou marginaliza as práticas culturais indígenas. Além disso, o processo de interação entre diferentes etnias do Triângulo Tukano por meio de jogos cria um espaço de negociação e compartilhamento de saberes, o que também está relacionado aos aspectos políticos do território e da autonomia das comunidades.

No contexto das políticas públicas, os três distritos que compõem o Triângulo Tukano, Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracuí, apresentam desafios distintos, mas também oportunidades de alinhamento e colaboração no que diz respeito à promoção e valorização cultural. As políticas públicas nessas regiões devem considerar não apenas as necessidades mais amplas de saúde, educação e infraestrutura, mas também os aspectos culturais que envolvem as práticas e os jogos tradicionais.

1. **Iauaretê:** A comunidade de Iauaretê é uma das mais tradicionais e culturalmente ricas da região, com uma forte presença dos povos Tukano e Tariano. A integração das práticas culturais, incluindo os jogos, dentro das políticas públicas deve envolver ações que incentivem a preservação das línguas e tradições locais, como também a implementação de projetos de fortalecimento de redes culturais. Nesse distrito, os jogos

tradicionais podem ser integrados a projetos educativos, como oficinas nas escolas indígenas, em que os jovens possam aprender a jogar e, simultaneamente, aprender sobre a história e os valores de seus povos.

2. Distrito de Taracúá: Taracúá é uma região onde as políticas públicas têm focado mais na saúde e educação. Contudo, é fundamental que haja uma expansão das iniciativas culturais, incluindo os jogos, como forma de integração entre as comunidades indígenas e a sociedade mais ampla. Nessa comunidade, as políticas públicas poderiam promover o intercâmbio de práticas de jogos entre diferentes etnias, criando eventos e festivais que unam as diferentes comunidades para o fortalecimento do senso de coletividade. Um exemplo poderia ser a organização de campeonatos regionais de jogos indígenas, que reunissem os povos em competições simbólicas que também celebrassem a diversidade cultural.

3. Pari-Cachoeira: Em Pari-Cachoeira, as políticas públicas focam na acessibilidade de serviços básicos, mas a região carece de iniciativas voltadas para o reconhecimento das especificidades culturais dos povos que ali habitam. A promoção de jogos como parte de um currículo escolar indígena poderia ser uma forma eficaz de fortalecer o ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo em que promove a preservação e valorização das culturas locais. Isso incluiria a criação de eventos culturais que envolvam o resgate de jogos tradicionais e a formação de professores indígenas capazes de mediar esses conhecimentos com as gerações mais jovens.

Para que as políticas públicas das três comunidades do Triângulo Tukano possam, de fato, beneficiar e valorizar as culturas locais, é necessário um alinhamento entre os projetos de desenvolvimento regional e as práticas culturais, como os jogos tradicionais. Esse alinhamento envolve três principais pontos:

1. Educação Intercultural e Jogos Tradicionais: As escolas indígenas precisam integrar de forma mais explícita os jogos tradicionais nos currículos, não como uma atividade extracurricular, mas como parte fundamental do aprendizado e da transmissão de conhecimentos sobre a cultura e a história do povo. Isso deve ser refletido nas políticas educacionais de cada comunidade. A proposta de Boaventura de Souza Santos (2010) sobre a "ecologia dos saberes" é pertinente aqui, pois os saberes indígenas, incluindo os jogos, devem ser reconhecidos como formas legítimas de conhecimento, no mesmo nível que as abordagens acadêmicas.

2. Fortalecimento da Identidade Cultural e Autonomia: As políticas públicas devem atuar para fortalecer a identidade cultural dos povos do Triângulo Tukano,

incentivando a preservação dos jogos tradicionais como patrimônio imaterial. Isso implica não apenas respeitar as práticas, mas também incentivá-las a se manterem vivas nas novas gerações, com apoio financeiro e logístico. A promoção de festivais culturais, competições de jogos tradicionais e a criação de espaços para o ensino de habilidades ancestrais, como os jogos, são algumas das possibilidades que poderiam ser exploradas em cada distrito.

3. Relações com a Sociedade Não Indígena: A interculturalidade, como já mencionado, é um elemento essencial no Triângulo Tukano, e os jogos podem atuar como uma ponte para a compreensão mútua entre as comunidades indígenas e a sociedade não indígena. Projetos de integração, como as competições interculturais de jogos, podem ser uma forma de promover o respeito pelas culturas indígenas, ao mesmo tempo em que fortalecem os vínculos entre as comunidades locais e as políticas públicas mais amplas.

O processo político e social dos jogos no Triângulo Tukano é um reflexo da complexa dinâmica de intercâmbio cultural, resistência e afirmação identitária que marca a região. A inclusão dos jogos tradicionais nas políticas públicas é uma forma de fortalecer as culturas locais, promover a educação intercultural e garantir que as gerações futuras continuem a se conectar com suas raízes. O alinhamento das temáticas culturais com as políticas públicas nos três distritos do Triângulo Tukano requer uma abordagem sensível às necessidades e especificidades de cada povo, promovendo um verdadeiro diálogo intercultural que respeite e valorize as tradições indígenas.

2.3 A rotina cultural esportiva do Triângulo Tukano

Ao abordar a rotina cultural esportiva da sociedade do Triângulo Tukano, parte-se da compreensão dos jogos tradicionais e do desporto como manifestações culturais que possuem significados, valores e crenças construídos e transmitidos dentro dessa sociedade. A partir dessa perspectiva, é primordial refletir sobre as práticas tradicionais indígenas que foram desconsideradas com a colonização da região.

É importante ressaltar que as sociedades indígenas, desde os primórdios, mantinham suas práticas culturais. Mesmo com propósitos distintos dos atuais, essas atividades sempre estiveram presentes na vida e na tradição dos grupos indígenas ao longo de suas trajetórias, em diferentes contextos históricos e locais de ocupação. Soares (2016, p. 88) sintetiza: "Diríamos que o homem situado no mundo, no seu mundo, que o produziu e por esse é produzido".

Na região do Triângulo Tukano, não seria diferente. Antes do período da colonização do Brasil e, mais especificamente, da chegada das congregações de ordens religiosas e protestantes, como os missionários Franciscanos, Carmelitas e evangélicos, principalmente os da ordem dos salesianos na região do Alto Rio Negro, esses povos já mantinham em seu cotidiano atividades voltadas aos jogos, brincadeiras, danças e rituais, fazendo parte de suas tradições há milênios.

Esse fato é comprovado na explanação de Jurema (2001), ao ressaltar que "o jogo é uma maneira de sobreviver a todas as dificuldades que existem na selva". Isso ocorre porque, conforme o autor, o jogo possui aspectos ligados aos rituais; portanto, para este pensador, "o jogo e ritual estão muito próximos" (Jurema, 2001, p. 17). Para Arthur Ferreira, em entrevista concedida ao pesquisador Jurema em 2001:

O jogo é uma característica dos indígenas, pois é por meio dele que se transmitem valores culturais de várias gerações. Da mesma forma, a brincadeira infantil está revestida de valores, principalmente os míticos que procuramos transmitir para as nossas crianças. (Ferreira, 2001 apud Jurema, 2001).

E como bem lembra Jurema, para um Tukano:

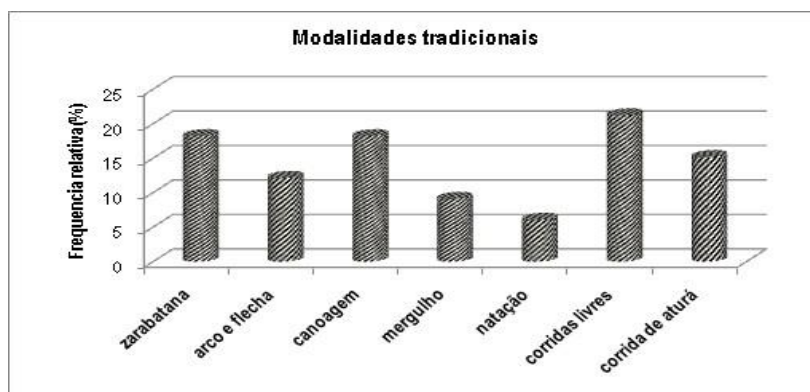
brincar significa viver o mundo dos seus antepassados. Em seu conteúdo, cada brincadeira exalta um herói, um mito, um feito ou um acontecimento do cotidiano. O jogo é vida porque está sempre ligado à disputa, à sobrevivência e à manutenção viva das tradições. Para esses povos, o jogo é, sem dúvida, um meio de expressar seus costumes, e também uma maneira de sobreviver a todas as dificuldades que existem na selva (Jurema, 2001, p. 17).

O estudo realizado pelo pesquisador evidencia a importância do jogo entre os Tukano, mostrando o papel dessa prática no cotidiano e, conseqüentemente, na preservação dos hábitos desses povos. Contudo, a partir da invasão colonialista, houve intensa intolerância sobre as práticas culturais indígenas.

Ao dialogar com os interlocutores do Triângulo Tukano, foi possível identificar as atividades tradicionais por eles praticadas em épocas passadas. Entre os jogos tradicionais que passaram a fazer parte do contexto esportivo dessas localidades, foram citados a zarabatana, o arco e flecha e as corridas livres. Conforme as edições dos jogos foram ocorrendo, outras modalidades de origem indígena foram incorporadas, como, a

corrida do Aturá¹⁷, mergulho, canoagem e natação, como pode ser verificado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Tipos de práticas esportivas tradicionais do evento Triângulo Tukano



Fonte: Pesquisa de campo, 2024, acervo da autora.

Como já mencionado, as modalidades tradicionais citadas foram gradativamente acrescentadas como atividades esportivas nos Jogos do Triângulo Tukano, em virtude da preferência dos atletas pelo futebol, modalidade esportiva institucionalizada e incentivada no passado pelos salesianos em Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracuí, e nas demais sedes das missões salesianas implantadas no Alto Rio Negro.

Considerando que, nesse período, os pré-adolescentes e adolescentes passavam a maior parte do ano nas escolas-internatos, local onde as brincadeiras e costumes indígenas não eram praticados por não serem permitidos, isso trouxe como consequência o apagamento dos jogos e brincadeiras tradicionais do cotidiano indígena, colocando tais atividades em segundo plano e causando um grande impacto entre as crianças e jovens da época na maneira de vivenciar suas tradições e outros costumes.

Diante da supremacia que os esportes institucionalizados exerciam sobre os jogos tradicionais, surgem as reflexões e lutas das lideranças indígenas do Triângulo Tukano para que essas práticas também fizessem parte dessa importante manifestação sociocultural. Por se tratar dessa importante integração das modalidades tradicionais com as modalidades não indígenas no meio esportivo, torna-se relevante abordar a utilidade do arco e flecha e da zarabatana no passado e sua simbologia na cultura indígena.

¹⁷ Aturá ou Waturá na língua Baré (Nheengatu): Na região do Rio Negro, Aturá ou waturá é um cesto de formato cilíndrico que os indígenas carregam nas costas, suspenso por uma corda chamada envira, passada à volta da cabeça, e que serve para transporte de frutos, mandiocas, sementes etc.

Na cultura indígena, os modos de vida, os hábitos, vivências e experiências nas florestas, rios e a biodiversidade circundante possuem um sentido, um significado. A cosmologia e a mitologia são exemplos disso. Moura (2022) apresenta em sua pesquisa um Memorial Tukano de narrativas mitológicas que descrevem histórias de seus antepassados, contadas oralmente entre as gerações. Na percepção do autor, a mitologia Tukano fundamenta a estrutura social hierárquica, que rege os princípios da vida, o pensamento filosófico e sociológico, os modos de vida indígena, os costumes, os jogos, as regras e as tradições.

Ao tratarmos da mitologia defendida pelo povo Tukano sobre a origem do arco e flecha, seu surgimento está ligado à gênese desses povos, quando a canoa da transformação emergiu, ou seja, "saiu do buraco", na Cachoeira de Ipanoré. Segundo essas narrativas mitológicas, foi nesse contexto que a Yepá ò ku (Deus) fez surgir as pessoas da etnia Tukano, a quem entregou o instrumento conhecido como "Arco e Flecha".

Não foi por acaso que essa etnia recebeu esse presente da divindade. Ele foi dado por possuir utilidades capazes de garantir a sustentabilidade e a sobrevivência daquele povo (J.B.S, 2024). Esse artefato também possui sua importância e simbologia entre outros grupos indígenas no Brasil.

Figura 7 – Prática do arco e flecha em Iauaretê



Fonte: COIDI-Iauaretê, 2023.

A mitologia é uma característica comum em toda a área cultural do Rio Negro. O mito da Cobra Canoa ou Canoa da transformação traz a explicação da criação do mundo e a origem das etnias indígenas. No entanto, as narrativas apresentam variações

de um grupo para outro, mas, de modo geral, o mito da Canoa da transformação narra como os ancestrais indígenas chegaram a essa região e como ocorreu a distribuição desses grupos específicos em cada local.

Decorrente da narrativa desse mito, a Canoa da Transformação, partindo do Oceano Atlântico em uma espécie de canoa mística, adentrou o Rio Amazonas, seguindo pelo Rio Negro, Rio Uaupés e seus afluentes. No decorrer da viagem, ocorreram inúmeras paradas, situando as etnias em suas casas de transformação, regadas a festas. Ao desembarcarem na cachoeira de Ipanoré, no médio Rio Uaupés, foi a vez do grupo Tukano (Biblioteca FUNAI, 2011/Freire).

Os indígenas da etnia Haliti-Paresi, do Mato Grosso, por exemplo, além do uso dos instrumentos para guerrear, pescar e caçar, o arco e flecha possui uma simbologia profunda e milenar. Segundo a mitologia de origem desse artefato, contada por esses povos, ele representa a busca por objetivos de vida, ou seja, personifica o alcance dos sonhos (FUNAI, 2022).

Quanto ao uso cultural da zarabatana, pode-se dizer que, em algumas sociedades indígenas, a prática da zarabatana também possui um significado cultural muito abrangente. O domínio das habilidades para o uso do implemento é entendido como um rito de passagem, que simboliza a fase de transição para a idade adulta. As cerimônias e competições de zarabatana são comuns entre os nativos; por meio delas, os jovens demonstram suas habilidades e aprendem a importância da caçaria sustentável e do respeito pela natureza. A simbologia desse aparato é retratada na arte e na mitologia indígena, ao relacionar a conexão entre o ser humano e o meio ambiente.

Figura 8 – Prática da Zarabatana em Iauaretê



Fonte: COIDI Iauaretê, 2023.

A zarabatana, por milhares de anos, foi um instrumento utilizado para a caça de animais de pequeno porte e aves. Atualmente, ainda mantém sua utilidade em algumas comunidades tradicionais no Alto Rio Negro, porém também se popularizou como um esporte recreativo, atividade lúdica e competitiva. Esse instrumento é também utilizado em atividades educacionais, como eventos esportivos e aulas de Educação Física, como meio para fomentar a valorização cultural.

Portanto, esses instrumentos ancestrais de grande utilidade perpassam por gerações até se tornarem uma modalidade esportiva indígena, a exemplo do que aconteceu no mundo, no Brasil e nos Jogos do Triângulo Tukano. Como ferramenta de ensino, a zarabatana e o arco e flecha promovem o conhecimento e o interesse pela cultura e pela história de distintos povos que habitam o território brasileiro.

O Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano, como mencionado anteriormente, une práticas esportivas contemporâneas com jogos indígenas tradicionais, tais como: Corrida do Aturá, Arremesso de lança (Zarabatana) e tiro com arco e flecha. As imagens a seguir retratam a prática de algumas modalidades do desporto tradicional indígena da região.

- Corrida com Aturá: um ritual de resistência e força física que representa a conexão entre o corpo, a natureza e o trabalho coletivo. O cesto, aturá ou Waturá (Figura 9), é de uso doméstico e feminino, como componente no auxílio e transporte de mandioca nas roças indígenas na região do Rio Negro.
- Arremesso de lança e tiro com arco e flecha: atividades que resgatam práticas de caça, essenciais para a sobrevivência e a cultura desses povos.
- Cantos e danças rituais: elementos fundamentais dos jogos, que reafirmam a relação espiritual com a terra e seus ancestrais.

Além disso, os jogos criaram um espaço de valorização das culturas indígenas, promovendo o diálogo entre gerações e reafirmando a identidade coletiva dos povos do Triângulo Tukano.

Figura 9 – Aturá (Waturá), utilizado em corridas esportivas indígenas no Alto Rio Negro



Fonte: Velthem (2010).

As práticas dos jogos tradicionais indígenas são carregadas de simbologias, ensinamentos, valores e regras de convivência com seu grupo, com outros grupos e com a natureza, pois existe uma forte conexão com o mundo exterior desde o nascimento do homem e da mulher indígena. É a partir desse universo místico que acontece o processo de aprendizagem de habilidades para adquirir a destreza de se tornar um bom pai, mãe, dominar o mundo do trabalho doméstico, da liderança comunitária e das tradições culturais. No entanto, a ruptura desse processo causou sérios impactos na vida desses povos.

Os danos passaram a se refletir na vida desses povos a partir da ocupação das congregações religiosas nessa região, que tinha como principal propósito fundar suas sedes para implantar o sistema de internato, adotando uma pedagogia voltada para a educação e catequização das diferentes etnias habitantes desse território. Paralelo à catequização, foram impostas atividades esportivas envolvendo futebol, voleibol, futsal, além dos jogos de dama, baralho, sinuca e pingue-pongue. Jurema (2001, p. 16) corrobora com essa explanação ao afirmar que "na região do Alto Rio Negro são encontradas várias práticas de jogos, onde o componente de aculturação se faz bastante evidente".

O esporte foi se perpetuando de forma gradual, uma vez que os jovens, ao retornarem às aldeias, levavam consigo novos hábitos que eram disseminados e compartilhados com os parentes em suas comunidades de origem. Dessa forma, os grupos étnicos do Triângulo Tukano se tornaram habituados aos "novos esportes", e isso fez com que as brincadeiras e jogos tradicionais caíssem em desuso, e muitos deles permaneceram adormecidos na memória dos mais velhos. Assim, ocorreu a apropriação do futebol e outras modalidades esportivas pelos povos indígenas do Alto Rio Negro. "Visto que

principalmente o futebol é de fácil adaptação a certas condições e regras recriadas" (Fassheber, 2005, p. 157).

Figura 10 – Imagens de práticas de esportes – Campo da Escola Salesiana



Fonte: Acervo de imagens - José Jacinto, Dezembro de 2024.

Com a implantação do sistema educativo salesiano, surge um novo cenário esportivo entre as populações indígenas do Triângulo Tukano, pois, com essas práticas do esporte introduzido nessas comunidades, as brincadeiras e os jogos tradicionais passaram a ser vivenciados com menos ênfase. Da mesma forma, ocorreu com o uso das línguas, que também foram afetadas em suas manifestações culturais e passaram a não ter mais o mesmo espaço na vivência indígena. Vale lembrar que Soares (2014, p. 39) afirma que "cada sociedade desenvolve uma maneira peculiar de expressão corporal a qual é evidenciada pelo movimento físico".

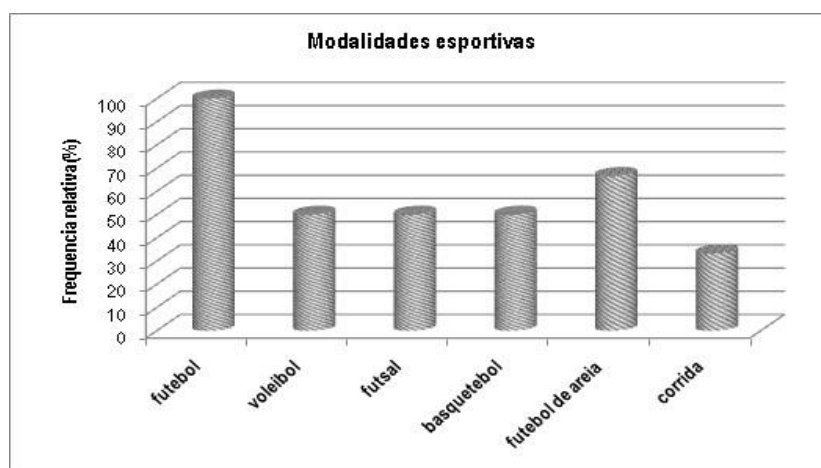
O sistema educacional implantado pelos salesianos causou apagamento cultural, desordem e insegurança nos próprios atores sociais que, durante a fase do internato, não conseguiam reagir nem se posicionar frente às experiências negativas que estavam vivendo, ainda que houvesse clara proibição na prática de suas línguas, costumes e tradições. Fato percebido na fala abaixo por meio de um dos idealizadores e ex-liderança de Pari-Cachoeira que também viveu tal experiência:

Então lá a gente não sabia tratar o pessoal de Pari Cachoeira, Iauaretê, Taracuí, a gente não sabia qual era o grau de proximidade e aí a gente se chamava pelo nome mesmo, Bené, Pedro, Odilon... a gente não sabia qual era o grau de parentesco no internato. Mas também a gente na época não se preocupava com isso, porque nós fomos orientados a falar português e deixar nossos costumes, fomos orientados a deixar a civilização indígena porque era demoníaca para os padres, a cultura indígena era coisa de Satanás, aí éramos obrigados a rejeitar intimamente e espiritualmente a nossa cultura e a gente não se preocupava em cultivar nossa cultura (B. M, 2024).

As ações coercitivas impostas por meio da religião causavam medo de ferir a Deus, e dessa forma o domínio sobre os povos indígenas foi se perpetuando. Com o passar do tempo, principalmente os mais idosos, tornaram-se resistentes à prática da própria tradição cultural por receio de estar cometendo pecado e ferindo ao "Deus" apresentado pelos não indígenas.

Com relação ao esporte institucionalizado pelos salesianos, quando questionados sobre os tipos de modalidades presentes no Triângulo Tukano, foram apontadas as seguintes: futebol, voleibol, futsal, basquetebol e corridas livres, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Tipos de práticas esportivas do evento Triângulo Tukano



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Entre as modalidades esportivas presentes no Triângulo Tukano, algumas têm a preferência do público, como o futebol, que é hegemônico nas três localidades. Essa modalidade foi apontada como principal ou mais praticada, seguida do vôlei, futsal, basquete, futebol de areia e corridas. As seis modalidades são praticadas tanto por times masculinos quanto femininos em Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracuá.

O que se pode refletir nessa situação é que, por longos tempos, o esporte, com sua diversidade de modalidades não indígenas, dominou o território do Triângulo Tukano, impactando na formação da identidade indígena e na interação com os saberes ancestrais, uma vez que os jogos e brincadeiras também fazem parte desse processo de formação. Atualmente, o esporte é visto como algo positivo que beneficia as comunidades do Triângulo Tukano. o entanto, no passado, provocou sérios danos à cultura indígena.

3 A GÊNESE DOS JOGOS DO TRIÂNGULO TUKANO

Este capítulo tem como proposta visibilizar o processo inicial de um movimento esportivo que culminou com a criação de uma das maiores manifestações culturais. Ao ser regulamentado em 2006, esse evento recebeu o nome de "Evento Desportivo Cultural Indígena Jogos Triângulo Tukano". Também serão abordados os atores envolvidos nesse processo, as motivações que levaram à idealização do evento sociocultural e esportivo que fomentou as mobilizações em favor da criação da FOIRN e de outras associações. Neste capítulo, ainda será tratada a ressignificação dos jogos tradicionais indígenas na contemporaneidade, seus significados e a preparação tradicional para o evento.

3.1 A origem dos jogos do Triângulo Tukano e a criação da FOIRN

Após longos períodos vivenciados no internato, os jovens retornaram para as comunidades de origem, divididos entre a tradição e os novos hábitos. A geração dos anos 80 teve que se reinventar para manter viva sua cultura, aspecto preponderante na vida dos grupos étnicos que habitam este território. Conforme um dos irmãos idealizadores do evento, B. M. (2024), "Quando terminou o ginásio, cada um voltou para seu lugar de origem, voltamos para nossas comunidades, cada um trabalhando do seu jeito".

Com o retorno às suas comunidades de origem, os jovens de Pari-Cachoeira, já com formação e conhecimentos adquiridos na escola salesiana, porém insatisfeitos com a conjuntura da época, passaram a refletir sobre o período de negação cultural pelo qual haviam passado e ainda continuavam passando. Para tentar recuperar suas tradições culturais, que estavam adormecidas e invisibilizadas por esse período de imposição religiosa contra a cultura indígena, e diante de outros problemas que assolavam a região, eles começaram a pensar em algo que pudesse ser usado como aliado na luta por seus direitos de viver a sua cultura.

Diante de inúmeros desafios que se apresentavam no início dos anos 80, essas jovens lideranças recém-saídas do internato – entre elas o jovem Tukano de 25 anos, Sr. Benedito Machado, seus irmãos Antônio Machado, Carlos Machado e outros parentes – iniciaram uma espécie de revolução no modo de pensar, no sentido de retomar suas tradições culturais. Nesse contexto, os irmãos Machado apresentavam um olhar visionário em relação a diversos assuntos que geravam preocupações à comunidade e que vinham à

tona mesmo nos momentos de descontração e lazer, gerando rodas de conversas entre uma partida e outra de futebol.

Os primeiros desafios a enfrentar eram o sentimento alimentado no internato que ainda continuava impregnado na memória de alguns jovens da época, que não se consideravam mais indígenas. Esse fato é percebido claramente na explanação do colaborador citado anteriormente ao declarar que:

Até aí ninguém mais era indígena, até o pessoal do Triângulo Tukano já se sentia não indígena porque pensavam que ser índio era ser atrasado, selvagem, que tomava chibé, caxiri, ipadu, essas coisas tudo que hoje o indígena come, era pensado como coisas atrasadas, essa ideia já vinha de muito tempo, aí eu tinha meus 25 anos e eu continuava com meus cumprimentos, chamando pelo nome normal, ninguém sabia mais cumprimentar na língua, eu não sabia como tratar o pessoal de Iauaretê, de Taracuí, Pari Cachoeira e vice versa (B. M., 2024).

Este colaborador salienta também que os indígenas do Triângulo Tukano, nessa época, sofriam muito preconceito por parte dos habitantes de São Gabriel da Cachoeira. O exemplo citado por ele remete a uma passagem de jogos esportivos na qual os atletas de Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracuí formavam as seleções de vôlei, futsal e futebol, representando a sede do município em um torneio contra o selecionado de Cucuí.

Nesse torneio realizado em São Gabriel da Cachoeira, os jovens perceberam o quanto a cultura indígena era discriminada, pois, durante os jogos, os torcedores gritavam em alto e bom som, dizendo que aquela equipe não era a seleção do município, mas sim a seleção de "índios". O entrevistado menciona que, "por esse motivo a cidade toda torcia por Cucuí, eles sim eram gente branca e por isso eram considerados os melhores" (B. M., 2024). Essa geração, além de enfrentar os desafios internos em questões de apagamento de identidade, ainda sofria a rejeição dos considerados não indígenas.

Portanto, junto às premissas de refletir e alinhar as políticas comuns entre Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracuí, havia também o pensamento de se libertar dos paradigmas impostos durante os longos períodos no internato Salesiano. Dessa forma, nasce a ideologia de realizar uma mobilização coletiva para trabalhar a revitalização cultural, o estímulo ao retorno de antigas práticas e tradições que se encontravam em desuso, e a criação de um espaço para discutir políticas públicas voltadas para o Triângulo Tukano, pois naquele período também não havia diálogo sobre estas questões entre as três comunidades, como percebido nesta fala de outro interlocutor, ex-liderança e atual professor da rede estadual de educação da SEDUC:

Os Jogos do Triângulo Tukano foram criados nos anos 80, antes mesmo da Criação da FOIRN, pelos irmãos Machado (Pedro, Benedito, Carlos) e Alvaro Sampaio. Eles criaram os Jogos do Triângulo Tukano justamente para fortalecer a política indígena nesta região, já que naquela época estávamos bastante divididos, o Tiquié para lá, Taracúá aqui, Iauaretê para outro lado, enfim, os 3 distritos naquela época não se conversavam, cada qual por si e isso era muito ruim para o movimento indígena. Por isso pensaram em uma forma de reunir os 3 distritos juntos para discutir as estratégias para essa união. (M. C. M., 2024).

A liderança de Pari-Cachoeira enfatiza em sua narrativa a intenção primária dos eventos iniciais, em que ocorreram reflexões entre as jovens lideranças que estavam surgindo naquela época para restabelecer os vínculos interétnicos, o orgulho de ser indígena – sentimento que por décadas foi suprimido e dizimado em outros aspectos culturais, tais como as línguas, costumes, rituais e danças, pela ação dos missionários durante o sistema de internato no Triângulo Tukano.

Foi assim que o futebol, sendo o predileto da juventude indígena, se tornou um apoio, um aliado, pois tinha o potencial de aglutinar os grupos étnicos em busca de um ideal. A eleição para o novo presidente da associação de Pari-Cachoeira foi um acontecimento importante: apesar de os salesianos não concordarem, o jovem Benedito Machado, com suas ideias avançadas para a época, foi eleito para o pleito de 1982 a 1984. Com isso, o movimento ganhou força e proporcionou momentos de reflexão e formação, como é percebido nesta descrição do atual Diretor de Departamento de Associação Indígena da FOIRN:

Para nós do Triângulo Tukano, era um momento de formação, momento de valorização e momento de mostrar para as novas gerações que a cultura dita do Triângulo Tukano tem essa vivência, então precisava aprimorar, a gente fazia com que esses jovens que tinham vergonha, tivessem orgulho, isso através do que eles mais gostavam e o que eles mais gostavam era o futebol. Então os jogos do Triângulo Tukano mais antigo era pra formar, capacitar, fazer exercício com os mais antigos e mais novos, aprimorar a convivência. Então o Tukano não é parente dos Dessano, mas ele tem uma relação de cumprimentar na língua, então tinha esse formato ele dizia, um homem sábio o Senhor Pedro Machado (D. B., 2024).

Na percepção de outro entrevistado da etnia Tukano, abaixo, percebemos um dos notórios fatores motivacionais que provocaram a ação do ainda pequeno e jovem movimento indígena que se articulava longe da rede urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Este movimento, de modo silencioso, estava gerando uma emancipação política de seus territórios e de seus povos, que estavam tutelados por um governo ditatorial.

A proposta inicial para a criação do evento esportivo envolvia a discussão de várias vertentes, entre elas, o sentimento de pertencimento, a valorização cultural e a unificação dos falantes da língua Tukano da região. Isso se estendia tanto aos que viviam no Brasil quanto aos que viviam em território Colombiano. O entrevistado abaixo, ao se pronunciar sobre a criação dos Jogos, faz a seguinte declaração:

Quando se criou o Triângulo Tukano, o evento esportivo, além de ser um evento político, se considerou que muito antes dos anos 70, havia uma política do Estado para integrar o índio à sociedade nacional e muitos de nós até hoje achamos que não somos mais indígenas, achamos que somos civilizados, porque vestimos roupas, falamos bem português, comemos comida do branco, então não somos mais indígenas. Nesse aspecto, a gente retoma essa discussão. Nós não somos brancos, também não somos mestiços, nós somos indígenas, então precisamos valorizar aquilo que é nosso (M. C. M., 2024).

Conforme este entrevistado, entre os principais objetivos da criação do evento estavam também a discussão de assuntos referentes à política indigenista, dentre outras problemáticas que afetavam as comunidades nesse período, tais como a desvalorização das culturas locais, das línguas, das tradições, e a falta de políticas públicas do município e do Estado em nível nacional. O entrevistado ressaltou ainda que: "Na época quando o evento foi criado, uma das bandeiras de luta era também a demarcação das terras, educação e saúde, essas vertentes sempre estiveram entre as prioridades" (M. C. M., 2024).

Outra preocupação levantada nessa época, não menos importante, era o tratamento de irmandade e unidade familiar tradicional, salientado em uma das falas do interlocutor, na qual ele explica que para saber como tratar os parentes eles precisam conhecer a história etnológica e genealógica de cada grupo. Esse é um costume que até os dias atuais ainda é considerado importante, porque retrata os valores familiares que são de grande importância para a unidade de cada grupo. A explanação a seguir retrata tal preocupação:

A gente mesmo fazia isso, a gente já tinha noção, os mais velhos eram tão ligados à igreja, o sentimento era tão forte, tão radical, que eles não falavam mais nisso. Nós, a gente tinha essa noção, por exemplo, se eu conheço a etnia, eu vou saber qual o tratamento que eu devo ter, não vou chamar você pelo seu nome, chamo seu nome, mas vou saber através da genealogia, qual o grau de parentesco que você representa pra mim. Começamos a discutir isso nos três distritos, então

começamos a descobrir a genealogia de cada grupo étnico, então era, era não, isso é muito importante pra familiaridade, unidade dos grupos. A ajuda dos jogos nesse sentido depende muito do movimento, da movimentação e das articulações dos líderes, aquele tempo, a organização que atua naquele momento articular e estimular esse conhecimento. Então na nossa época, nos anos 90, a gente estimulou isso, a política de estímulo ao tratamento de irmandade e unidade entre famílias indígenas (B. M., 2024).

O entrevistado salienta que alguns jovens da época haviam perdido o costume acerca do tratamento familiar, o que dificultava a união e o respeito às tradições culturais indígenas, uma vez que este elo havia se rompido. Conforme a explicação dada, é necessário ter um conhecimento básico a respeito de outras etnias para saber como aplicar o tratamento de irmandade. Conforme esta explanação:

Eu não vou tratar a minha parenta Tariana como uma etnia diferente da minha e sem nenhuma ligação familiar, em algum momento vai ser meu tio, meu avô, sobrinho, meu neto, eu vou descobrir por isso que na nossa gestão a gente estimulava muito esse lado (B. M., 2024).

Havia outra situação que também trazia desconforto para estas comunidades, pois, como podemos perceber, os vínculos de parentesco são muito fortes na cosmologia indígena. "Quando nos referimos à relação de parentesco dentro da concepção dos povos indígenas, este constitui o fundamento da interação que ultrapassa os limites dos territórios nacionais" (Dutra, 2008, p. 219). Partindo de semelhante visão, Jurema (2001) afirma que as relações familiares possuem uma base muito forte na concepção Tukano, e essa unidade familiar ocorre mesmo entre os parentes que, por algum motivo, se encontram geograficamente distantes e sem muito contato.

Considerando essas características do grupo, após a separação dos grupos indígenas ocorrida na região do Triângulo Tukano em virtude das leis que regulamentaram os limites territoriais do Brasil e da Colômbia, muitas inquietações foram provocadas. Em virtude disso, os que permaneceram no território brasileiro sentiram a necessidade de restabelecer os vínculos de parentesco com os que viviam do outro lado da fronteira com nacionalidade colombiana.

Todas essas problemáticas mencionadas levaram ao desejo de criar o movimento esportivo e de unificar esta região do Triângulo Tukano para que essas comunidades tivessem mais força política para lutar pelos seus direitos. Infelizmente, não há registro físico desses acontecimentos, pois, segundo este interlocutor, somente os que

participaram ativamente desse processo histórico como atores possuem essas informações. Esta ação é compreensível e se justifica porque na cultura indígena é adotada a metodologia ancestral da oralidade para repassar seus conhecimentos, como podemos entender nesta fala:

Nem na FOIRN tem registro disso, só quem sabe somos nós que estávamos à frente disso, os organizadores. Nem Taracuí nem Iauaretê tinham essa noção de Triângulo Tukano, estava cada um no seu espaço, os colegas que eram estudantes na minha época eram professores, tinham seu trabalho e não estavam preocupados com política indígenas, reivindicação de terras, não estava acostumado a esse tipo de diálogo, o negócio deles era dar aula, então até eles achavam que o pessoal de Pari-Cachoeira era índio atrasados, eles até ficavam espantados porque nós que não éramos professores tínhamos essa ideia de demarcação de terra. Formalizamos para nos resguardar das retaliações de organismos indígenas mesmo, de etnias de outros lugares de destruir tudo aquilo que a gente construiu em nível do município, nós pensamos em nível de município de São Gabriel (B. M., 2024).

Embora inicialmente enfrentando desafios internos entre as próprias comunidades por causa do complexo de inferioridade, as jovens lideranças continuaram com seus propósitos para conseguir uma mobilização coletiva para que esta área fosse constituída legalmente como Triângulo Tukano, e a partir disso tivesse uma força política maior em defesa de seus direitos, como é reforçado no argumento do colaborador acima citado, ao ressaltar que:

Embora existissem várias etnias com suas próprias línguas, a gente conversa com a língua que domina que é o tukano. Então vamos formalizar a formação do nosso território, em vez de chamar, Iauaretê, Pari-Cachoeira, Taracuí, vamos formalizar uma unidade de conhecimento tradicional, político constitucional. O território de Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracuí, é o único território formalizado. Quando foi 18 de junho de 1987, depois que criamos a federação, durante a assembleia, discutimos entre nós e formalizamos a junção dos distritos. O pessoal de Iauaretê e Taracuí não aceitava bem essa ideia por causa do complexo de inferioridade, que índio era selvagem, aí nós falamos, não! Somos uma raça, um grupo de pessoas diferenciadas, temos que defender nossos direitos, nossa ideia, obrigações, constituímos defesa pra nós, e no dia 18, ficou formalizado o território hoje chamado Triângulo Tukano (B. M., 2024).

A partir dessas inquietações, as lideranças de Pari-Cachoeira começaram a pensar em uma forma de unir novamente essas famílias e, de certa maneira, romper com a barreira imposta pelos limites territoriais nacionais e internacionais dos países do tríplice fronteira. Sendo assim, o início dos anos 80 marca o surgimento das mobilizações do povo Tukano de Pari-Cachoeira para criar um evento maior, no qual esses povos tivessem

espaço para se reunir e, com isso, unir forças na luta por seus direitos e pelo respeito à cultura indígena da região.

Partindo dessas perspectivas, começa a nascer a utopia de criar um movimento de caráter cultural e esportivo em Pari-Cachoeira. O distrito já tinha o costume de realizar jogos internos em comemoração à Semana da Pátria, torneios de futebol e futsal nos finais de semana envolvendo as comunidades vizinhas, hábito adquirido por influências das escolas salesianas.

Para fortalecer ainda mais o movimento, em 1980, criou-se a Liga Esportiva do distrito logo após o término do torneio, quando foi realizada a eleição para a liderança da liga, a qual teve como primeiro presidente o Sr. Henrique Vaz. A partir daí, as atividades esportivas passaram a ocorrer de maneira mais organizada e ampliada aos outros distritos, comunidades e ao país vizinho da Colômbia.

Em 1981, conforme o entrevistado (B. M., 2024), após participarem de torneios esportivos em Trinidad e Monfort, a equipe de Pari-Cachoeira sentiu-se na obrigação de devolver a gentileza aos vizinhos colombianos. Foi então que, a partir das rodas de conversas dos revolucionários irmãos Machado, surgiu a ideia de convidá-los para participar dos jogos de Sete de Setembro, neste distrito. Com o sucesso da vinda dos colombianos para o torneio, foi tomada a decisão de estender o convite às comunidades de Iauaretê e Taracúá, já pensando em um evento maior que envolvesse todos os falantes da língua Tukano daquela região.

Os acordos firmados em Taracúá em 1982 acerca da realização dos próximos jogos passaram a ter um propósito maior e objetivo bem definido, como, por exemplo, o fortalecimento da política indígena, a participação efetiva na política partidária do município e o favorecimento da união matrimonial entre homens e mulheres de Iauaretê, Pari-Cachoeira, Taracúá, dos parentes colombianos e, acima de tudo, a situação política, social e econômica da região do Triângulo Tukano.

No entanto, a explanação do senhor Henrique Vaz, citado por Dutra (2008, p. 217) acerca dos jogos do Triângulo Tukano, assegura que o envolvimento com o esporte foi maior do que com as questões políticas e sociais, principalmente por parte da juventude. Mas, apesar disso, segundo ele, outros objetivos foram alcançados, porque facilitou a relação, a convivência entre as comunidades e fortaleceu as trocas matrimoniais.

Ainda com relação ao surgimento do evento esportivo, o Sr. Afonso Machado, segundo presidente da LEP, também mencionado por Dutra (2008), declarou que antes de se tornar “Jogos do Triângulo Tukano”, em maio de 1982, com apoio do então Prefeito

Dagoberto Pinder de Albuquerque, ocorreu uma grande celebração, denominada de “Torneio Interdistrital”, tendo como sede Taracuí. Participaram do torneio Iauaretê, Pari-Cachoeira, São Gabriel da Cachoeira e os anfitriões de Taracuí. Portanto, esta não foi a primeira edição dos Jogos do Triângulo Tukano.

Ao término destes jogos, o prefeito de São Gabriel da Cachoeira propôs que o evento continuasse sendo realizado, contudo, Pari-Cachoeira, que seria a próxima sede, não tinha recurso para realizar tal festividade. Impossibilitados, as lideranças entraram em acordo para que em 1988, Iauaretê passasse a sediar o “I Jogos Esportivos do Triângulo Tukano”. A escolha de Iauaretê como próxima sede foi por oferecer melhores condições e estrutura para abrigar as delegações. Na ocasião, ficou decidido também que os jogos seriam realizados com intervalo de um ano entre uma edição e outra, como afirmou categoricamente uma ex-liderança e vice-presidente da FOIRN na gestão passada, ao dizer: "então definiram no decorrer já do primeiro evento, um calendário pra acontecer um ano sim e outro não" (N. F., 2024).

Dessa experiência surgiram novas configurações de jogos, transformando tal região em um cenário cultural histórico que enfrentou vários desafios para manter esses aspectos da tradição viva. Isso nos remete à visão de Huizinga (2007), quando o autor faz uma alusão ao jogo como um elemento integrante da cultura, e não o contrário, pois é possível perceber sua presença em diversas manifestações culturais, já que, segundo este teórico, o jogo não está na cultura, contudo faz parte dela.

Portanto, a partir de um cenário inimaginável e culturalmente diversificado, foi realizado o I Jogos do Triângulo Tukano, no mês de setembro de 1988, durante a Semana da Pátria e com iniciativa única das lideranças locais. Participaram do evento a delegação de Pari-Cachoeira, Taracuí, Iauaretê e Terezita da Colômbia. Dessa forma, nasce a manifestação sociocultural e esportiva do Triângulo Tukano, uma mistura de esporte nacional, jogos e práticas da tradição indígena, envolvendo jogos tradicionais, brincadeiras, rituais, pinturas corporais e danças. Desde então, os Jogos têm como papel contribuir para a valorização cultural, para o diálogo intercultural, abrindo espaço para novas discussões de políticas públicas voltadas ao bem comum da região, dentre outros assuntos.

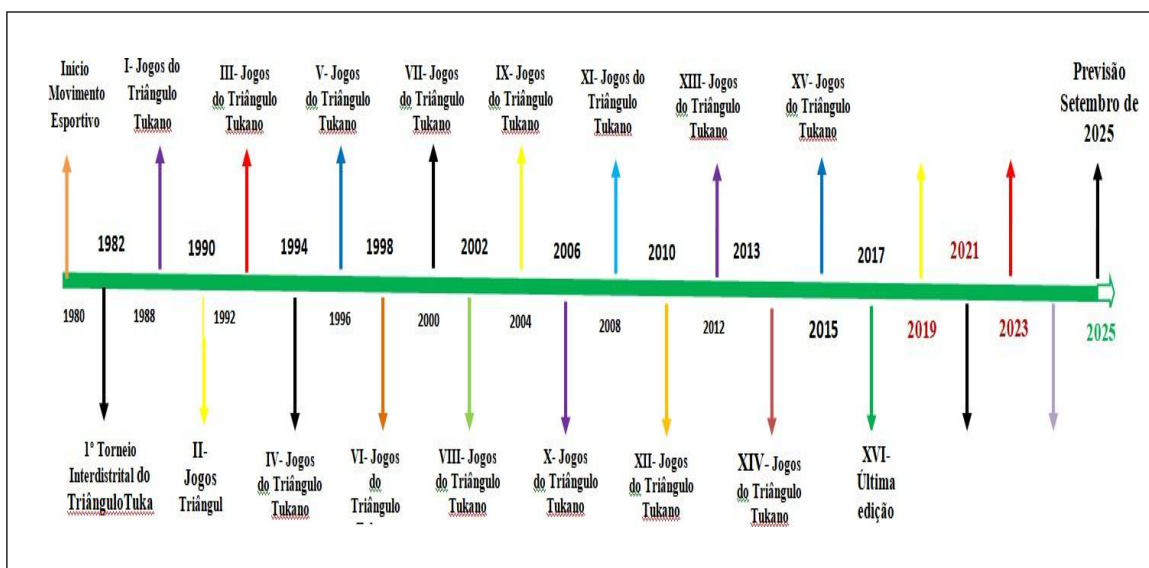
Os Jogos do Triângulo Tukano foram oficializados pela Lei n. 198 de 22 de março de 2006, de autoria do Vereador Hernane Vaz de Abreu, passando a se chamar "Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano". Este acontecimento na esfera jurídica procura consolidar o evento esportivo em celebração e como manifestação

cultural pela sua notoriedade, acentuado pelo caráter regional, mas que necessita transcender para o nível municipal e, posteriormente, estadual e nacional, para assegurar o apoio na realização do evento junto às secretarias de educação e de esporte, organismos que estão ligados a estas esferas.

Conforme a lei mencionada, ficou estabelecido também que o evento deveria ocorrer a cada biênio, no período de 30 de agosto a 7 de setembro. Entretanto, pouco foi feito em relação ao que define a lei, ou seja, a lei existe, mas não é cumprida e muito menos foi efetivada para que o evento tivesse uma continuidade e não dependesse da boa vontade de terceiros, como tem acontecido nos últimos anos. Os Jogos também não ocorreram a cada biênio como preconiza tal lei.

Com relação ao possível número de edições já realizadas, levamos em consideração os relatos dos entrevistados e o histórico apresentado pelas ligas das três comunidades. A partir disso, foi construída uma possível cronologia desta celebração cultural para que tenhamos maior clareza de como se deu essa dinâmica desde as primeiras mobilizações esportivas até a sua criação oficial e o período em que as edições ficaram suspensas.

Figura 11 – Linha do tempo: "Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano."



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Conforme a linha do tempo apresentada, estes são os possíveis anos em que ocorreram as dezesseis edições do Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano até o período de sua interrupção: 1980 - 1988 (I) - 1990 (II) - 1992 (III) - 1994

(IV) - 1996 (V) - 1998 (VI) - 2000 (VII) - 2002 (VIII) - 2004 (IX) - 2006 (X) - 2008 (XI) - 2010 (XII) - 2012 (XIII) - 2013 (XIV) - 2015 (XV) - 2017 (XVI) - 2019 - 2021 - 2023 - 2025.

Embora em 1980 tenha acontecido um torneio em Pari-Cachoeira, esse evento não foi considerado a primeira edição dos Jogos do Triângulo Tukano. No entanto, ele impulsionou o sonho para a criação do evento, que foi alavancado a partir do "Torneio Interdistrital" em maio de 1982. Somente em setembro de 1988 foi oficialmente realizado o tão sonhado Jogos do Triângulo Tukano, com a segunda versão ocorrendo em 1990 e a terceira celebração em 1992. Esse fato demonstra que o evento acontecia em um intervalo de apenas um ano, como já mencionado anteriormente e que pode ser confirmado nesta explanação:

Antes disso a gente fazia lá em Pari-Cachoeira mesmo, cada comunidade, de 2 em dois anos, a gente fazia durante 3 dias os jogos e tinha o encontro de confraternização com narrativas de ancestralidade, tradições, falar sobre como proceder, como tratar os parentes entre os indígenas (N. F., 2024).

No entanto, percebe-se que o histórico dos jogos, escrito atualmente, afirma que esses jogos ocorriam de dois em dois anos. Contudo, essas informações se confundem com os torneios anteriores realizados em Pari-Cachoeira.

O histórico compartilhado pelas ligas atualmente apresenta-se de maneira confusa quanto à ocorrência desses jogos, pois, como percebido, eles não ocorreram de dois em dois anos. Caso contrário, o Evento Desportivo Cultural Indígena do Triângulo Tukano não corresponderia a dezesseis edições. Com base no histórico, a última versão ocorreu em Pari-Cachoeira no ano de 2017 (LEP, 2023).

Conforme esses históricos, já foram realizadas dezesseis edições de jogos. No entanto, caso esse evento tivesse ocorrido de dois em dois anos, não caberia XVI celebrações em um intervalo de tempo que vai de 1988 a 2017, último ano de sua realização. A explicação pode estar no fator cultural, como já mencionado anteriormente, em que os povos indígenas não tinham o hábito de usar registro físico, motivo pelo qual as ligas não possuem um arquivo de registro dos jogos.

Outro ponto importante observado é que o histórico compartilhado pelas ligas não possui uma cronologia completa, deixando algumas lacunas dos anos de ocorrência do evento, em que se tem como referência apenas as datas das três primeiras versões. Portanto, a cronologia construída com base no histórico e nas entrevistas das lideranças remete aos possíveis anos em que ocorreram as XVI edições do "Evento Cultural

Desportivo Indígena do Triângulo Tukano", com a possibilidade de terem ocorrido em um intervalo de um em um ano entre uma edição e outra.

O evento está suspenso desde 2017, ano da última edição. Entre os motivos citados estão a pandemia, a falta de recursos e o ano eleitoral, com uma remota possibilidade de acontecer ainda em setembro de 2025. Vale lembrar que esses Jogos já haviam sido previstos para o mês de abril deste ano, mês dedicado aos povos indígenas. Nota-se, portanto, que mais uma vez a previsão não se cumpriu por falta de articulações, mas ainda existe uma remota possibilidade de ocorrer até o final do ano, como mencionado.

Quanto à realização do Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano, este sempre ficou a cargo das próprias comunidades, por meio das coordenações de ligas em parceria com as associações, dentre outros parceiros, como já comentado anteriormente e que é reforçado nesta fala abaixo:

A realização dos jogos do Triângulo Tukano fica a cargo da Coordenação Indígena de Pari-Cachoeira (CIPAC), da Coordenação da Liga Esportiva Pariense (LEP), ligas esportivas de Iauaretê e Taracú em parceria com as associações indígenas vizinhas (ACIRU, OIBV e a ATRIART), com apoio dos órgãos de governo como a Prefeitura, FUNAI, Emendas Parlamentares e FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) para despesas com infraestrutura, locomoção, alimentação e combustíveis. (LEP, 2023).

O sucesso do evento depende, em grande parte, do engajamento das lideranças em fazer as articulações entre as três comunidades, traçar os objetivos e procurar parcerias com outros órgãos que possam apoiar a realização do evento. Conforme um dos criadores do evento, "A ajuda dos jogos nesse sentido depende muito do movimento, da movimentação e das articulações dos líderes" (B. M., 2024). Porém, na sua visão no atual contexto, os interesses particulares aparentemente estão acima dos benefícios coletivos, como enfatizado em sua narrativa:

Hoje a intenção dos jogos é muito mecânica, eu vejo que cada um por si, falam mais no singular, minha etnia, meus meninos, ninguém fala na nossa cultura indígena, das nossas tradições culturais, mais no singular, mais mecânico, aí coloca cocar na cabeça aí já virou índio, já virou cacique, mais pra se aparecer, eles estão vendo que ser indígena hoje tem benefício (B. M., 2024).

O entrevistado salienta que, inicialmente, havia um sentido maior para esses jogos. "Os jogos traziam unificação, hoje, a ideia ainda continua no pensamento, mas na

prática, já é mais mecanizada, mais de política partidária, mais individualista". Segundo ele, "aquela unidade que existia que a gente falava, ela já não está constituída, hoje é mais interesse particular do que partilha comunitária".

Para este interlocutor, a postura adotada por parte de algumas lideranças, coordenadores de ligas e até alguns atletas da atualidade já não tem o mesmo sentido e nem o mesmo engajamento que era demonstrado no início do movimento esportivo, no qual se prezava pelo coletivo. Segundo ele, o individualismo é notado na forma como se referem a certas situações envolvendo os atletas, etnias e comunidades.

Com certa indignação, o interlocutor faz esta declaração: "Fico olhando, não tem aquele espírito de amor à cultura, porque você vive isso. Tem uns jovens que ainda vivem isso, mas a maioria dos jovens não, principalmente os que vão estudar lá fora, na UFSCar, UNICAMP" (B. M., 2024). E relembra alguns dos motivos para a criação dos jogos dizendo:

A fundação do Triângulo Tukano foi mais pra essa unidade, de resguardo de quem falava a mesma língua. A minha geração falava a mesma língua, a geração de hoje já fala diferente, já não tem mais aquela afetividade. Os jovens que vão fazer faculdade se interessam mais por bolsa do governo, estudam e ficam pela cidade, aí fica só os velhinhos nas comunidades (B. M., 2024).

O colaborador, ao fazer uma comparação com a sua geração, deixa clara ainda a sua reprovação em relação ao comportamento adotado pela atual geração ao mencionar esta passagem em sua entrevista: "Lá em Brasília, nas grandes assembleias se vê os não indígenas pintados de índio, que querem se diferenciar. Minha geração só andava de paletó e gravata, ninguém andava pintado não, até porque se andasse pintado você era muito discriminado na hora".

Temos que considerar que os Jogos do Triângulo Tukano não são apenas um evento esportivo com fins recreativos, mas também uma plataforma política. O evento representa a luta desses povos pela visibilidade e pela garantia de seus direitos territoriais e culturais. Em um contexto histórico marcado pela marginalização e pela tentativa de aculturação dos não indígenas, os Jogos são um símbolo de resistência e autodeterminação. Por meio dos Jogos, os povos indígenas mostram ao mundo sua capacidade de se adaptar às mudanças sem perder suas tradições.

A mescla de elementos tradicionais com práticas contemporâneas reforça sua mensagem de que o desenvolvimento pode ocorrer sem a destruição de suas culturas ou do meio ambiente. Portanto, o esporte serviu principalmente como ponto de referência

para que as jovens lideranças se unissem e buscassem representatividade, o que deu base para o que é atualmente o movimento desportivo indígena do Rio Negro. Mesmo enfrentando desafios, os Jogos do Triângulo Tukano e outras iniciativas culturais reforçam a resiliência dessas comunidades e sua capacidade de criar soluções inovadoras para continuar existindo.

Em tempos de crises ambientais e sociais globais, o exemplo do Triângulo Tukano se torna ainda mais relevante, destacando a importância do diálogo entre tradição e contemporaneidade. Esse aprofundamento conecta aspectos históricos, culturais e políticos desportivos, enquanto enfatiza a relevância da intercultura desses povos na região.

Os Jogos criaram um espaço de valorização das culturas indígenas, promovendo o diálogo entre gerações e reafirmando a identidade coletiva dos povos do Triângulo Tukano. Durante o evento, os mais velhos transmitem suas histórias e conhecimentos aos jovens, enquanto as comunidades reforçam seus laços de pertencimento e solidariedade. Como disse Soares (2014, p. 61), "o corpo sozinho nada significa. Para que isso possa consolidar-se, para que ele possa transformar-se em um significante, toda a tecnologia conhecida por aquela sociedade é cuidadosamente empregada".

Mediante ao contexto apresentado no final dos anos 70 e início dos anos 80, nasceu uma das maiores manifestações socioculturais e desportivas da região de São Gabriel da Cachoeira, mais especificamente do Triângulo Tukano. Uma de suas primeiras contribuições foi a criação da FOIRN, como podemos visualizar na fala desta jovem liderança e atual Diretor da Região do Baixo e Alto Uaupés, Tiquié e Afluentes (DIAWIII) ao declarar:

E assim se iniciou também as discussões que deu origem à FOIRN, portanto, dessas discussões também nasceu a FOIRN, quer dizer, já foi o primeiro resultado positivo desse projeto, dessa união deles. E aí começou o primeiro evento, depois já se tornou evento esportivo, porque o primeiro evento foi mais cultural, danças, brincadeiras mais regionais, mais tradicionais, discussões de políticas públicas educação (H. V. A., 2024).

Com base nesse depoimento, é possível afirmar que uma das contribuições mais relevantes desse movimento esportivo foi o surgimento da FOIRN, um espaço constituído para lutar pela garantia e sustentabilidade dos povos indígenas do Rio Negro. Esse fato é confirmado na explanação do então vereador e responsável pela lei que oficializou o "Evento Esportivo Cultural Indígena do Triângulo Tukano", ao explicar que a federação

é um resultado das discussões travadas também durante os eventos esportivos (H. V. A., 2024).

Os jogos esportivos no Triângulo Tukano, com seu início na década de 80, passaram a tomar outras proporções à medida que os jovens pioneiros que iniciaram o movimento esportivo adentravam o mundo dos não indígenas, tornando-se mediadores de demandas sociais coletivas e de cunho pessoal e familiar. As vozes dos líderes Tukano falavam sobre a demarcação das terras, e naquela época a ditadura militar não aceitou tal situação, segundo Buchillet (1989).

Um dos líderes pioneiros, em sua narrativa a seguir, afirma sobre a latente preocupação com a invasão dos não indígenas nessa região, fazendo denúncias ao governo federal que não surtiam efeitos e, por conta disso, geravam conflitos entre os militares, grupos de mineradoras e os grupos étnicos residentes no Triângulo:

[...] Levamos ao conhecimento da FUNAI daqui de Manaus, e Brasília, começamos a viajar, exigindo que as terras fossem demarcadas, a gente já levava o mapa. Tinha um projeto de militarização do Rio Negro, aí as pessoas falavam que eles iam espalhar quartéis em todos os locais e que os índios iam virar militar, e a gente respondia: o que tem índio virar militar? Nós já somos militares porque já somos guardiões da fronteira, não precisamos usar farda para dizer que somos defensores da fronteira, nós somos naturais da fronteira, nós estamos aí defendendo, mas desde que o governo atenda nossas reivindicações que é a demarcação de terra indígena (B. M., 2024).

O entrevistado também ressaltou que, a partir desses diálogos estabelecidos com o governo, eles aproveitaram a ocasião para solicitar a criação de uma Federação para o Alto Rio Negro. A resposta obtida da assessoria do governo, conforme este colaborador, foi: "[...] que era bom a gente criar a Federação, pois confederação cada um tem sua própria norma, não é concentrado como federação" (B. M., 2024).

No município de São Gabriel da Cachoeira, é importante salientar que os militares, naquela época, estavam construindo seus pelotões visando à proteção do território brasileiro, e assim consideravam as áreas de fronteira de soberania militar apenas, e não como territórios étnicos. Conforme as discussões iam avançando com as lideranças, representadas pelos irmãos Machado, Lúcio Miguel Fontes, Higino Tenório e Álvaro Tukano, as relações sociais com os militares iam aumentando, já vislumbrando a resolução de conflitos que não faziam parte do contexto do Triângulo Tukano, mas que já estavam provocando problemas devido à entrada de garimpeiros em áreas montanhosas onde havia jazidas de minérios. Segundo o ISA (1986):

Acredita a sociedade Indígena de Pari-Cachoeira que já vive e sempre viveu dentro da área demarcada, só que a sua educação sempre orientou no sentido de acreditar e respeitar nas autoridades constituídas, e é o que tem feito até agora e continuará fazendo, jamais procuraram pedidos e atitudes conflitantes a quem quer que seja muito menos ao governo. Por isso, entende o povo de Pari-Cachoeira, que não está pedindo terra para ninguém e a ninguém, só está pedindo apoio moral e legal do governo, isso nunca transformou nenhum ser humano num criminoso (ISA, 1986).

Conforme a história do movimento indígena do Rio Negro, realmente as preocupações dos líderes do Triângulo Tukano, além das demarcações, estavam em torno da presença de jazidas de ouro nesta região e da invasão de garimpeiros, sendo que nesta atividade os indígenas também queriam aproveitar e trabalhar na extração do garimpo, com o aval do governo brasileiro, através da FUNAI.

Buchillet (1989), em "Pari-Cachoeira: O laboratório Tukano do Projeto Calha Norte", diz que, naquela época, o governo federal aproveitou-se desse contexto de conflitos entre indígenas e os garimpeiros e incentivou ainda mais a ação de mineradoras nesta região.

Em 1986, o Conselho de Segurança Nacional, indispondo-se à criação de Terras Indígenas demarcadas, propôs a implantação de colônias agrícolas indígenas destinadas à exploração agropecuária por indígenas "aculturados" e não indígenas naquela região. Contudo, a ideia foi combatida pelos líderes do Triângulo Tukano, que continuaram insistindo com a FUNAI na demarcação de seus territórios.

Assim, através de uma série de irregularidades e apesar da oposição de antropólogos da própria FUNAI, a demarcação das Colônias Indígenas de Pari-Cachoeira foi consumada em janeiro de 1988. A ação prometia benefícios sociais aos indígenas para que permitissem a exploração dos recursos na região. Para essa questão, uma liderança Tukano apresenta a seguinte descrição que corrobora com os estudos de Buchillet (1989):

O Álvaro Tukano, ao viajar para o Equador, vendo que o povo Chuá tinha uma Federação, tendo retorno todo para a comunidade e com isso o povo estava melhorando a sua qualidade de vida, e aí ele pensou em criar a Federação Indígena do Rio Negro (FOIRN). O principal objetivo não era a cultural, não era a terra, era implantar o "royalty". Através disso poderia alugar, porque nós somos donos dessa terra, e nós vamos alugar para governo como o povo Chuá faz lá, vende produtos ou aluga a área para o governo, assina contrato por 20 anos com o royalty, então eles pagavam por isso repassando o dinheiro para a Federação e nós vamos viver como o povo Chuá, dizia ele (D. B., 2024).

Neste contexto, foi concebida a FOIRN, à medida que as lideranças foram se entremecendo aos interesses do governo federal daquela época. Para Iubel e Soares (2024), a FOIRN foi instituída com a ajuda de militares do Programa Calha Norte e empresários do grupo Paranapanema, com a finalidade de defender seus interesses, sendo a sua primeira presidência destituída, enquanto as promessas dos militares em demarcar as Terras Indígenas e os benefícios sociais foram desacreditadas. Assim, a FOIRN, a partir destas situações e conflitos, passou de fato a lutar pelos direitos dos povos indígenas, segundo consta na narrativa a seguir:

Nessa época, no Rio Tiquié já havia uma organização que lutava pelos direitos da educação entre outras coisas indígenas. Então essas associações dos salesianos de Pari-Cachoeira não se encaixavam, e esse grupo de Pari-Cachoeira que tentava através do garimpo virar empresário, também não se encaixava nesse movimento nacional. Então esse movimento indígena que hoje existe como FOIRN, ela vem do CIMI, da diocese na época da diocese daqui, ela participou muito da criação da FOIRN. E nessa altura esse movimento do CIMI e da igreja diocesana e os missionários estavam afogados com o foco central que na época era a luta pelos direitos e a luta pela terra (D. B., 2024).

Após as tentativas de se desenvolver uma Federação para demandas não aceitas pela maioria das comunidades que compunham o Triângulo Tukano, a FOIRN, com o apoio de outras instituições sociais, enfim, definiu o seu paradigma de luta e incidência através da II Assembleia Geral Indígena do Rio Negro.

Esta Assembleia fundou a FOIRN no período de 28 a 30 de abril de 1987, em que 450 lideranças expuseram temas como: demarcação das terras Indígenas em área contínua, criação da organização dos povos indígenas, conscientização dos direitos indígenas de política social, econômica, saúde, educação, valorização das culturas tradicionais, implantação e gerenciamento de tecnologia de produção. Além de outras temáticas como a exportação sustentável dos recursos naturais renováveis, de minerais e de proteção do meio ambiente onde atuam, o cultivo, a extração, a exploração e coleta de bens naturais renováveis nas atividades agrícolas, pecuárias, silvícolas e piscícolas, promover a extração, a lavra, a lapidação e comercialização de minérios (FOIRN, 2021).

A população local de São Gabriel da Cachoeira não apoiava tal iniciativa indígena. Poucos aderiram à mobilização que resultou na criação da federação e regulamentação do Triângulo Tukano. Ainda assim, ali se deu a concretização de um sonho, de um ideal dos povos indígenas, o que é retratado na fala do entrevistado:

O pessoal daqui nem participava e ainda ralhava a gente e no término da assembleia a gente veio pra cá pra fazer carreata, aí foi vaia pra todo lado aqui no centro, onde já tinha alguns comércios. Ninguém queria ser índio não, hoje a gente vê essa abertura que todo mundo quer ser índio, usando cocar, até quem não é índio quer ser. Antes não ser índio era proibido (B. M., 2024).

É importante salientar que a Diocese de São Gabriel da Cachoeira, assim como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), enquanto movimentos religiosos, tiveram importantes participações nas discussões e assembleias que resultaram na fundação da FOIRN, atual órgão representativo dos indígenas do Rio Negro. Naquele contexto, o foco central eram os direitos indígenas e a demarcação das terras, e com o apoio das entidades religiosas citadas, foi possível chegar a essa conquista. Isto é confirmado por meio da explanação deste entrevistado ao dizer: "[...] As mobilizações que se teve, as associações, na verdade essas mobilizações elas surgem na década de 80, até antes, porque quem levou essas mobilizações, nada mais foi do que os salesianos" (H. G. M. L., 2024).

Tais discussões, com o auxílio da igreja católica e das lideranças indígenas do Alto Rio Negro, levaram a uma fase de consolidação da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e, em seguida, foram criadas diversas outras associações com o objetivo de fortalecer a luta pelos direitos indígenas.

A FOIRN, atualmente, tem como missão a valorização desta região, da floresta e de seus habitantes e suas culturas. Os desafios ainda são muitos diante das incertezas e ameaças aos direitos conquistados constitucionalmente. Por esse motivo, as lutas pela sobrevivência cultural dos povos indígenas continuam, através desta organização não governamental, formada e dirigida por lideranças indígenas até o momento atual.

O movimento indígena no Rio Negro abrange outras lutas da contemporaneidade. Enquanto uma federação representativa luta por uma educação escolar indígena de qualidade e de acordo com as realidades socioculturais das etnias, há cerca de 20 anos houve, por exemplo, a discussão sobre a implementação do ensino médio indígena diferenciado no ano de 2004 e em 2005. Assim, foi implantado o Ensino Médio indígena na região. A liderança Tukano de Taracúá narra o contexto histórico da educação no Triângulo Tukano e seus impactos, e assim a educação se tornou a bandeira de luta devido aos impactos negativos, conforme a seguinte narração:

A educação escolar trazida pelos missionários salesianos, no caso do Triângulo Tukano, havia também a sua política de tornar bons, honestos

cidadãos, católicos, e a política do estado para integrar o índio à sociedade nacional. Então essa política fez com que nós deixássemos de praticar nossos saberes, nossos esportes, nossos conhecimentos milenares foram deixados de lado como se não servissem para nada. Então tudo que a escola nos ensinou fez com que tivéssemos outros pensamentos, pensamento de não indígena, sendo indígena. Então, à medida que a gente foi discutindo, a gente foi percebendo que a gente estava indo por outro rumo, deixando nossos conhecimentos de lado, nossos esportes, nossas brincadeiras, nossas músicas, nossos rituais, por causa dessa política no estado brasileiro. Eu penso que hoje a gente consegue pensar como indígena e ao mesmo tempo caminhar com a política do estado brasileiro, sem deixar de nos identificar como indígena (M. C. M., 2024).

Na década de 1990, segundo Iubel e Soares (2024), a FOIRN apresentou um crescimento favorável, com parcerias internacionais que investiram na consolidação de suas atividades junto com a adesão de novas associações, com a participação de mais dois municípios, Barcelos e Santa Isabel, e suas comunidades indígenas.

Na busca por espaços políticos, suas lideranças passaram a atuar na prefeitura e na FUNAI, abrindo espaço para a participação de mulheres, artesãos, agricultores, professores, jovens e anciãos, oferecendo um ambiente coletivo que desenvolve projetos nas áreas da educação, apoio à saúde indígena, comunicação, fiscalização dos territórios, economia solidária, etnoturismo e empreendedorismo sustentável.

Podemos associar Pari-Cachoeira como precursora das primeiras mobilizações que se iniciam no final da década de 1970 e se intensificam no início dos anos 80, tornando-o o centro de discussões de políticas voltadas aos interesses comuns do Triângulo Tukano. Foi em Pari-Cachoeira que surgiu o movimento esportivo e outros movimentos organizacionais, a fim de lutar pelo respeito dos direitos indígenas do Alto Rio Negro. Tais discussões levaram à criação do Evento Esportivo do Triângulo Tukano, à criação de associações locais e serviu de exemplo para a criação de outras associações nessa região, fomentando a realização de assembleias que culminaram na criação da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN). Em seguida, foram criadas outras associações com o objetivo de fortalecer cada vez mais a luta pelos direitos indígenas.

A FOIRN nasce durante a II assembleia realizada pelas lideranças indígenas do Alto Rio Negro, ocorrida em São Gabriel da Cachoeira, em 30 de abril de 1987, de forma inesperada, pois isso não estava no planejamento. Porém, antes do término do encontro,

ficou decidido que iriam criar uma organização forte que tivesse poder para representá-los.

A FOIRN, portanto, surge em um contexto de mobilizações e assembleias, tendo como grande missão a valorização desta região, da floresta e de seus habitantes, com os principais objetivos de lutar pela defesa da região, pela valorização da cultura e por projetos de sustentabilidade. Assim como no início, na atualidade, os desafios ainda são muitos diante das incertezas e ameaças aos direitos conquistados constitucionalmente, por esse motivo as lutas pela sobrevivência cultural dos povos indígenas continuam enfrentando novos desafios.

Considerado o município amazonense como capital dos povos indígenas, à FOIRN cabe manter uma política de articulações em defesa dos direitos e do desenvolvimento sustentável de mais de 700 comunidades indígenas da Amazônia, região de tríplice fronteira entre Venezuela e Colômbia. Como organização não governamental, foi formada e sempre dirigida por lideranças indígenas que sempre tiveram como um de seus principais objetivos a demarcação das terras indígenas que permitisse uma configuração territorial com autonomia político-administrativa própria.

Outras lutas e conquistas dos povos indígenas, por meio da FOIRN, foram a discussão sobre a implementação do ensino médio indígena diferenciado, ocorrida nos anos de 2004 e 2005, e assim foi implantado o Ensino Médio indígena na região. Nas últimas décadas, uma das principais ações da FOIRN é a elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) das Terras Indígenas em sua área de abrangência. O PGTA contempla os planos políticos socioculturais dos povos indígenas dentro de seu território, e através deles é dada voz aos povos indígenas para decidir o que vão querer no futuro para si e para o território que habitam.

Para implementar esses planos, a FOIRN buscou parcerias com a Embaixada Real da Noruega (ERN) e o Instituto Socioambiental (ISA) para criar um Fundo Indígena do Rio Negro (FIRN) com destinação de recursos e capacitação para as associações filiadas à federação, para que possam garantir as ações locais. A FIRN é um Fundo de recursos destinado à promoção do desenvolvimento sustentável, da autonomia e do fortalecimento dos direitos indígenas. Entre muitos desafios e conquistas, esses são exemplos do trabalho desenvolvido por esse órgão representativo dos povos indígenas do Rio Negro.

Diante do exposto, a região do Triângulo Tukano é reconhecidamente considerada o berço do movimento indígena do Rio Negro, com suas fortes lideranças advindas do contexto educacional salesiano, que culminou na busca pela identidade e resistência

juvenil durante a década de 1980, dando base para o que se denominou de Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano, um dos maiores eventos socioculturais e desportivos do Alto Rio Negro.

Das experiências vivenciadas em Pari-Cachoeira, surgiram novas configurações de jogos que, aliados à Iauaretê e Taracua, transformaram o Triângulo Tukano em um cenário histórico que enfrentou vários desafios para manter esses aspectos da tradição cultural viva. Isso nos remete à visão de Huizinga (2007, p. 3), quando o autor faz uma alusão ao jogo como um elemento integrante da cultura, e não o contrário, pois é possível perceber sua presença em diversas manifestações culturais, já que, segundo este teórico, o jogo não está na cultura, contudo faz parte dela.

Este movimento esportivo, idealizado pelos jovens de Pari-Cachoeira, já dura mais de quatro décadas e desempenha um papel fundamental na prática da interculturalidade, pois promove a preservação, laços de familiaridade, interação, compreensão e respeito mútuo entre os Tukanos e demais grupos étnicos na difusão de suas práticas tradicionais e culturais.

3.2 Os jogos tradicionais indígenas e o esporte na contemporaneidade: a resignificação

Os Jogos tradicionais indígenas do Triângulo Tukano, assim como outros aspectos culturais – como os ritos, as danças e os costumes –, têm passado por mudanças sociais ao longo do tempo e do espaço. O processo de colonização contribuiu para que esses aspectos fossem comprometidos. Contudo, com o passar do tempo, algumas práticas foram adaptadas, recriadas e resignificadas ao contexto atual desta região. Ferreira (2007) retrata um ponto importante relacionado à falta de valorização e à exclusão da figura do indígena, afirmando que, a princípio, não foi dada a merecida importância que os jogos e as brincadeiras eram capazes de proporcionar. Essa dinâmica, segundo a explicação de Ferreira:

É devido ao processo de transformação das sociedades indígenas ao longo do tempo, advindo do contato interétnico passado e presente, da colonização europeia a partir do século XVI, dos processos de pacificação, catequização, imigração e migração, da formação do estado, desmatamento, perdas das terras, desaldeamento e proximidade das aldeias na vida urbana etc. influenciaram sobremaneira os jogos tradicionais. Alguns jogos se mantiveram, outros entraram em desuso e outros foram resignificados no contexto do momento (Ferreira, 2007, p. 5).

Na contemporaneidade, os povos indígenas vivem uma contínua relação social com outros grupos étnicos e com a sociedade nacional, tornando inevitável a troca de saberes, conhecimentos e valores diferentes da cosmologia que compõem sua criação. As mudanças partiram da necessidade de se adaptar às novas condições de vida das sociedades indígenas em contato com a sociedade nacional, proporcionando uma nova organização desses grupos, porém sem perder a essência e o significado dos jogos e brincadeiras na cultura indígena. Muito embora os impactos deixados pelo contato com outras culturas não indígenas no passado tenham contribuído para uma perda parcial de suas tradições milenares.

Entretanto, essas distintas culturas possuem a capacidade de incorporar outras formas de jogos, brincadeiras e ritos. Ao falarmos especificamente do esporte, este é vivenciado conforme as particularidades de cada grupo, fazendo nascer aquilo que Fassheber (2010) chamou de segunda natureza e categorizou como etnoesporte. Para este autor, "muito" do que conhecemos por esportes teve origem a partir do processo de esportivização dos jogos tradicionais, isto é, do processo de padronização dos jogos tradicionais, principalmente pela definição de regras comuns e inalienáveis.

No entanto, o autor deixa claro que a palavra "muito" não corresponde à sua totalidade, e ressalta que, no caso do etnodesporto indígena, é necessário diferenciar as tradições ancestrais das "inventadas". Ainda segundo este autor, seria interessante para futuras pesquisas que, após alguns anos, dentro da dinâmica das culturas, pudessem verificar qual o efeito da "mímesis" nas comunidades (Fassheber, 2010). Portanto, diante da apropriação de novas práticas, Fassheber, ao fundamentar essa questão, nos traz estas afirmações:

O Etno-Desporto indígena está, então, fundamentado na possibilidade das culturas adaptarem e transformarem suas próprias tradições e adaptarem e transformarem as tradições advindas do contato. Mais que adaptar e transformar, o Etno-Desporto expressa o processo de resignificação de valores culturais e uma re-inserção com o mundo dos brancos: a criação pela mimesis – de uma segunda natureza (Fassheber, 2010, p. 87).

Os estudos sobre o esporte nas últimas décadas trouxeram novos conceitos e significados à categoria, compatíveis com o cenário onde ocorre. No contexto atual, configura-se como um fenômeno de maior alcance mundial, e se tornou parte do cotidiano comunitário indígena, colaborando para a formação e desenvolvimento do que chamamos

de identidades nacionais. Coakley (1998) corrobora com esta concepção ao afirmar que o esporte se caracteriza por meio de convenções do mercado, divertimento, educação, rituais, avanço tecnológico e autodeterminação identitária.

A hegemonia do esporte do mundo ocidental, introduzida no Brasil, adentrou o universo indígena, e podemos entender esse processo a partir da visão deste autor: "O conceito de hegemonia permite, portanto, entender o esporte não só como elemento de dominação, mas também como resistência cultural ou resistência política" (Brachet, 2005, p. 63). O esporte também pode apresentar outra lógica quando observado sob diferentes contextos, como afirma este outro autor:

O esporte é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinamicamente e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização (Marchi Jr., 2015, p. 59).

Na visão globalizada, o que distingue o esporte entre o tradicional e o contemporâneo é o fato de haver uma necessidade de resguardar os princípios humanos com a finalidade de conservar um dos atributos mais evidentes do esporte na atualidade: a paixão que é capaz de despertar em sua plateia e em seus praticantes. Isso faz com que o esporte contemporâneo seja definido como um espaço de excitação sobre o qual é necessário um olhar diversificado (Goellner, 2005). Porém, segundo a autora, isso não significa que o esporte tradicional não provocasse as mesmas sensações.

A autora também salienta ser incontestável o poder de mobilização mundial que o esporte apresenta na contemporaneidade. Segundo ela, na sociedade atual, essa prática corporal se constitui como um espaço social que mobiliza milhares de pessoas de diferentes etnias, gêneros, idades e classes sociais, sejam elas participantes/praticantes ou espectadores (Goellner, 2005).

Galatti (2006), ao concordar com esta afirmativa, vai além, ampliando os sujeitos sociais envolvidos, quando diz que o esporte, a partir de sua prática, é capaz de envolver diferentes personagens, dos quais podem ser definidos como observadores, espectadores, telespectadores, estudiosos, cientistas e profissionais de diversos setores que contribuem para que o esporte se torne um fenômeno de grande proporção em qualquer sociedade

(Galatti, 2006, p. 22). Já Betti (1991), partindo para uma abordagem mais conceitual do esporte atualmente, aponta:

O Esporte tem sido conceituado como uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente (Betti, 1991, p. 24).

Portanto, é possível que, a partir da incorporação do esporte por outros grupos sociais, um novo sentido e significado possam surgir. Isso irá depender do grupo cultural em que ele vai se desenvolver, ou seja, novas práticas corporais poderão surgir a partir do contexto vivenciado pelos seus atuais praticantes. Em qualquer local o jogo está presente como uma qualidade de práticas precisas e bem peculiares da vida, porém o objeto de estudo é o jogo como forma singular e significativa da prática com função social (Huizinga, 2007, p. 7).

Com a introdução do esporte nas comunidades indígenas no Brasil, as práticas corporais tradicionais deixaram de ser praticadas, ou foram (re)significadas. Com isso, os jogos e brincadeiras tradicionais ganharam características determinantes do esporte de alto rendimento em determinados contextos. Isso se deve principalmente à inserção do futebol nas comunidades indígenas, em que os mais jovens têm preferência por essa prática esportiva do que pelas tradicionais cerimônias e festividades culturais, durante as quais os jogos e as brincadeiras tradicionais são praticados (Vinha; Ferreira, 2003, p. 155). Conforme as autoras, é possível que o aspecto lúdico seja alterado para a competitividade e rendimento, características do esporte contemporâneo.

Na contemporaneidade, os povos indígenas vivem uma contínua relação social com outros grupos étnicos e com a sociedade nacional, tornando inevitável a troca de saberes, conhecimentos e valores diferentes da cosmologia que compõem sua criação. As mudanças partiram da necessidade de se adaptar às novas condições de vida das sociedades indígenas em contato com a sociedade nacional, proporcionando uma nova organização desses grupos, porém sem perder a essência e o significado dos jogos e brincadeiras na cultura tradicional.

No entanto, Guttmann (2004) cita certos aspectos do esporte que não estavam presentes inicialmente nas práticas corporais, tal como os jogos e as brincadeiras

indígenas. Entre os aspectos citados estão o secularismo, a igualdade, a racionalização, a especialização, a organização burocrática, a quantificação e o recorde. Para o autor, o esporte contemporâneo é uma atividade desvinculada de cerimônias e demais festas religiosas, o que difere das práticas corporais indígenas, como os jogos, danças e brincadeiras. O autor ainda afirma que o elo entre o real e o transcendental foi rompido, pois quando ocorre uma regulamentação objetivando a competição, essa prática é desvinculada da espiritualidade.

Ao considerarmos os jogos como forma de manifestação cultural dos povos indígenas, encontramos amparo legal na Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas, Artigo 31 da UNESCO. Vejamos:

Os povos indígenas têm o direito a manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais, suas expressões culturais tradicionais e as manifestações das suas ciências, tecnologias e culturas, compreendidos os recursos humanos e genéticos, as sementes, os medicamentos, o conhecimento das propriedades da fauna e da flora, as tradições orais, as literaturas, os desenhos, os esportes e os jogos tradicionais e as artes visuais e interpretativas (UNESCO, 2009, p. 35-36).

No Brasil, estes direitos estão constituídos no Artigo 217 da Constituição Federal de 1988, que trata do esporte em suas diferentes manifestações como direito social de todo cidadão, cabendo aos povos originários também usufruírem desses mesmos direitos enquanto brasileiros. Com estes direitos garantidos e com o apoio do então Ministro Edson Arantes do Nascimento, foram criados os Jogos dos Povos Indígenas, que tiveram início em 1996, com o lema "celebrar e não competir", sendo Marcos Terena o maior responsável pela implantação e difusão dos Jogos Indígenas do Brasil.

Os Jogos dos Povos Indígenas deram origem aos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas em nível internacional, reunindo grupos étnicos de vários países, tendo como o primeiro evento celebrado em 2015. Estes eventos esportivos são realizados na cidade, o que os torna complexos e com grandes desafios a serem vencidos, segundo Ferreira (2010, p. 65). Conforme a autora, isso ocorre em virtude de alguns fatores relacionados, entre eles, à língua. No entanto, esses jogos têm sua importância quando levamos em consideração o ponto de vista cultural desses povos.

A história de origem desses jogos se confunde com a dos Jogos do Triângulo Tukano, pois eles não surgiram como um passe de mágica, mas sim pensados e idealizados por lideranças indígenas a partir de demandas dos povos que tinham como

um dos principais objetivos a união e o fortalecimento da identidade cultural dos grupos indígenas dessa região.

Tanto para os Jogos dos Povos Indígenas quanto para os Jogos do Triângulo Tukano, o final da década de 70 e os anos 80 foram períodos importantes para a concretização dessas celebrações esportivas. A ideia de realizar os jogos dos povos indígenas em nível nacional ocorreu durante a participação de uma delegação indígena nos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's). Foi durante esse período que as lideranças, comandadas pelos irmãos Terena, tiveram a ideia de realizar uma espécie de olimpíadas esportivas indígenas no Brasil para celebrar um grande encontro tribal entre diferentes etnias. A primeira edição do evento ocorreu em Goiânia, em outubro de 1996, com a presença de 25 etnias e mais de 400 atletas, colocando em pauta o protagonismo indígena no esporte, como podemos perceber em Camargo, Ferreira e Simson (2011) ao declararem que:

Os Jogos dos Povos Indígenas representam importantes aquisições etnosociopolítico-esportivas no Brasil. Além do mais, são um movimento genuíno, pois não há em outro país evento semelhante a este. Os atores principais são dois líderes indígenas, Marcos Terena e Carlos Justino Terena, idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas. A vivência esportiva destes líderes os iluminou na construção desta experiência (Camargo; Ferreira; Simson, 2011, p. 32).

Com estes mesmos direitos garantidos, ainda que não legitimados nessa região por desconhecimento dos amparos legais, os povos do Triângulo Tukano idealizam uma das maiores mobilizações esportivas em prol da sobrevivência e resistência cultural. Os Jogos do Triângulo Tukano, diferentemente dos Jogos dos Povos Indígenas e dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, acontecem em meio à floresta amazônica, sem contar que oficialmente a primeira edição destes jogos nesta região ocorreu em 1988, oito anos antes da primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas. O que nos leva a considerar o Triângulo Tukano como um dos pioneiros na questão dos jogos indígenas em território brasileiro.

Figura 12 – Futebol e prova de canoagem



Fonte: Grupo Pari-Cachoeira, 2023.

Ao se apropriarem dos esportes contemporâneos, esses povos os transformaram em uma celebração esportiva e cultural. Com essa apropriação, também houve a incorporação de algumas regras básicas, consideradas essenciais para o bom entendimento do jogo. Atualmente, no período que antecede o evento, inicia-se a preparação dos atletas com o objetivo de aprimorar seus desempenhos. Neste período, além da preparação técnica e tática convencional, é acrescentado um elemento cultural, voltado às crenças e práticas locais. Assim, a preparação dos atletas envolve dois estilos distintos: o técnico/tático e o cultural.

3.3 O processo de preparação tradicional dos Jogos do Triângulo Tukano

O Triângulo Tukano habitualmente promove torneios e campeonatos em suas próprias comunidades, nos quais é possível identificar a preferência pelo esporte convencional. Só em Iauaretê, por exemplo, existem atualmente 11 equipes masculinas de futebol e 6 times femininos. Esse número considerável de equipes também é comum em Pari-Cachoeira e Taracuí, quando são realizadas atividades esportivas. Além de terem se tornado tradição em datas comemorativas, esses pequenos eventos têm um objetivo maior: a preparação para os Jogos do Triângulo Tukano. No período que antecede a data de realização do evento, a preparação das equipes é intensificada e passa por uma reorganização para compor as seleções que representarão cada modalidade. A partir disso, iniciam-se dois tipos de preparação: a preparação técnica/tática e a preparação cultural.

A preparação desportiva, relacionada à técnica/tática, fica a cargo dos coordenadores de ligas locais. Eles se organizam e cada membro da comissão fica responsável por treinar uma modalidade esportiva, tais como futebol, futsal, voleibol, basquetebol (nas categorias masculina e feminina), assim como as provas individuais de arco e flecha, mergulho, canoagem, corridas e demais modalidades. A preparação também inclui o estudo de regras nacionais, que os próprios atletas fazem questão de seguir, exigindo que as competições sejam regidas com base nas regras nacionais e atuais.

Essa preparação acontece geralmente em dois momentos: pela manhã, a partir das 6h, envolvendo a preparação física com a intenção de melhorar o condicionamento dos atletas para que possam suportar o duelo em campo; o segundo momento ocorre sempre a partir das 17h e está mais voltado à preparação técnica/tática, tendo em vista que esses atletas têm compromissos, trabalhos e afazeres domésticos a serem cumpridos.

Esse tipo de preparação, considerada convencional pelos atletas e lideranças dos distritos, envolve corridas e exercícios físicos. Essa experiência com os exercícios físicos advém das aulas de Educação Física e é um complemento das próprias atividades diárias desempenhadas no cotidiano desses atletas que, sem perceber, já trabalham seu condicionamento físico, pois caçar, pescar, coletar, fazer o plantio e participar de jogos tradicionais, danças e rituais já podem ser consideradas uma preparação física. É importante entendermos que a preparação física é uma especialidade dentro do campo da Educação Física, em que se organiza uma rotina de treinamentos com certa finalidade e objetivos específicos. Essa rotina inclui exercícios que desenvolvam capacidades físicas, tais como força, velocidade e potência, dentre outras.

A apropriação das modalidades esportivas pelas comunidades do Triângulo Tukano ocorreu de forma convencional, como já mencionado anteriormente. A adoção de regras e equipamentos básicos necessários para a prática das diferentes modalidades esportivas faz-se necessária e importante para que haja maior satisfação, empenho e orgulho em defender sua equipe e sua comunidade.

Esses aspectos são percebidos na fala deste atleta ao dizer que

[...] as regras dos jogos mudaram muito, principalmente as regras do futsal. Em Taracuaá, quando a gente faz torneios, ainda são com regras antigas, a gente precisa seguir regras atuais. Eles ainda usam regras antigas que a gente tem dificuldade de entender (E. A. M., 2024).

Quanto a outros equipamentos de jogos, os atletas afirmam que cada jogador, individualmente, providencia o seu, conforme o nível de recurso disponível, pois a comunidade não os providencia, a não ser os disponibilizados para o dia do evento.

Os atletas e as lideranças entrevistadas ressaltam que esses dois momentos de preparação não interferem em suas tarefas diárias, ficando claro o gosto e a satisfação pela prática desportiva, observado na fala da atleta de Pari-Cachoeira, que afirma: "Os jogos do Triângulo incentivam os torneios locais, dão motivação e alegria total, é um jeito da gente brincar, de se divertir do jeito bom" (Y. R. T. P., 2024). Conforme essa atleta de Pari-Cachoeira, quem pratica esportes canaliza sua energia para o lado bom da vida, pois, segundo ela, apesar de não haver muitos casos envolvendo drogas ilícitas, existem muitas brigas motivadas pelo uso exagerado de bebidas alcoólicas, sem contar as formações de grupos identificados como "galera".

Esses são alguns dos problemas sociais que têm desafiado as lideranças e a população de Pari-Cachoeira nos últimos tempos. Mas é nesse cenário que o esporte se apresenta como uma alternativa e possibilidade de uma vida mais saudável. Portanto, a prática do esporte é uma maneira de canalizar a energia para uma vivência mais harmoniosa com o próprio eu e o meio em que vivem.

Nesse sentido, os Jogos do Triângulo Tukano se apresentam como uma das poucas alternativas para a juventude, porque as atividades desenvolvidas por meio deles transcendem a sua própria realização enquanto atividade física esportiva. Ou seja, sua importância vai além de uma simples demonstração de força, de habilidade, velocidade, destreza ou cumprimento de regras, ao ser capaz de reforçar valores sociais importantes como a cooperação e o respeito à natureza e à cultura.

O segundo tipo de preparação, considerada de grande importância na concepção indígena e que não pode faltar, é a preparação cultural. Esta se baseia nos costumes ancestrais e é levada muito a sério, pois envolve o corpo e a parte espiritual. Mesmo com o contato com outras culturas não indígenas e as mudanças de estilos e modos de viver, certas tradições da cultura local ainda são mantidas, como podemos observar em Barreto (2021), ao ressaltar que:

Os povos indígenas do Alto Rio Negro dão atenção especial aos cuidados do corpo, principalmente via *bahsese* e uso de plantas medicinais para evitar a ação dos agentes de *doatise* ou *duhtitise* e os ataques que causam o desequilíbrio da pessoa (Barreto, 2021, p. 91).

Esse cuidado, que podemos chamar de preparação cultural, tem início ainda em seus distritos e comunidades nos momentos que antecedem a viagem para a sede do evento. Conforme o autor acima citado, levando em consideração a visão dos benzedores, a melhor maneira de cuidar da pessoa é fazendo a prevenção antecipada por meio do *Bahsese*, pois, segundo ele, "os povos do Alto Rio Negro são, essencialmente, preventivos" (Barreto, 2021, p. 88). Podemos perceber essa ação através da explanação deste colaborador já mencionado anteriormente, ao falar como ocorre a cerimônia do evento:

[...] Durante a abertura dos jogos a gente pega mais pro lado da nossa cultura indígena, e um pouco da não indígena, que é mais essa parte de hastear a bandeira e hino nacional. Fora isso tem dança do *Capiuwaia*, *cariçu*, rituais de benzimento de toda parte onde vão acontecer os jogos, faz toda essa cerimônia (H. G. M. L., 2024).

Os preparativos espirituais e corporais ocorrem principalmente por meio de benzimentos, como podemos verificar na fala de uma das lideranças citada acima, ao declarar que: "Nós povos indígenas temos as nossas crenças, e a gente acredita muito nessas crenças. Agora, para os não indígenas, independente se ele vem do Rio de Janeiro para São Gabriel, não vai afetar em nada" (H. G. M. L., 2024).

Segundo o entrevistado, para os não indígenas, não haverá problema ao se deslocarem de qualquer um dos estados para a região amazônica, pelo fato de não conhecerem e por não acreditarem nessa concepção. Essa visão pode ser compreendida em Barreto (2021), ao corroborar com este pensamento ressaltando que,

as visões pouco especializadas sobre o assunto entendem quase sempre a prática de tais especialidades sob a perspectiva religiosa, que acaba por produzir certo imaginário sobre os papéis dos especialistas indígenas (Barreto, 2021, p. 89).

Isso nos leva a perceber que, na cultura local, essa preparação faz parte da concepção cosmológica regional, onde a água, a terra, a floresta e os animais possuem vida. Sem contar que, nestas comunidades, existem alguns locais considerados sagrados e, quando esses espaços são desafiados por pessoas que não passaram previamente por um ritual de proteção, elas podem enfrentar sérios problemas, que vão desde problemas de saúde leves, como machucado, mal-estar, pequenas fraturas, ou doenças mais graves, que podem levar à morte prematura dos atletas ou outros componentes da delegação.

Nesse sentido, a preparação cultural ou espiritual dos atletas é um elemento de extrema importância por conta dessas questões citadas acima e, conforme a visão do colaborador, para que não ocorra nenhum tipo de problema com a delegação, eles precisam de pessoas com muita sabedoria e experiência ancestral, como o benzedor, para cuidar da parte espiritual desses atletas que, na explicação do entrevistado, "o benzimento é a parte de fechamento do corpo, onde você faz uma proteção" (H. G. M. L., 2024).

Diante disso, o trabalho de preparação espiritual é acompanhado por um especialista na arte do benzer. Esse trabalho se inicia antes da viagem, continua ao chegar ao local do evento e na volta da delegação para as suas comunidades de origem. Conforme H. G. M. L. (2024), "Tudo isso tem a ver, porque o benzedor vai ser uma pessoa que vai proteger espiritualmente e vai conduzir espiritualmente o evento, aliando-se aos demais especialistas de outros distritos".

No entanto, esse tipo de preparação não se limita apenas à proteção. Esses recursos vão muito além disso, também são transformados em meios para melhorar a performance dos atletas, principalmente quando percebem que vão enfrentar uma equipe mais bem preparada e com chances de vencer a prova em questão. Quando esse perigo é percebido, o benzedor entra mais uma vez em ação, utilizando-se de seu poder e sabedoria ancestral para potencializar a parte espiritual e física dos atletas por meio dos benzimentos. Isso fica claro na explanação do entrevistado quando nos diz:

Na questão do esporte, dos jogos em si, vamos supor que tem um adversário bastante forte, então ele precisa também equipar esses jogadores para que eles sejam bastante fortes para enfrentar e ganhar daquele time adversário. E o outro, do outro lado, vai fazer a mesma coisa. Então, cada um se equipa com a potencialidade que ele tem. Como a gente bem sabe, só vai sair um vencedor, então, diante disso, tem muitas coisas ligadas a essa parte, porque acaba juntando a preparação técnica/tática com a preparação espiritual (H. G. M. L., 2024).

Tendo em vista que os recursos utilizados pelos distritos são capazes de determinar a equipe vencedora, é preciso considerar que essa disputa vai além da disputa terrena, uma vez que ela transcende o espaço físico. Pois, sempre que é percebida uma equipe forte e bem treinada, o benzedor precisa potencializar a equipe à qual pertence, e esse fator pode ser o elemento surpresa do qual o colaborador faz referência, dizendo: "Como a gente bem sabe, só vai sair um vencedor, então, diante disso, tem muitas coisas

ligadas a essa parte, porque acaba juntando a preparação técnica/tática com a preparação espiritual" (H. G. M.L., 2024).

Entende-se, portanto, que o benzedor também tem um papel importante na preparação dos atletas, pois cada delegação usa como recurso aquilo que tem de melhor e mais poderoso: a preparação técnico/tática aliada à preparação cultural/espiritual. Esses dois fatores podem influenciar o resultado dos jogos.

4 O FENÔMENO ESPORTIVO NO TRIÂNGULO TUKANO

No último capítulo, buscou-se evidenciar as contribuições dos jogos indígenas e não indígenas para os diálogos interculturais na região do Triângulo Tukano, as vivências lúdicas que ocorrem no cotidiano e durante os jogos. Neste capítulo será abordado de que forma esses jogos favorecem a diplomacia e o diálogo nessa região de fronteira Brasil/Colômbia, a visão das lideranças sobre a celebração cultural e esportiva, suas reflexões acerca dos desafios enfrentados ao longo das edições e continuidade do evento. É discutido também os resultados e as conclusões a respeito do que foi investigado neste estudo, tendo como base as análises das falas dos colaboradores e as reflexões teóricas que deram sustentação à pesquisa.

4.1 As vivências da ludicidade no Triângulo Tukano

Inicialmente, será dado destaque ao aspecto da ludicidade que ocorre durante os jogos interétnicos do Triângulo tukano por meio das práticas desportivas em que se dá a troca intercultural quando se faz o jogo, e por meio da diversão produzida por ele. Este fator se torna primordial para todas as comunidades indígenas, uma vez que o lúdico pode se constituir como fator de referências sobre o conceito da vida desses grupos culturais.

Para entender a existência da ludicidade desportiva intercultural precisamos trazer o conceito de ludicidade, não como um conceito acabado, mas como algo que traga a compreensão da sua essência, o que nos remete a Huizinga (1990), por defender que o lúdico é parte integrante da cultura presente em todas as atividades que proporcionam sensações de prazer e descontração, pois o lúdico está interligado com o estado interno do sujeito que vivencia uma experiência de forma plena.

Este mesmo autor enfatiza que o desporto sob o ponto de vista cultural, pode ser considerado uma base social de grande relevância para as sociedades indígenas. O estado de satisfação é percebido na fala deste interlocutor, ao narrar como eram as suas brincadeiras quando criança. "Antes a gente brincava de corrida, remar de canoa, mergulhar no rio, nadar, apostava mesmo quem ganhava. A gente fazia arco e flecha pra brincar, brincadeiras comuns do dia a dia" (M. C. M., 2024).

Na visão de Kishimoto (2001, p. 9), é por meio das brincadeiras que ocorrem o compartilhamento de valores culturais, tais como, ideias, emoções, tomada de decisões, cooperação, socialização e interação. Este outro autor vai mais além, declarando:

afinal, não são somente as crianças indígenas que estão aprendendo com as práticas lúdicas, mas todos os sujeitos que estão inseridos na realidade cotidiana da comunidade, até mesmo os adultos e os idosos (Costa, 2013, p. 48).

Os habitantes do Triângulo tukano em sua trajetória milenar vivenciou o lúdico por meio das brincadeiras tradicionais que foram sendo repassados oral e naturalmente por gerações, e posteriormente outras que não faziam parte desta cultura, mas no decorrer dessa trajetória foram introduzidas por meio do contato com a cultura não indígena que se deu nesta região, ocorrendo a apropriação de outras atividades ligados aos jogos esportivos. Costa (2013) nos fala que:

(...) a ludicidade indígena acontece em ambientes que fazem parte do cotidiano infantil, na família ou comunidade, de acordo com os significados culturais das pessoas que ali vivem. As crianças, ao brincar, vão descobrindo e aprendendo no convívio com seus pares, familiares próximos ou parentes da mesma idade ou até mais velhos, quando em visitas, reproduzem suas brincadeiras e repassam seus conhecimentos, em atividades que propõem uma construção social e cultural (Costa, 2013, p.14).

Podemos perceber que a cultura lúdica tem relação com o local em que as pessoas compartilham suas histórias, seus valores, fazeres da vida cotidiana, ou seja, as relações que se estabelecem no meio social e a natureza, espaço onde se dá a construção dos conhecimentos e saberes ancestrais. É por meio das brincadeiras que ocorrem as apropriações dos significados de forma lúdica, é brincando que elas aprendem a dançar, cantar, jogar, ser mãe, ser homem e mulher indígena, ou seja, uma pessoa única, em seu grupo.

Atualmente, existem vários estudos a respeito do lúdico, no entanto, no passado foi pouco abordado, principalmente no Brasil, apesar de possuir imensa diversidade de brincadeiras e jogos tradicionais no qual ocorrem a ludicidade ligada à cultura dos diversos grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira. Para as autoras o livro *Jogos/brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos de Beleni Saléte Grando, Severiá Idioriê Xavante e Neide da Silva Campos* (2010), o jogo por ser uma atividade imprevisível, pode revelar outras maneiras de ganhar

o jogo, onde todos se tornam vencedores não pelo resultado obtido, mas pela experiência vivenciada que levam a certos aprendizados que são importantes para o desenvolvimento social e pessoal.

Partindo desta reflexão, podemos considerar que assim como o desporto, a ludicidade também se faz presente no Triângulo Tukano por meio das brincadeiras e jogos desportivos. Essas atividades, no geral, têm relação com a vida social do grupo e muitas vezes refletem situações do cotidiano grupal, como percebida na fala do entrevistado (M. C. M. 2024) que, ao recordar a infância, afirma que antes as brincadeiras eram corridas, remar de canoa, mergulhar no rio, nadar. Eram criadas apostas para ver quem conseguia ser mais veloz, mais resistente, quem tinha melhor pontaria, e eram brincadeiras consideradas comuns do dia a dia, mas que faziam parte do processo de aprendizagem no contexto indígena.

Em uma pesquisa realizada por (Reis, 2020), na região de São Gabriel da Cachoeira, a pesquisadora destacou a identificação 43 tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras de 8 diferentes etnias indígenas entre eles (Tukano, Piratapuya, Baniwa, Baré, Cubeo, Tariano, Potiguara e Dessano). A partir dessa pesquisa é possível afirmar que o acervo de jogos/brinquedos e brincadeiras indígenas é de uma imensa diversidade nesta região, e todas elas envolvem o aspecto lúdico.

Portanto, ao considerarmos as 23 etnias que coabitam este espaço da região do Triângulo tukano e comunidades em torno do município, teremos uma enorme quantidade de jogos, brinquedos e brincadeiras. Conforme a autora, "a grande maioria dos jogos e brincadeiras envolveram as dimensões motoras, culturais e de relações sociais", as quais ela agrupou nas seguintes categorias:

- (1) brincadeiras de contingência física;
- (2) brincadeiras de exercício sensório-motor;
- (3) brincadeiras de contingência social;
- (4) brincadeiras de construção;
- (5) brincadeiras turbulentas;
- (6) brincadeiras simbólicas/faz de conta;
- (7) brincadeiras de regras (Reis, 2020, p. 93).

Tanto os jogos esportivos quanto as brincadeiras apresentam uma dimensão lúdica educativa e se justificam à medida que se constituem como espaços privilegiados de aprendizagens sociais, de resistência e afirmação de identidades individuais e coletivas

na região do Triângulo Tukano. Na concepção de Jurema, "O jogo é vida porque está sempre ligado em disputa, na sobrevivência e na manutenção viva das tradições". "O jogo, para esses povos, é sem dúvida um meio de expressar seus costumes" (Jurema, 2001, p. 17). O autor também faz menção à importância dos jogos como base social para os amazônidas ao afirmar que:

Pela caracterização dada ao jogo e pela maneira como os indígenas conseguiram mudar suas vivências em função do que era permitido, incorporando a sua cultura dados exteriores, alheios às suas crenças foi possível entender o jogo como fundamento social de grande valor para a cultura amazônica (Jurema, 2001, p. 18).

Os Jogos do Triângulo Tukano apresentam um espaço privilegiado de atividades lúdicas, por envolver durante a celebração as práticas tradicionais e jogos esportivos nacionais, a partir de uma relação de pertencimento, de fortalecimento dos laços de parentesco, da unidade familiar dentro da própria diversidade cultural. Este espaço é permeado pela ludicidade que a cada edição se faz presente provocando um clima de descontração que favorece novas experiências que propiciam novos encontros entre as etnias, que perpetuam novos saberes em suas comunidades de origem e que tem sua culminância final durante a celebração dos jogos.

No que se refere ao esporte, este a partir de sua institucionalização e regulamentação, entre outras funções, também se configura como ação social na medida em que é capaz de proporcionar o aspecto lúdico durante as competições ou jogos esporádicos, isso nos remete:

[...] a compreensão de que em sua realização deve prevalecer o sentido lúdico, a livre escolha na participação e a construção pelos próprios sujeitos envolvidos de valores, sentidos e significados à prática do esporte". Por meio dele o ser humano só, em pequenos grupos, ou em multidão, é capaz de vivenciar situações esportivas lúdicas e prazerosas (Brasil, 2008, p. 10).

Ao partir dessa mesma perspectiva, Almeida (2011) afirma que o esporte além de ser uma prática com função social, se desenvolve e assume outras configurações a partir de um contexto social em que ocorre sua apropriação, pois considera:

O esporte é uma prática social apropriada de forma diferenciada em realidades específicas. Ele se expande a outras configurações, devido sua apreensão por outros grupos sociais que lhe conferem um sentido

diferenciado. O sentido atribuído ao esporte pode ser diferente daquele que é dominante, na medida em que se pode construir outra prática corporal (Almeida, 2011).

Considerando que os jogos tradicionais e o esporte por meio de suas diferentes modalidades proporcionam momentos diferenciados e prazerosos na região do Triângulo Tukano, este, ao passar por ressignificação e adaptação, tem se mantido como um dispositivo social entre essas comunidades. Uma vez que contribuem no processo de amadurecimento, desenvolvimento infantil e afirmação, promovendo um processo de socialização e descoberta do mundo cosmológico de seu grupo social.

4.2 O diálogo intercultural e a diplomacia no espaço fronteiriço: Brasil e Colômbia

Sob um olhar na região do Triângulo Tukano, com sua representatividade multiétnica, torna-se importante compreender as dinâmicas sociais e políticas do Triângulo Tukano, *locus* desta pesquisa. Portanto, houve a necessidade de se debruçar sobre o conceito teórico do termo interculturalidade, utilizado em pesquisas que remetem a uma reflexão da importância que este conceito representa para a preservação da cultura dos povos originários da região amazônica.

Na percepção de L. Sato (2016, p. 2), a interculturalidade ocorre: "quando diversas culturas convivem, agem, reagem, transformam e se compõem e na qual as sínteses culturais são realizadas o tempo todo". Ou seja, os atores sociais em um espaço em comum compartilham objetivos e ações comuns, tornando-os fortalecidos grupalmente.

A. Ferreira e M. Silva (2023) apresentam o conceito de interculturalidade como base para a elaboração de políticas e práticas que resultam na interação, na compreensão e no respeito entre as diferentes culturas e grupos étnicos.

R. Campos e M. Silva (2023) afirmam que, na era contemporânea, o conceito de interculturalidade apresenta elevada relevância quando se pensa na globalização e no constante fluxo humano entre diferentes localidades, culturas e conhecimentos. Os autores ressaltam também que este conceito pode ser definido como intercâmbio, encontros, conexão, interação entre diversas e diferentes culturas, e essa troca gera o mutualismo, o cooperativismo, a compreensão e o respeito entre as diversas e diferentes culturas. Contribuindo com este pensamento, M. Vasconcelos (2019) enfatiza que o conceito de interculturalidade surgiu com o intuito de demonstrar que as diferentes

culturas podem conviver de modo democrático, integrando-se e sem anular suas próprias práticas culturais.

Seguindo esta mesma premissa, os autores F. Faustino *et al.* (2022) expõem que a interculturalidade tem um papel de reconhecer e buscar relações equilibradas entre povos e culturas diferentes. Referindo-se à interculturalidade indígena, há de se ressaltar que, na década de 1980, a UNESCO propagou este termo para inseri-lo no contexto educacional dos povos indígenas. A evolução do conceito se apresentou no Brasil com a Constituição Federal de 1988 e com as reformas educacionais na década de 90 e, a partir disso, foi se consolidando nas políticas públicas brasileiras.

Das abordagens conceituais do termo interculturalidade, R. Campos e M. Silva (2023) afirmam que a interculturalidade possibilita olhar a cultura alheia como diferente e amplia nossos horizontes, sem vê-la como inferior nem superior, mas que deve ser respeitada por ser diferente. Todas essas características promovem a igualdade e a justiça social dentro de um processo dinâmico. Portanto, ao considerar a interculturalidade como um processo dinâmico, a interculturalidade no Triângulo Tukano não se resume a um simples encontro de culturas, ela pode ser considerada um processo dinâmico de práticas de interações complexas e mútua transformação, em que o diálogo entre as culturas não indígenas e indígenas, e entre diferentes povos, gera uma contínua negociação de identidades e valores.

Esse fenômeno pode ser analisado sob diversas perspectivas teóricas, sendo uma delas a de B. S. Santos (2010), que propõe uma "ecologia dos saberes", na qual os conhecimentos e práticas de diferentes culturas se entrelaçam de maneira não hierárquica, respeitando as diversas formas de existência e as múltiplas cosmovisões.

No caso específico do Triângulo Tukano, a interculturalidade se manifesta de diversas formas, como o intercâmbio de produtos, saberes, rituais e até mesmo relações de parentesco entre diferentes povos indígenas do Brasil e os indígenas que vivem em território colombiano. A convivência entre os grupos não implica uma dissolução das diferenças culturais, mas sim um processo de adaptação e reinvenção, em que elementos de outras culturas são absorvidos e reinterpretados conforme a lógica da cosmologia do grupo.

Outro notório exemplo do papel da interculturalidade é a presença do Estado e da sociedade não indígena no Triângulo Tukano. Além das relações entre os diferentes povos indígenas, o Triângulo Tukano também é um espaço de intensa interação com a sociedade não indígena e o Estado brasileiro. A exemplo disso, podemos citar a presença de agentes

do governo, militares do Exército Brasileiro e de congregações religiosas. Nessa convivência, as políticas para as populações indígenas têm gerado um campo de disputas e resistência intercultural.

A interculturalidade aqui se coloca como uma tentativa de negociação e contestação dos valores e práticas impostos pelas políticas assimilacionistas e integracionistas do Estado, como se observa, por exemplo, nas intervenções de missionários católicos ou protestantes que atuam na região.

Um exemplo dessa negociação intercultural é a maneira como as 23 etnias têm se apropriado de tecnologias, práticas religiosas e linguísticas externas, sem renunciar a sua própria cosmovisão. A adaptação do catolicismo, por exemplo, no contexto do Rio Negro, revela um processo de sincretismo, no qual os elementos cristãos são combinados com rituais tradicionais indígenas, criando formas de expressão religiosa e cultural.

No que se refere à linguagem dos povos indígenas nesta região, são aproximadamente 16 línguas faladas, dentre as quais o Tukano, propriamente dito, é a que possui maior número de adeptos. Sendo assim, a língua tem um papel central na construção da interculturalidade no Triângulo Tukano. O sociólogo P. Bourdieu, ao discutir o conceito de "capital linguístico", nos ajuda a compreender como as línguas indígenas, como o tukano, o tariano, o baniwa e demais grupos se posicionam frente à língua dominante, como o português. A manutenção das línguas indígenas é um ato político de resistência cultural, e o uso dessas línguas, tanto nas interações intraétnicas quanto nas relações com os não indígenas, é um mecanismo importante de afirmação de identidade.

A diversidade linguística do Triângulo Tukano, que reúne muitas línguas pertencentes ao mesmo tronco linguístico, mas com significativas diferenças, é também uma forma de interculturalidade. A prática do multilinguismo entre as populações indígenas da região permite uma flexibilidade comunicativa que, em muitos aspectos, reflete a capacidade de adaptação e resistência dessas comunidades às dinâmicas de poder e ao contato com a sociedade maior.

Os desafios da interculturalidade no Triângulo Tukano estão principalmente relacionados à preservação das culturas e línguas indígenas frente à crescente pressão das políticas públicas e do mercado. O processo de escolarização, por exemplo, é um ponto central. As escolas indígenas da região enfrentam o desafio de conciliar os conteúdos curriculares nacionais com os conhecimentos tradicionais, sem comprometer as práticas culturais e linguísticas locais. Em muitos casos, as escolas se tornam espaços de mediação

intercultural, onde se busca um equilíbrio entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico, de forma que ambos sejam valorizados.

Além disso, a questão do território é central para as dinâmicas interculturais no Triângulo Tukano. A luta pela demarcação e proteção das terras indígenas é, por um lado, uma luta pela preservação do modo de vida tradicional, mas também um campo de intercâmbio entre diferentes visões sobre a natureza, a propriedade e o uso dos recursos. Nesse sentido, a interculturalidade se torna também uma forma de resistência contra a crescente ameaça de invasões de garimpeiros, madeireiros e outros interesses externos.

A interculturalidade no Triângulo Tukano é um fenômeno complexo, que envolve não apenas o contato e a interação entre culturas distintas, mas também um processo contínuo de reinvenção e resistência. Para os povos indígenas da região, a interculturalidade não significa assimilação e homogeneização cultural, mas sim a possibilidade de reconfigurar e fortalecer suas próprias identidades frente aos desafios do mundo contemporâneo.

Para entender a interculturalidade nesse contexto, é necessário adotar uma abordagem multidisciplinar que considere as dimensões linguísticas, sociais, políticas e culturais dessa dinâmica, e que reconheça a importância da preservação e valorização dos conhecimentos e práticas tradicionais, ao mesmo tempo em que se busca um diálogo construtivo com outras culturas e com a sociedade envolvente.

O conceito de interculturalidade é um tema de grande relevância para os estudos sobre povos indígenas, especialmente quando consideramos os processos históricos, sociais e culturais de interação entre diferentes povos. No contexto do Triângulo Tukano, a interculturalidade é um fenômeno complexo, que reflete tanto as relações de convivência entre diversos grupos indígenas da Amazônia quanto as interações com a sociedade não indígena de um mundo globalizado.

Portanto, o Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano tornou-se um espaço de interação e de diálogo intercultural. O diálogo intercultural acontece no evento de forma diferenciada, e os nativos assumem a participação principal quando se apresentam em grupo aos visitantes as danças e rituais escolhidos por cada etnia. Esse momento é conhecido como "noitada cultural", que é prestigiada pela participação de todos. São momentos únicos em que cada etnia tem um espaço para apresentar seu ritual, com instrumentos, vestimentas, as pinturas corporais que os identificam e são carregadas de simbologias e significados que revelam, além da arte, a sua espiritualidade.

Esse espaço participativo também se estende às delegações da Colômbia, para que possam expressar sua cultura, representando assim o seu país. É importante salientar que todas as comunidades que se fazem presentes no evento podem participar, significando uma grande união entre os povos do Triângulo Tucano. O ápice da festa é quando todos interagem, dançando, bebendo, abraçando, maneira pela qual fortalecem os laços de amizade, irmandade e união familiar que, entre a celebração e disputa dos jogos, surgem por identificação o namoro que muitas vezes leva à união matrimonial.

Este movimento esportivo, idealizado pelos jovens de Pari-Cachoeira, já dura mais de quatro décadas e desempenha um papel fundamental na prática da interculturalidade, pois promove a preservação, laços de familiaridade, interação, compreensão e respeito mútuo entre os Tukanos e demais grupos étnicos na difusão de suas práticas tradicionais e culturais.

4.3 A visão de lideranças indígenas sobre os jogos esportivos do Triângulo Tucano: reflexões e desafios

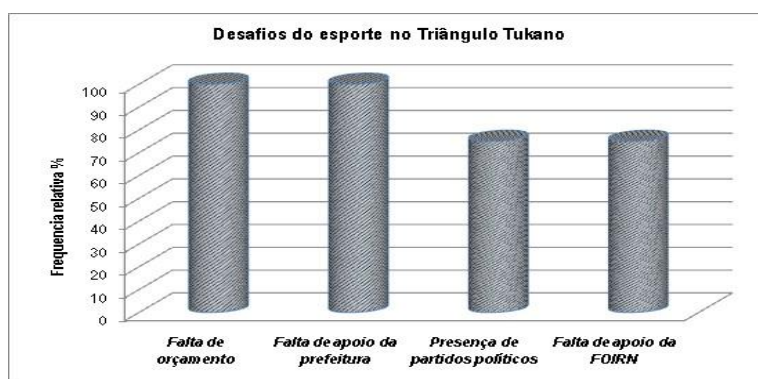
Neste tópico, abordamos a percepção das lideranças acerca do Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tucano, os fatores que impediram ou limitaram a realização do evento nos últimos sete anos, suas reflexões e os desafios atuais.

Conforme apontado no Gráfico 3 (Desafios enfrentados no evento Triângulo Tucano), os principais fatores citados são:

- Falta de orçamento
- Falta de apoio da prefeitura
- Presença de partidos políticos
- Falta de apoio da FOIRN

Esses desafios ressoam com a observação de L. Soares (2016, p. 55) de que "O político nunca está desvincilhado do econômico, por isso o investimento político do corpo, está sempre ligado, segundo as relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica." Isso sugere que as dificuldades financeiras e de apoio institucional podem estar intrinsecamente ligadas a questões políticas que afetam a continuidade e o sucesso do evento.

Gráfico 3 – Desafios enfrentados no evento Triângulo Tucano



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Os participantes da pesquisa salientaram que um dos fatores que contribuíram para a paralisação dos jogos no Triângulo Tucano é a falta de investimento e a inexistência de orçamento para a realização do evento. Também foi citada a dificuldade econômica que Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracúá têm enfrentado, como, por exemplo, a falta de recursos próprios. As ligas locais não possuem um fundo próprio, sem contar que a maioria das pessoas não é assalariada; são poucos os que recebem salários, e mesmo assim não têm como arcar com as despesas de deslocamento para a sede dos jogos.

Tendo em vista o panorama econômico apresentado por essas comunidades, torna-se inviável suprir a demanda com a logística necessária para a realização do evento. A logística tem aumentado consideravelmente com a implantação de novas práticas esportivas, o que levou ao crescimento do número de participantes nessas modalidades.

Entre as demandas citadas, está a escassez de materiais específicos, tais como: bolas de futsal, vôlei, futebol, basquete; uniformes adequados para cada modalidade (masculino e feminino), bem como alimentação, meios de transporte e combustível para manter a energia elétrica, dentre outras coisas. Segundo as lideranças, a premiação também é insuficiente, uma vez que as comunidades não possuem recursos financeiros destinados à compra desse e de outros materiais.

Outro fator limitante apontado pelos entrevistados está relacionado ao apoio da Prefeitura, que, conforme as lideranças, é indispensável para a realização do evento. A falta desse apoio acaba prejudicando as edições dos Jogos do Triângulo Tucano. Afinal, sem a parceria com este órgão municipal torna-se quase impossível sua realização, tendo em vista que os gastos com este evento são inviáveis para a comunidade-sede dos jogos e também para os demais participantes, pois Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracúá se encontram muito distantes uma das outras e precisam se deslocar de barco para a sede dos jogos, o que exige um custo bastante alto.

Os problemas estruturais também fazem parte desse contexto, como podemos perceber por meio da manifestação das coordenadorias locais ao afirmarem que:

Entre os anos 2017 a 2022, ou seja, no período que não ocorreu o evento “Triângulo Tukano”, a Quadra Poliesportiva de 24m x 22m = 528 m² não passou por reforma, inclusive, as obras de pavimentação de ruas e iluminação pública feitas há dois anos, requer reparo e melhoramento em Pari-Cachoeira, rio Tiquié (Cipa/Lep, 2023).

A prova desse descaso é exposta pela Coordenação Indígena Pari-Cachoeira – CIPAC e Liga Esportiva Pariense – LEP no projeto do plano para execução dos jogos que deveria ser realizado em 2023. Portanto, o descaso e a falta de comprometimento do poder público municipal continuam sendo um dos maiores desafios para a continuidade e o bom andamento dos jogos do Triângulo Tukano. Os desafios enfrentados pelo Triângulo Tukano são reforçados por meio da fala deste entrevistado ao declarar que:

O investimento é um dever do próprio município e do estado, então se o município não está fazendo esse investimento visando a melhoria da qualidade de vida das comunidades, como é que os comunitários que vivem nas comunidades vão ter dinheiro suficiente para melhorar a estrutura, e fazer o evento. Então quem tem de fato que financiar tudo isso é o município e estado através das emendas parlamentares (H. G. M. L., 2024)

Ao complementar seus argumentos, o colaborador ainda ressalta que “[...] para que a gente pudesse realizar os jogos com mais eficácia, o governo municipal estadual precisaria fazer o seu papel” (H. G. M. L., 2024), pois, conforme ele próprio, até este momento não há comprometimento de ambas as esferas, o que dificulta a realização do evento e contribui para a sua descontinuidade.

Outro fator citado com relação ao evento é que, quando este acontece em ano de eleição, serve de palanque para políticos que pretendem se promover com o objetivo de conquistar os eleitores e aproveitam o momento esportivo para realizarem propagandas eleitorais, muitas vezes dividindo a opinião dos participantes, criando desavenças por opiniões e retirando o foco dos participantes durante as competições.

Fato que leva as lideranças a um entendimento de que não há interesse por parte do poder público em valorizar essa manifestação cultural do Triângulo Tukano, a não ser em épocas de anos eleitorais, quando usam de sua força política para ajudar o evento, diferentemente, segundo as lideranças, do que acontece com os campeonatos esportivos

que ocorrem no meio urbano de São Gabriel da Cachoeira, nos quais é perceptível o interesse em promover tais atividades.

Foi descrito também que a participação da FOIRN enquanto representante majoritária dos povos indígenas do Rio Negro deveria dividir a responsabilidade em custear os gastos com a logística do evento, pois, como já mencionado, o movimento esportivo contribuiu para a mobilização de criação da federação através de um trabalho que se iniciou com os povos do Triângulo Tukano. No entanto, conforme os atuais diretores da instituição, este órgão não tem a função de promover o evento esportivo, e sim de apenas apoiar.

O apoio da FOIRN, segundo um dos diretores deste órgão, se dá por meio de projetos de cunho sustentável para que o evento não dependa de candidatos e partidos em épocas eleitorais do município de São Gabriel da Cachoeira, quando este evento ganha visibilidade. Entretanto, para as lideranças, isso não é suficiente, pois, como órgão representativo, a participação nessa questão envolvendo recursos financeiros deveria ser mais eficaz.

Todavia, tanto para as lideranças quanto para os atletas, é notória a falta de engajamento e apoio, até mesmo para a criação e desenvolvimento de projetos voltados para dar apoio ao evento, como acontece em relação a outros setores, como o do artesanato indígena. Mesmo com as cobranças e demandas que as comunidades apresentam, a federação e o movimento indígena, advindo lá dos primórdios dos jogos do Triângulo Tukano, não demonstram interesse na melhoria e execução concreta do evento.

Em se tratando desta manifestação cultural atualmente, o entrevistado abaixo, ao fazer sua reflexão a respeito do evento, demonstra uma clara preocupação ao ressaltar que atualmente deveria haver um momento específico para os jovens pudessem conhecer o passado de luta que fora determinante para a história que se construiu sobre os direitos constituídos.

Os jogos do Triângulo Tukano precisam ser melhor organizados, porque o investimento de qualquer forma, o recurso público tem que ser bem utilizado. Aproveitar a parte esportiva para os jovens, para os adultos, à noite, a noite cultural que a gente chama, é mais pra brincadeiras, para dançar, brincar (crianças, jovens, adultos). Mas em algum momento, deveria ter também um momento político, dizendo o porquê e como surgiu os jogos do Triângulo Tukano, quem foram seus idealizadores, as histórias da política da FOIRN, que eles não contam, é pouco contado para os jovens atuais. Eles devem conhecer essa história porque, por exemplo, por que hoje temos tantos indígenas estudando em várias universidades? Porque a gente lutou pra isso, pra

que um dia a gente tivesse essas parcerias, tudo foi através de luta (M. C. M., 2024).

As conquistas são adquiridas por meio de lutas e reivindicações por direitos igualitários, até mesmo dentro de seu próprio grupo étnico. Por isso, não podemos deixar de mencionar os desafios, as barreiras culturais que as mulheres enfrentaram para que elas pudessem ser de fato inseridas no contexto dos jogos de maneira mais plena, tendo em vista que esta sociedade, desde os primórdios, prega que o papel das mulheres indígenas é tão somente cuidar dos afazeres domésticos, procriar e cuidar da família. Estas questões culturais vieram à tona quando abordamos a participação do público feminino nos jogos do Triângulo Tukano.

A inclusão feminina no cenário esportivo, segundo as narrativas dos interlocutores, ocorreu gradativamente nos jogos. Conforme as edições foram acontecendo, também foi ocorrendo a mudança de pensamento com relação à participação das mulheres, tendo em vista que elas sempre dominaram as práticas esportivas tradicionais, porque faziam parte de seu universo comunitário quando criança. No entanto, com relação ao esporte convencional, havia uma resistência maior por parte dos próprios familiares, mas com o passar do tempo houve a aceitação delas nestas práticas consideradas até então de domínio dos homens.

Figura 13: Participação Feminina no Esporte



Fonte: Edmar Barreto - Iauaretê, 2023 e Trinidad/Colômbia, 2023.

Diante disso, podemos dizer que as mulheres conquistaram o seu espaço, libertando-se de um pensamento machista e patriarcal que imperava nas sociedades

indígenas e, a partir disso, passaram a garantir a igualdade de participação no evento. Atualmente, elas dominam tanto as modalidades esportivas convencionais quanto os jogos tradicionais e são aceitas sem problema nenhum, seja ela solteira, casada ou separada. Porém, ainda assim, enfrentam alguns desafios em suas comunidades, principalmente com relação aos materiais esportivos e ao espaço para a prática desportiva.

Percebe-se, portanto, a necessidade de criar melhores condições estruturais para que o público feminino também tenha espaço para essa prática e que seja contemplado com materiais básicos para não depender de terceiros, e que de fato haja a inclusão de forma efetiva tanto em suas comunidades quanto nos jogos do Triângulo Tukano. Esta reflexão é reforçada na explanação deste colaborador ao salientar que:

[...] a única dificuldade que elas têm é a questão dos espaços para um lazer no nosso distrito, nós temos pouco espaço para praticar esportes, então sempre acontecem às disputas entre homens e mulheres por espaço, vamos dizer assim, com relação à quadra. Os homens também têm mais material esportivo para brincar e as mulheres não. Aí tem que contar com o apoio dos homens para usar o material, então isso dificulta bastante, mas assim, se tivesse essa estrutura, talvez a participação das mulheres fosse melhor. Todas as mulheres independentes de serem solteiras, casadas, quem tem condições de jogar, quem pratica esporte, podem participar (Entrevista, H. B. A., 2024).

As diferentes visões retratam a realidade dos jogos do Triângulo Tukano e sugerem uma nova forma de agradar e chamar atenção do público jovem atual, masculino e feminino. Na visão deste jovem de 27 anos, Tukano e um dos membros atuais da liga de Iauaretê, ressalta que o ideal seria uma nova versão de jogos voltados para a juventude estudantil, para que eles tivessem possibilidade de participar dos jogos escolares do Amazonas. Conforme este atleta, nos jogos do Triângulo Tukano, não há limite de idade, e nos JEA's, este critério é exigido. Pensando dessa forma, o atleta, ao fazer essas colocações, sugere:

Seria muito interessante esses jogos entre os alunos, até agora, só houve uma participação da escola São Miguel em 2011, ele foi convidado para participar dos jogos escolares. Aí esse ano foi uma equipe de Basquete representar o município em Manaus, como São Gabriel não tinha representante nessa modalidade, Iauaretê que é muito forte nesse esporte, fez parte da delegação do município. Então os alunos foram representar o município, por isso que eu acho que para os jovens, tinham que ter essa categori (A. E., 2024).

A liderança citada abaixo também compartilha desse mesmo pensamento exposto pelo atleta, ao dizer que os jogos precisam de inovação. Isso porque, segundo sua concepção, a geração é outra, as motivações são diferentes. Portanto, é preciso pensar numa forma de investir na formação da juventude sem ter que ficar semanas sentado ouvindo palestras, reuniões, seminários intermináveis.

Esta liderança deixa clara sua visão sobre a atual conjuntura de formação cultural, que já não cabe mais atualmente, e a partir dessa visão, ele faz a seguinte declaração:

Eu acredito no outro tipo de movimento inovador para envolver os jovens onde eles sintam orgulho de ser indígena. E qual o resultado desses seminários, saem daqui e vão fazer o que com isso? São coisas que eu fico fazendo questionamentos (D. B., 2024).

Este ainda é enfático ao dizer que eles, ou seja, a sua geração, já deram sua contribuição, e que está na hora dessa atual geração tomar as rédeas do jogo. Contudo, essa nova geração precisa lutar para garantir a continuidade das conquistas frente à nova era globalizada, na qual não tem como escapar, mas tem que saber lidar com isso, e uma das coisas é valorizar a cultura e a identidade indígena, conhecer e saber contar a história do seu povo e "Nunca dizer que a cultura de fora é melhor e daqui não é". Isto porque, segundo sua visão, "a cultura tem que ser local, tem que estar forte, se não um vence o outro, agora se os dois têm força aí um complementa o outro" (B. B., 2024).

De modo geral, enquanto espaço político, o evento esportivo deu lugar à fala para aqueles jovens que até então tinham que evitar se expressar na língua nativa, pois nos internatos eram obrigados a dialogar somente na língua portuguesa e, se falassem em qualquer uma das línguas das famílias linguísticas, eram severamente repreendidos.

Mediante a esse contexto histórico do Triângulo Tukano, podemos dizer que as lideranças e atletas veem como importantes as questões políticas, culturais e tradicionais, fortalecidas com o evento e independentemente de ser mais perceptível para um ou outro, pois as questões que nortearam o evento foram ações de manifestações políticas, e em todos os momentos houve posicionamento de ideias, diálogos, debates. E assim se deu a organização e o fortalecimento dos movimentos e mobilizações que tiveram os jogos como aliado na ação político-social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que se propôs esta pesquisa, os dados analisados nos permitem demonstrar que o evento do Triângulo Tukano, em suas diversas edições planejadas para acontecer de forma intercalada nos três diferentes distritos de Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracúá como sede, tem sido fundamental para a valorização das culturas indígenas, promovendo a equalização de possíveis diferenças que possam surgir em relação ao outro, suas produções artísticas e práticas tradicionais.

Os dados informados evidenciaram que o evento vai muito além da competição esportiva, atuando como um mecanismo de preservação e transmissão de saberes intergeracionais. A troca de conhecimentos entre os mais velhos e os jovens, possibilitada por esse encontro, contribui para a continuidade das tradições, garantindo que os costumes, os rituais e as expressões artísticas sejam ressignificados e perpetuados ao longo do tempo. Esse aspecto ressalta a importância dos jogos como uma ferramenta de fortalecimento do patrimônio imaterial dos povos indígenas do Rio Negro.

Outro ponto importante que podemos referenciar é a função dos Jogos do Triângulo Tukano como uma plataforma de fortalecimento político e cultural dos movimentos indígenas. O evento proporciona um espaço onde as comunidades reafirmam sua identidade e promovem o sentimento de coletividade e pertencimento, ao mesmo tempo em que favorecem o diálogo intercultural e reforçam estratégias de resistência sociopolítica. Nesse sentido, os jogos emergem como uma importante ferramenta de luta pela valorização da diversidade étnica, pela garantia dos direitos indígenas e pela preservação de seus territórios e modos de vida.

Sendo assim, podemos afirmar que o Evento Cultural Desportivo Indígena do Triângulo Tukano não é apenas uma celebração esportiva, mas um evento central para a cultura, para a identidade e a autonomia política dos povos indígenas da região. Sua continuidade é fundamental para a consolidação dos laços comunitários, a manutenção das tradições e a projeção dos movimentos indígenas como agentes ativos na construção de suas próprias narrativas e políticas culturais.

As análises dos dados apontam que os povos indígenas têm, nesses jogos e práticas ancestrais, a oportunidade da criação de uma plataforma política e cultural que tem contribuído para a consolidação dos movimentos indígenas, crescendo na identidade

indígena social o sentimento da coletividade, do diálogo intercultural e estratégias de resistência.

O estudo apresenta também o indicativo de que as comunidades indígenas do Triângulo Tukano, ao se apropriarem do esporte, o transformaram em um importante mecanismo de valorização cultural, uma vez que possibilita o diálogo intercultural, contribuindo para a afirmação da identidade coletiva, além de colaborar na retomada de antigas práticas esportivas como os jogos tradicionais indígenas.

Portanto, o esporte, enquanto importante fenômeno sociocultural do século XXI, por meio da prática das modalidades nacionais aliadas às práticas de jogos tradicionais, configurou-se como uma importante ferramenta que produziu impactos positivos na sociedade do Triângulo Tukano, oferecendo outras possibilidades para a valorização das tradições culturais e desportivas que foram deixadas de ser praticadas por um longo período, mas que continuavam vivas na memória dos anciãos.

Em síntese, ressaltamos a dualidade do esporte como fenômeno sociocultural, destacando tanto seu papel positivo na revitalização das tradições indígenas do Triângulo Tukano quanto os desafios (pontos negativos) que permeiam sua continuidade e a garantia do sucesso do evento. Contudo, há de se ressaltar que, na visão dos atletas e lideranças, os aspectos positivos se sobressaem sobre os negativos, visto que eles percebem os jogos somente sob a ótica positiva, mesmo com os evidentes impactos sofridos, as limitações e desafios vividos em décadas passadas e atualmente.

Historicamente, as práticas esportivas oriundas da cultura ocidental, por um longo período, foram utilizadas como mecanismos de imposição cultural e desequilíbrio das tradições indígenas. No entanto, o recente contexto dos Jogos do Triângulo Tukano revela um movimento de ressignificação, no qual o esporte passou a atuar como um veículo de fortalecimento identitário e de resistência cultural. Contudo, há de se considerar que os fatores limitantes e os desafios de continuidade do evento também fazem parte deste contexto que tem seu marco inicial em 1988, indo até 2017, ano da última versão desses jogos, e, que até o presente momento, a data de realização ainda continua indefinida, porém com possibilidade de acontecer em setembro de 2025.

Um aspecto bastante significativo a destacar é a maneira como a memória coletiva dos anciãos sustentou a continuidade dos jogos tradicionais, mesmo em períodos em que a prática foi interrompida. Esse fato demonstra a força das tradições orais e do conhecimento ancestral na manutenção da cultura, reforçando que, mesmo diante da

modernização e das influências externas, a identidade indígena permanece viva e resiste ao apagamento histórico.

Entretanto, a descontinuidade dos jogos a partir de 2017 aponta para as fragilidades estruturais em sua organização e sustentação, sugerindo que a preservação dessas manifestações culturais ainda depende de fatores externos, como apoio governamental, políticas públicas e engajamento comunitário. Se, por um lado, a realização do evento proporcionou um espaço de intercâmbio intergeracional e de reafirmação cultural; por outro, sua interrupção levanta questionamentos sobre a falta de investimentos e estratégias de longo prazo para garantir sua permanência.

Essa reflexão nos leva a pensar em como garantir que esses jogos não se tornem apenas uma memória, mas continuem sendo uma prática viva para as futuras gerações. A necessidade de integrar políticas culturais sustentáveis, incentivos educacionais e maior envolvimento das comunidades locais torna-se evidente para que esse patrimônio imaterial não apenas sobreviva, mas se fortaleça.

Portanto, esta discussão nos convida a pensar criticamente sobre os desafios da manutenção das tradições indígenas na contemporaneidade, destacando que a luta pela preservação cultural vai além do desejo de manter vivas as práticas tradicionais – essa luta exige estratégias concretas e sustentáveis que garantam que esses saberes não se percam no tempo.

É extremamente relevante refletir sobre o esporte que, quando aliado ao contexto indígena de forma respeitosa e integrada, pode ser um instrumento de resiliência, identidade e pertencimento. Para isso, é fundamental superar os obstáculos que impedem sua continuidade e assegurar que o protagonismo indígena seja mantido em todas as etapas desse processo.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Aparecida Eufelia Fonseca. A língua Ye'pá Mahsã como linguagem e prática social: inter-relação entre língua, cultura e diversidade sociocultural na sede do Distrito de Taracá, São Gabriel da Cachoeira-AM. 2022. 163 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, 2022.
- AZEVEDO, M. M. Povos Indígenas no Alto Rio Negro: um estudo de caso de nupcialidade. In: PAGLIARO, H.; AZEVEDO, M. M.; SANTOS, R. V. (orgs.). **Demografia dos povos indígenas no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 33-57. ISBN: 978-85-7541-254-1.
- BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse**: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. 2021.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRASIL. **Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena**. 2. ed. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.
- BRASIL. Ministério do Esporte. **Material Didático do Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Brasília: Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2008.
- BUCHILLET, Dominique. “**Pari-Cachoeira**: O laboratório Tukano do Projeto Calha Norte.” In: 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1989.
- BUCHILLET, Dominique. “Pari-Cachoeira: o laboratório Tukano do projeto Calha Norte.” In: RICARDO, C. A. (org.). **Povos Indígenas no Brasil 1987/88/89/90**. São Paulo: CEDI, 1991. p. 107-115.
- CABALZAR, Aloisio. ricardo, Carlos Alberto. [editores]. **Povos indígenas do Rio Negro**: uma introdução à socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira. 3. ed. rev. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2006.
- CAMARGO, Vera Regina; FERREIRA, Toledo Maria Beatriz Rocha; VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Jogo, celebração, memória e identidade**: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos Jogos.
- CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO – CEDI. Acervo ISA – Instituto Socioambiental. Acervo socioambiental. **Povos indígenas do Brasil – 85/86**. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/I4l00028.pdf>.
- COSTA, Edmar Menezes da. As práticas indígenas na comunidade Taba Lascada em Roraima. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- COSTA, Edmar Menezes da. As práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada em Roraima. 2013. 141 f. **Dissertação** (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

DUTRA, Israel Fontes. Pari-Cachoeira e Trinidad: convivência e construção da autodeterminação indígena na fronteira Brasil-Colômbia. 2008. **Dissertação** (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.8.2009.tde-08022010-105540.

FAUSTINO, R. C.; GEHRKE, Marcos; GOMES, A. G. P.; PERES, Delmira de Almeida. A interculturalidade na educação escolar indígena. **Teoria e Prática da Educação**, v. 25, n. 1, p. 174-189, 2022.

FERREIRA, M. B. Rocha. **Jogos dos povos indígenas**: diversidades. O público e o privado, n. 16, jul./dez. 2010.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **A canoa do tempo**: tradição oral e memória indígena. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto65/FO-CX-65-4274-2011.PDF>. Acesso em: 13 fev. 2025.

FUNDO INDÍGENA DO RIO NEGRO – FIRN. **Histórico**. Disponível em: <https://firn.foirn.org.br/historico/>. Acesso em: 13 dez. 2024.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; COLLET, C. E.; SEOANE, A. M. **Corpoconsciência**. Cuiabá-MT, v. 22, n. 03, p. 115-127, set./dez. 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, v. 1, n. 2, p. 79-86, jul./dez. 2005.

GRANDO, B. S.; XAVANTE, S. I.; CAMPOS, N. da S. Jogos/brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. In: GRANDO, B. S. (org.). **Jogos e culturas indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 89-122.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990. 242 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Etnias e demografia Tukano**. 2023. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1606>. Acesso em: 13 dez. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Coordenadoria das organizações indígenas do Tiquié, Uapés e Afluentes**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Arapaso>. Acesso em: 13 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Etnias do Rio Negro**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Etnias_do_Rio_Negro.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Etnias do Rio Uarupés**: Tukano. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>. Acesso em: 13 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Indígenas no Brasil (1996-2000)**. Campinas, SP: 2011. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-1996-2000>. Acesso em: 13 dez. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Povo: etnias do Rio Negro**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Etnias do Rio Negro>. Acesso em: 13 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Povoado indígena de Iauaretê: perfil socioeconômico e atividade pesqueira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017 (Fórum - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro).

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Povos indígenas do Rio Negro**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Etnias do Rio Negro>. Acesso em: 13 dez. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Etnias e demografia Tukano, 2023**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1606>. Acesso em: 13 dez. 2024.

IUBEL, A. F.; SOARES, R. M. O movimento das lideranças no Rio Negro: trajetórias, transições e continuidade. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 19, n. 3, e20230106, 2024. doi:10.1590/2178-2547-BGOELDI-2023-0106.

JUREMA, Jefferson. **O universo mítico-ritual do povo Tukano**. Manaus: Editora Valer, 2001. 196 p.

KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

REZENDE, Padre Justino Sarmiento. A língua materna: a voz da cultura e da espiritualidade dos povos indígenas. **Le monde Brasil diplomatique**. Edição 215, 15 de jun., 2025. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/voz-da-cultura-e-da-espiritualidade-dos-povos-indigenas/>.

LEIS ESTADUAIS. **Lei Ordinária n. 5796-2022**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/am/lei-ordinaria-n-5796-2022-amazonas-declara-o-municipio-de-sao-gabriel-da-cachoeira-como-a-capital-estadual-dos-povos-indigenas>. Acesso em: 13 dez. 2024.

ORLANDI, Enir P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PGTA DIA VII – **Plano de Gestão Territorial e Ambiental**. Coordenadoria das Organizações Indígenas do Tiquié, Uaupés e Afluentes, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde Indígena. **Plano Distrital de Saúde Indígena – DSEI Alto Rio Negro, 2024-2027**. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai/planos-distritais-2024-2027/plano-distrital-alto-rio-negro/%40%40download/file/Plano%2520Distrital%2520->

[%2520Alto%2520Rio%2520Negro.pdf&ved=2ahUKEwjespauxICOAxVbDrkGHSTwIjUQFnoECBYQAQ&usg=AOvVaw2nUDHu7vDMYZvUj1dZGrBr.](#)

POVO INDÍGENA DO BRASIL. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>.

REIS, Patrícia Rossi dos. Interculturalidade e sustentabilidade: jogos e brincadeiras indígenas na educação física escolar. **Dissertação**. UFAM, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCOLFARO, Aline. [org.] **Povoado indígena de Iauaretê**: perfil socioeconômico e atividade pesqueira. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017 (Foirn - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro).

SOARES, Artemis de Araujo. **O corpo na ritualística Tikuna**. Manaus: Edua, 2014.

VINHA, Marina; FERREIRA, M. B. Rocha. Esporte entre os índios Kadiwéu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 145-158, maio 2003.